

Lustosa da Costa

Rache o Procópio !

Crônicas

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

Lustosa da Costa, colunista do Diário do Nordeste em Brasília, onde trabalhou na sucursal de "O Estado de São Paulo" e do "Jornal da Tarde", é e foi sempre jornalista. Desde os fugazes tempos do "Correio da Semana" em Sobral até ser Editor-Chefe, em Fortaleza, do "Correio do Ceará" e de "Unitário" já extintos. Seu romance *Vida, Paixão e Morte de Etelvino Soares* conta as desventuras de um jornalista nordestino no começo do século.

Eis como o poeta Francisco Carvalho se referiu ao último livro do autor:

Prezado amigo Lustosa da Costa:

Acabo de ler seu livro de crônicas e me junto imediatamente à unanimidade que o vem aplaudindo em numerosos espaços da mídia. O seu livro é gostoso de se ler pelas muitas qualidades que possui. Uma delas é a leveza com que você relata fatos e episódios do nosso cotidiano de povo colonizado e ludibriado pelos mistificadores de todos os naves e calibres. O Blanchard Girão tocou no ponto central da questão. "Lustosa é saboroso. Pelo estilo suave, sem sinuosidade, dizendo com exatidão o que deseja dizer". É isso mesmo. Em todas as crônicas do seu livro, o prato de resistência é a sedução do estilo solto e correntio, fluindo o tempo todo como esses regatos nordestinos formados pelas chuvas torrenciais do começo do inverno. O jornalismo é a crônica dos acontecimentos inadiáveis, das tragédias humanas que ocorrem a todo momento e que desse modo precisam chegar à mesa do leitor quando ainda estão fumegantes. É o prato feito, às pressas, para alimentar nossa fome voraz de fofoqueiros atávicos. A crônica é uma espécie de jornalismo mais sofisticado. Tem o seu lado evocatório, traz à tona o que se encontra no fundo das gavetas dos arquivos. Mas não se imagine que escrever crônicas é como pescar de anzol numa lagoa abarrotada de peixes. Por trás de uma crônica, como de um

poema de qualidade, está um mundo de sonhos, de esperanças, de expectativas, de frustrações, de namoradas eventuais, de infâncias amarrotadas e de bicicletas quebradas que foram parar nalgum sôtão visitado pelos morcegos. As crônicas de Lustosa da Costa nascem de uma caudalosa vertente lírica que se espalha por todo o livro. Falando de sua vida ou contando episódios relacionados com a vida de outras pessoas, ou com as impressões que lhe ficaram das muitas viagens que empreendeu pelo vasto mundo, Lustosa não perde a graça nem a verve, nem essa irreverência eciana que é a marca permanente de sua escritura de todos os dias. Em *Sonho de Pobre*, o observador contumaz dos desconcertos humanos desenha este flagrante de traços irônicos: "Um milico amigo, desses que não bebe, não fuma, faz regime, anda religiosamente dez quilômetros, todas as manhãs, fidelíssimo à pátria e ao cônjuge, sofreu enfarte do miocárdio e quase se foi desta a melhor". Quem se der ao prazer de ler as crônicas de Lustosa da Costa, vai encontrar nelas motivos de sobra para se deliciar com os encantos do livro. Os fatos mais corriqueiros, as anedotas mais surradas são por ele transformados em narrativas ágeis e de colorido atraente. Lustosa é igualzinho àqueles mágicos de circo que tiram da cartola pombas e fitas de todas as cores e fazem com que pedaços de jornais se transformem em rosas vermelhas aos olhos da platéia. Por tudo isso, resolvi concluir este bilhete com estas justas palavras do sempre correto Edmilson Caminha Júnior, no início do prefácio que escreveu para o livro de Lustosa da Costa: "...o texto de Lustosa permanece como literatura e literatura de muito boa qualidade - sobrevivendo aos que se produzem para durar apenas 24 horas".

Francisco Carvalho



*O ex-Reitor Martins Filho e seu editado,
jornalista Lustosa da Costa.*

UFC

**CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL**

Para V. Exa Ma-
iêl, o apor,
de Linhares,
U

**Rache o
Procópio !**

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

COORDENADOR

Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho

José Murilo Martins

Geraldo Jesuino da Costa

CAPA

Assis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto Dantas

Lustosa da Costa

Rache o Procópio !

C r ô n i c a s

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL
1998

LIVROS PUBLICADOS

- A descapitalização do Nordeste no setor privado (bancos) Fortaleza, 1961
- Anuário do estado do Ceará, co-autoria com Dorian Sampaio, Fortaleza, 1971-1972
- Anuário do estado do Ceará, co-autoria com Dorian Sampaio, Fortaleza, 1971-1974
- Ideologia do favor – Curral e Cabresto, Fortaleza, Stylus Comunicações Ltda, 1977
- Por eu sou candidato, Fortaleza, 1978 (Edição do Autor)
- Sobral do meu tempo, Brasília, 1982 (Coleção Lima Barreto – Senado Federal)
- Cartas do beco, Fortaleza, Stylus Comunicações, 1983
- A travessia, Brasília, Coleção Hipólito José Costa (Senado Federal), 1984
- Fortaleza, meu amor, Stylus Comunicações, 1987
- Clero, nobreza e povo de Sobral, Centro Gráfico do Senado, 1987
- Louvação de Fortaleza, Edições Casa de José de Alencar, Programa Editorial. Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1995.
- Vida, paixão e morte de Etelvino Soares, S. Paulo, Editora Maltese, 1996.
- No Après-Midi de Nossas Vidas, Edições Casa de José de Alencar, Programa Editorial. Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1997

Aos amigos

Ivone
e
Luiz Carlos Aguiar

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
O arranjo do coronel Mário Leal	13
Quando emprego público não era pecado	15
Morri e não sabia	18
Se eu.....	19
Os prazos de viver	21
O canalha, uma longa paciência	24
A vez da avó e outras antigas lembranças	27
A sagrada fome de aparecer e o mistério da lagosta	30
A Morte do Cronista	33
Champã, mulheres, música	35
O Ceú? Juro, chego lá	38
O fervor das tardes e o costume das madrugadas	41
Sacrifício que todos querem	44
Casamentos desfeitos	47
Uma questão de tempo	50
O Barão de Mauá	53
Inspiração e transpiração	55
Portador merece pancada	58
Esses adoráveis mentirosos	62
Esses maridos travessos e suas desculpas maravilhosas	65
Os mitos do meu tempo	69
Conheça o seu lugar	72
Depois do susto, ostras com champanhe, em Paris	75
Voar devia ser só com os pássaros	78
Arroz de mariscos em Portugal	81
Formalismo	84
O poder: seus encantos e seus prejuízos	87
A síndrome do distraído	89
A informática chega à Bahia	93

Enfim, uma coisa nobre: a morte	95
Como segurar o casamento	98
Uma vida a serviço do prazer alheio	100
Questão de fé.....	103
O tempo, esse inimigo	104
Um cabeça-chata oriental	107
Minha amiga, a garrafa	110
Ainda no hospital.....	113
Perder não é tudo	119
Fome de bandeira e questões nacionalistas	122
Felicidade no casamento	125
Caminho do êxito	128
Nem todos são assim	130
O voto é secreto, cabra!	133
Já fui rico	137
Questão de direitos	140
Um coronel do Piauí	142
Minha amada piauiense	146
Abdias, o piau-úcho	149
Histórias do Presidente	152
Perdi a conta das gafes que cometi	156
Vaidade! Tudo é vaidade	160
O quanto melhorei	163
Histórias de chuva em tempo de seca	166
Notícias de Sobral (Somos escravos dos objetos).....	168
Mens sana	171
A vida é simples, os fatos, também	173
Um vencido na vida	176
Vaidades e veleidades; o sacrifício que todos querem	179
O insuperável encanto dos livros	182
A arte de furtar.....	185
20 anos de Brasília	188
Entre o céu e o inferno	191
Despertava tanta inveja que recebia até carta anônima	193

Sapatos novos	196
A importância do “Sexta-feira”	197
Foi mais um ano que passou em nossas vidas	201
Amigos para sete dias	205
Brasileiro não dá gorjeta	209
Rache o Procópio	213
ÍNDICE ONOMÁSTICO	215

APRESENTAÇÃO

eis aí “Rache o Procópio!” que reacende a velha discussão sobre o que é conto e o que é crônica. Ele reúne muitos “causos”, principalmente “causos” urbanos que alguns poderiam chamar contos. Não me julguei com o direito de me apresentar como contista, razão por que chamei o livro de crônicas, o que me pareceu mais adequado.

Porque o publico?

Publicamos um livro para nos vermos livres dele, é o que se atribui a Jorge Luís Borges. Também o fazemos para lutar contra o olvido. Na esperança de que ele dure mais que nós na memória dos homens. Está aí razão de “Rache o Procópio!”. Ele sai a lume por conta do ex-Reitor, Martins Filho, que virou meu editor, na fecunda jovialidade de seus 92 anos, e desde então, não sossega enquanto não me converter em escritor. E entra com sua parte. O resto é meu encargo.

O ARRANJO DO CORONEL MÁRIO LEAL

Papini criou um personagem que some, desaparece, faz-se de morto. É o falecido Matias Pascal. Borges fala de um conto de Hawthorne, "Wakefield" em que a personagem foge de casa, ficando, em suas imediações, durante mais de vinte anos antes de se dispor a voltar. Agora mesmo, em Brasília, temos o caso desse viúvo sem falecida. Isto é, sem o cadáver da mulher, sua possível vítima. Mais sutil sempre me pareceu o coronel Mário Leal, chefe udenista de Jucás que, não sei por que cargas d'água, recebia cartas de Luiz Carlos Prestes e era acusado, pelos inimigos, de despachar os incômodos, através de tarrafas. De acordo com as calúnias, espalhadas pelos desafetos, costumava convidar tais pessoas para pescarias noturnas no açude de sua fazenda, nas quais elas se enredavam nas tais redes de pescar e ali ficavam para sempre. Tudo invenção. Mário Leal era muito mais fino do que poderiam supor.

Taí o caso de um compadre de seu amigo José Gadelha, de Souza, na Paraíba, que se meteu numa briga ao fim de que, apareceu morto o contendor. Para evitar sofresse constrangimento, Gadelha pediu a seu colega de Câmara, Figueiredo Correia, o acolhesse em sua fazenda em Alto Santo, no Ceará. Foi o que aconteceu.

Figueiredo, porém, andava tão cheio de dedos com o constrangimento, que o foragido se picou. Foi pras terras do coronel Mário Leal, em Jucás. O certo é que, uma vez dá de cara com ele, descuidoso, despreocupado, feliz, flanando na pracinha da cidade. Interpela-o, curioso:

QUANDO EMPREGO PÚBLICO NÃO ERA PECADO

Quando ainda não éramos do primeiro mundo, emprego público não era vergonhoso como vício secreto ou doença vexatória, tal como ocorre hoje em dia. Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade foram funcionários públicos federais e não negavam. Lembro-me de que, logo após concluir o curso jurídico, fui nomeado procurador da IPASE, o último nomeado por Jango. E considerava aquilo uma conquista. Hoje é que vejo que é feio, é pecado, é horrível ser marajá, me desculpem.

Por tudo quanto temos visto e vivido, nunca emprego foi tão importante no Brasil. É que ele está sendo duramente ameaçado. O público, pela guerra que se move contra o setor, há algum tempo. O privado pela recessão que, há um ano, nos acinzena os dias.

Napoleão não acreditava no emprego público como arma política. Ao contrário, era cético quanto a seus resultados e o dizia: “Quando faço uma nomeação, ganho um ingrato e onze inimigos”.

Quanto mais pobre o Estado, mais valor tem o emprego público. Gomes de Matos costumava dizer que o emprego público, no Ceará, era tão disputado quanto um cajuí seco, no sertão dos Inhamuns, perseguido por um bando de maracanãs.

O que a gente não faz de papel feio para conquistar ou manter cargo bom. Lembro-me, agora, do pai de Capitu, o Pádua que, quando perdeu uma comissão, o DAS daquela época, se desesperou, pensou em se matar. Foi a mãe de Bentinho, seu futuro genro, quem o dissuadiu do suicídio.

No governo de Juscelino Kubitschek morreu o presidente da Caixa Econômica do Ceará, Vicente Alves Linhares, pai de Marcelo Linhares. Quando chegou, quase de madrugada, ao Palácio do Catete, como o fazia todos os dias, o presidente encontrou uma pilha de cabogramas de seus correligionários cearenses, pleiteando o lugar. Bem humorado, JK comentou: “O PSD cearense não dormiu de ontem para hoje. Passou a noite na Western”.

Durante o governo Parsifal Barroso, importante auxiliar, Omar Paiva, morreu, de madrugada, num desastre automobilístico. Um outro foi o primeiro a chegar à residência do governador, na Avenida Santos Dumont, para dar a notícia e pleitear a vaga. Parsifal, assustado com a sofreguidão, recomendou-lhe: “Deixe pelo menos o homem ser enterrado”.

O Lisboa era advogado da Polícia, um empregão naquele tempo. Foi também vítima de desastre automobilístico grave. Parecia gravemente enfermo. Fatal. Cedo, cedo, a residência do governador ficou coalhada de candidatos. Parsifal indagou de um dos mais insistentes postulantes:

– “Como é, o homem morre mesmo?”

– “Morre! Eu garanto. E ainda hoje”.

Graças a Deus, o Lisboa escapou e está aí vivinho para contar a história. De seu acidente, não resta, sequer, memória. A não ser da sofreguidão dos outros.

Contam as lendas que um jovem engenheiro cearense, João Felipe Pereira, foi encaminhado ao presidente Floriano Peixoto, por um amigo comum, que o queria empregar no serviço público.

O marechal recebeu-o, leu a carta de recomendação e perguntou no ato:

“Quer ser ministro?”

O pau-de-arara não entendeu. Nem podia.

O presidente trovejou:

– “Quer ser meu ministro?”

Ele balbuciou qualquer coisa que o marechal ouviu como assentimento e mandou logo fazer o ato de sua nomeação para o Ministério da Viação.

Outra história envolve o saudoso oftalmologista Ricardo Gouveia. Em determinada fase da vida, ele se dedicou a empobrecer alegremente. (Quem dizia isto era o papa João XXIII: “Existem três maneiras de empobrecer alegremente: no jogo, com as mulheres e na agricultura. Minha família escolheu, justamente, a última, a menos divertida”.) Segundo o folclore, Ricardo, certa vez, comprou um touro premiado de exposição. Tão caro que dava vontade de ficar pastorando ele. Ricardo, que já tratava o vaqueiro a pão-de-ló, redobrou-lhe as mordomias, encarecendo todo cuidado com o reprodutor. Que o vigiasse, toda noite, antes de se recolher. Que não o deixasse dormir amarrado para não se embarçar. Antes de voltar a Fortaleza, fez-lhe mil recomendações. Não deu outra. Um mês depois, chegou a notícia. O empregado vacilara. O touro amanheceu enforcado. Ricardo ficou uma fera. Foi à fazenda. Ouviu, calado, as desculpas amarelas que lhe foram dadas. A certa altura, pediu a carteira profissional do empregado. Tudo indicava que assinaria ali mesmo, sua demissão. Ele pensou, pensou, e cravou na carteira aumento. De cinquenta para cento e cinquenta mil cruzeiros. O empregado ficou besta ao ler a anotação da melhoria. Seu amigo, Paulo Carapeba, também sem entender nada, indagou mais tarde:

“Como é que você premiou quem lhe deu prejuízo tão grande?”

“Que prêmio? Ele ganhava cinquenta. Ganhará cento e cinquenta no fim do mês quando vou demiti-lo. Ele pode arranjar emprego de cinquenta. De cento e cinquenta, jamais...”

MORRI E NÃO SABIA

Quando vou entrar no novo restaurante de comidas do Mediterrâneo, *Abajour da Adi*, um conhecido que degusta seu cachimbo na calçada para não perturbar os outros fregueses, me cumprimenta e como há muito não me vê, me dá pêsames pelo “falecimento do nosso querido Lustosa da Costa na Europa”. Está comovido e explica porquê: “Gostava muito do Lustosa.” Aceitei e agradei os cumprimentos. Podia haver-lhe dito que realmente andei raspando o travessão em Paris, ano passado, em junho, mas escapei graças à perícia de seus cirurgiões*. Ia, porém, desmobilizar a compunção e o sentimento do amigo. Sem jeito, calei, para não o decepcionar, preferindo continuar morto a seus olhos. Logo, porém, dele me despedi e entrei no restaurante, sobrevivente de mim mesmo. Olhei-me no espelho para conferir se era eu mesmo quem me olhava, se continuava vivo. Por segurança, telefonei para casa a fim de saber de Raquel se eu ainda era gente ou alma do outro mundo. Ela garantiu que estou vivo, não gostou do engano do cara, estranhou porque não protestei jurando que não morri. Dei-lhe as razões acima. Fiquei, de certa maneira, encabulado de estar vivo, decepcionando o outro. O cara mostrava tal sentimento que não achei justo subtrair-lhe o motivo da emoção, como que puxar a cadeira em que estava sentado. Também resisti à tentação de sentir saudades de mim. Apenas admiti permanecer defunto para ele, a seus olhos, embora constrangido no papel. No entanto, reintegrado em minha existência física, fui ao rango, e com tal disposição, que me convenci definitivamente de que não morri apesar das versões em contrário.

* O autor submeteu-se a uma intervenção cirúrgica na aorta cardíaca, em Paris.

SE EU...

Modificar o passado de alguém é mudar toda a história universal, adverte Jorge Luís Borges.

Esta é tentação em que caímos, com freqüência. Bem que gostaríamos de que as coisas tivessem ocorrido diferente. Queremos que o ontem seja corrigido pelo nosso hoje e isto nem a Deus é possível. É pena. No entanto, continuamos, nós, humanos, a ruminar: “Se eu tivesse tido a iniciativa, se eu houvesse dado um passo, talvez a história fosse outra”. Esta oportunidade, a da errata existencial, ninguém a teve nem a terá. Haveremos de conviver até que mão bondosa nos cerre os olhos, com nossos erros, os frutos de nossos erros. De ação. Ou omissão.

Não adianta, porém, a gente ficar a dizer: “Se eu, ao invés de ter sido candidato a deputado federal, tivesse pleiteado uma cadeira na Assembléia... Se, ao invés de jornalista, tivesse sido empreiteiro... Se o Brizola tivesse escolhido outro vice...” Nada disso muda nada. No entanto. insistimos. O Dr. Ulysses Guimarães ironiza assim os que querem mudar o passado, através de um Se: “Se Paris fosse pequena, cabia numa garrafa”. Nas rodas de jogo de estudantes em Salvador, na década de sessenta, um estudante de medicina costumava brincar com os que faziam tal tipo de raciocínio: “Ah, se tivesse um par de ases”. Ele, então, se saía com essa: “Se a mãe de V.F. (era ele) fosse uma porca, teria duas carreiras de peito”.

Contei, aqui, mais de uma vez, a história daquela moça que reencontrou o antigo namorado que a trocara por outra. Ela entendeu de lhe pagar o que devia há muito tempo. Como estivesse infeliz de fazer dó no casamento, após tórridas tardes

de amor, supôs-se apaixonada pelo reencontrado. Depois que comunicou ao parceiro tal estado de espírito, lembrou-se de que, àquela hora, devia receber telefonema do marido. Tinha de sair. Antes de fazê-lo, estendeu ao outro este bombom de consolo:

“Se tivesse casado contigo, juro que não te trairia”.

Ele acreditou nela. Primeiro porque é bom e não queria desmerecer o presente, contido naquele juramento de fidelidade *a posteriori* condicional. Depois, porque achou que quando alguém quer alterar o passado, não faz pela metade. Passa logo a borracha em tudo. Não deixa nada a corrigir. É o que chamaria um homem de fé.

Há sábio provérbio que desaconselha romances com sócias, colegas de trabalho, secretárias, auxiliares. É este: onde se ganha o pão, não se come a carne. Nem todos, porém, resistem às facilidades que se vão abrindo no contato diário, na convivência crescente e na intimidade constante.

Existe, porém, quem não se dê bem em tais sortidas. Tenho uma conhecida, dotada de muitos encantos e escasso talento, que decidiu ser artista de novela. E foi à luta. Por cima de paus e pedra. Nunca se arranjou. E ainda saiu da televisão com uma queixa: “Só transei com o cara errado. Um, era diretor, mas estava caíndo, outro não mandava mais no setor de escalação de artistas. O terceiro era e ainda é diretor, mas não manda nada. É um banana”. Assim, a pobre moça foi de muitos e não pegou um bom papel, apesar de toda a luta.

Tem uns dias em que você sente que não está inspirado, que não vai agradar. A crônica sai porque tem de sair, inclusive, porque é uma velha roupa, remendada com pedaços de outras roupas usadas. Não sai, porém, no capricho. Deixa você preocupado com seus leitores.

OS PRAZOS DE VIVER

Quando, ano passado, visitava Virgílio Távora, em seu gabinete e o encontrava muito preocupado com a saúde, tentava levantar-lhe a moral, lembrando que seu pai e seu avô morreram com quase cem anos. Era este, também, seu destino. Ele não dizia nada. Olhava-me cético e melancólico pois sabia, eu não, que o câncer o roía implacavelmente. É o argumento que também uso, a meu favor. Espero me sirva. Meus avós morreram depois, muito depois dos setenta. E olhem, que ambos os varões, durante certo tempo, cultivaram fervorosamente a Baco. “Seu” Costa chegou aos oitenta na plenitude de sua lucidez. Dona Dolores, aos 75, já não mais comanda o vestibular dos filhos. E, sim, suas teses de mestrado, de doutorado. E a ascensão dos netos à universidade. Se essa jurisprudência valer pra mim, não dou prejuízo à companhia de seguros. Ainda enterro muita gente. Senão, não.

Agora este negócio de viver muito, só tem sentido se você puder ir ao banheiro sozinho, até o fim. Nada de ficar dependendo dos outros, dando trabalho à família, mulher e filhos doidos para que você bata as botas, desencarne.

Vale a pena, sob o aspecto da atividade, ser como o senador Plínio Pompeu que sobrevive a seus descendentes. Em Sobral, nos seus noventa e sete anos, participou da última campanha eleitoral, torceu pela vitória do sobrinho-neto afim, Ciro Ferreira Gomes e, a qualquer momento, dá seus palpites e manda brasa quando, por exemplo, não gosta do que escrevo da história de Sobral.

Não sei quem era que dizia ficar até encabulado, de andar pela rua porque muita gente se admirava de que ainda esti-

vesse vivo. E ainda porque quase todos os contemporâneos já haviam embarcado. Havia pouca gente com quem conversar.

Era o caso do ex-ministro da Fazenda, Eugênio Gudin, que escreveu artigos admiravelmente bem escritos e escancaradamente reacionários até a boquinha de seu centenário. O construtor do açude do Acarape atribuía tal longevidade ao vinho, sua bebida preferida. Na beirinha dos cem anos, confessava aos repórteres que sua primeira providência, ao acordar, de manhã cedo, era ler a página de obituário de *O Globo* para ver se ainda estava vivo.

Já o pai de Getúlio, o velho general Manuel Vargas, seguia outra estratégia de sobrevivência. Nunca ia a enterros. Quando lhe perguntaram pela razão de tal ojeriza, explicou:

“Quem não é visto, não é lembrado”.

Esse negócio de morrer cedo vai mudando com a idade. Quando somos meninos, admitimos morrer jovens como Rimbaud, Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Castro Alves. Ao chegarmos à juventude, concordamos partir aos 40. Aos quarenta, queremos sessenta. Aos 80, estamos pedindo prorrogação. Como o senador Paula Pessoa. Quando jovem, comboiando suas tropas de burros de Granja para Sobral, fez um pedido a Nossa Senhora. Queria ferrar mil bois por ano, ser senador do Império e viver oitenta anos. Pois bem, quando cravou as estacas da oitava década de idade, foi à igreja para mais um pedido:

“Nossa Senhora, obrigado por tudo quando pedi e a senhora me deu. Ferro mais de dois mil bezerros por ano, sou senador do Império. Agora, Nossa Senhora, oitenta anos é tão pouquinho...”

No céu, a Santa riu, diante do pedido formulado com tanto charme, e lhe deu mais alguns anos de lambuja.

Não sei se os leitores se recordam de que, ao receber homenagens, mês, anos atrás, em Nova Iorque, Roberto Marinho, aparteou, contra todo o protocolo, o locutor da cerimônia quando ele lhe atribuiu 81 anos:

“Só oitenta...”

E tinha suas razões. É que, a essa altura dos acontecimentos, um ano tem uma importância danada, faz uma falta enorme.

Hoje aos 84, o todo-poderoso dono da Globo fala de seus projetos para o futuro, como um jovem, como se tivesse, no máximo, cinquenta anos. É impressionante. Tanto assim que gerou “boutade” segundo a qual, em conversa com filhos e auxiliares quando fala sobre o futuro, começa assim:

“Se eu, por acaso, vier a lhes faltar...”

O CANALHA, UMA LONGA PACIÊNCIA

O resto é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da Mata-cavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos seus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu cap. IX, vers. 1: “Não tenhas ciúme de tua mulher para ela não se meter a enganar-te com malícia que aprende de ti.. Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo. Se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra como a fruta dentro da casca” (*D. Casmurro*, Machado de Assis).

De vez em quando, estou voltando às *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *D. Casmurro*. Principalmente, aos dois primeiros que sou mais afeiçoado. Aliás, a cada leitura de Machado de Assis, agradável surpresa. Sempre descubro coisa nova. Alguma malícia engastada, uma perfídia que antes não descortinara, algum veio de ouro a que ficara desatento. Ou são os anos que nos dão leitura diferente?

Me amarro mesmo em Dom Casmurro, cruel parábola sobre a Vida. Pois foi a Vida que falhou a Bentinho.

Desde o começo, o bruxo de Cosme Velho pinta Capitu como menina pobre, peraltíssima, que vivia dando bola para a rapaziada do bairro até que viu, no panaca do vizinho, o baú, a sorte grande. E foi fundo. Executou completa operação, destinada a afastá-lo da carreira eclesiástica, extinguir as desconfianças da futura sogra, parentes, até do agregado da família, o superlativo José Dias. Era pirralha cheia de cálculo e astúcias, toda determinada a dar seu golpe. Até na iniciativa do primeiro beijo, que deixa o namorado nas nuvens e na manhã, com que

despista o acontecido, quando lhe chega o pai, o Pádua. Estava na cara o que ia sair dali. Só quem não o notava era Bentinho, seu alvo. Filho único e mimado de família rica, ex-seminarista, sem experiência de vida, enfim, a vítima nata. Só lhe faltava quem lhe pusesse, na devida época, os adereços previsíveis que lhe ornariam a testa. Não havia por que ele se surpreender com o arranjo da mulher com Escobar - que ele pusera dentro de casa, desde solteiro, ou com qualquer outro, se ele a visse, como era desde menina, sem a neblina da emoção.

É do que me lembro no final inesperado dos casamentos vistos como felizes. O que foi abandonado tende a considerar a pessoa que amara, até então, e cujas virtudes exaltara, talvez até com exagero, para compensar o que, de fato, não existia, um pulha, um pérfido, o próprio Judas. É a teoria do canalha instantâneo, do patife fulminante que contesto, de alguém que, de repente, não mais que de repente, de anjo passa a demônio.

Tá um equívoco, nascido da emoção, fruto do ressentimento. Ninguém, assim, sem mais nem menos, de São Francisco passa a ser o Cão comendo mariola. Se vem a agir como tal, é porque abrigava Lúcifer, dentro de si, há muito tempo. Os outros não viam. Ou não queriam ver.

Porque o canalha não se improvisa. O canalha é como o gênio, uma longa paciência.

Não acredito ainda que um cara super-honesto, guindado a um alto cargo, vire, no dia seguinte, ladrão público. Se se dana a meter o dinheiro do contribuinte no bolso com toda desenvoltura, é porque já possuía alguma prática. Vai ver, na infância, colava nas provas, roubava a merenda alheia, dedurava os colegas, trapaceava no jogo de bola de gude ou sinuca. Era capaz de passar a perna no maior amigo, para subir. Ao longo do tempo, o caráter do canalha se vai moldando, embora nem todos o percebam. São pequenas e quotidianas vilezas, cometidas no seu pequeno mundo de que poucos têm notícia. Quando chega lá em cima, está acabado, perfeito canalha com Ph.D.,

embora nem todos o notem. Por isso, com a maior cara de pau, atraíçoa o amigo, morde a mão do benfeitor e mete, no bolso, o dinheiro público. Tudo porque já vinha treinando os músculos, o coração, a mente nos miúdos crimes de seu cotidiano.

As versões dos cônjuges abandonados (vocês viram que palavra mais feia é cômuge? Pior que isto só lanchonete. Palavras bonitas são lupanar, alaúde, avatar, compartilhar), sobre o parceiro que se mandou são, assim, naturalmente, vincadas de despeito e de mágoa. Têm escasso valor como documento histórico. Referem-se muito mais ao romance, à ficção e à música popular. Porque nossa música é, com frequência, melodramática. Já prestaram atenção no cara ou na mulher que diz ao ex-amante: “você há de rolar como rolam as pedras na estrada, sem ter neste mundo lugar para descansar”. É praga forte. Evidente exagero que, de fato, não interessa à história. É matéria para novela. Para samba-canção. Ou, então, tango. (10/05/89)

A VEZ DA AVÓ E OUTRAS ANTIGAS LEMBRANÇAS

“Não quero que morras por mim, mas, também não quero morrer se é a tua vez. Se te apraz contemplar a luz, pensas que o mesmo não se dá comigo? Bem sei que longo, muito longo tempo, permanecerei sob a terra. O que me resta da vida é pouco, mas é doce!” (Eurípedes, *Alceste*).

Hélio Barros passeava, com os filhos, no Park Shopping, quando viu uma velha pobremente vestida, com o neto à mão, olhando ambos, cheios de desejo, o parque de diversões. Percebia-se claramente, que não tinham dinheiro para a utilização dos brinquedos. Ou se divertiam ou comiam o sanduíche. Talvez ficassem sem meios para a volta de ônibus. Dava pena. Nosso sociólogo, discretamente, colocou um ingresso nas mãos da avó e saiu, acompanhando os filhos. Daqui a pouco, ouviu um berreiro. Voltou-se e deu com o menino, no chão, banhado em lágrimas, enquanto a avó, alegre e lampeira, lá em cima, acenava-lhe, da montanha-russa, em que se divertia, se esbaldava.

Na hora, a primeira tentação é no sentido de condenar o egoísmo da velha. Depois, a gente lhe dá razão. Porque, segundo todas as possibilidades, ela está mais perto da morte que o neto. Este terá, ainda, dezenas de anos para passear, brincar, em muitos parques de diversões. Ela, não. Sem falar em que não teve tal possibilidade na infância. Por que, então, se privar de um prazer que pode ser dos últimos, enquanto o neto tem tanta estrada pela frente, tantas oportunidades no futuro?

Há algum tempo, pintou no pedaço um cara com quem, no comecinho da década de 60, mantive freqüentes relações profissionais. Em sua presença pretendi assumir fisionomia feliz pelo reencontro, máscara que não consegui sustentar. Em segundos, nada tínhamos a dizer um ao outro. Surpreendi-me com a chatice do reencontro e me perguntei: será que fui amigo deste cara? Como pude freqüentar-lhe a casa? Sair com ele para jantar?

Isto me acontece, também, no plano amoroso. Já imaginaram rever uma mulher que foi sua, que integrou sua biografia, e se lhe ocorresse o privilégio de rasgar algumas páginas do seu passado, você, seguramente, a alojaria, em primeiro lugar, no triturador de papéis? Você experimenta sensação de súbito horror. Náusea retroativa. Como pude freqüentar aqueles lábios? Repartir o leito com ela? Partilhar fundas sensações? Como lhe aturei a conversa? A parentela? Hoje, somos estranhos, como se jamais me tivesse ocorrido a abominação daquele convívio que é, pra mim, como se não tivesse sido.

Interessante foi a reação do Frota Neto. Ele não apenas se desgostou com o reencontro. Ficou com raiva do reencontro. Talvez porque o outro lhe cobrasse amizade que jamais existira. Ou porque prolongasse a conversa, além do que devia. Ou a raiva de Frota foi uma tentativa de se absolver, se perdoar pelo pecado de rejeitar aquela ligação do passado? A vocês, leitores, já aconteceu a mesma repulsa a figuras do pretérito que, de repente, não mais que de repente, reaparecem e pretendem reassumir o mesmo espaço de antes em suas vidas?



Para evitar os chatos no avião, mergulho a cara num livro, até chegar a Fortaleza. Para impressionar a turba ignara, escolho, de preferência, um clássico. Numa viagem destas, reli Eurípedes. A tragédia que mais me tocou foi a de Alceste, aquela

que, voluntariamente, aceita morrer em lugar do marido, Admeto. Antes da partida, ela arranca, do cônjuge sobrevivente, salvo por seu sacrifício, a promessa. A garantia de que não casará com ninguém. De que ela não terá substituta. Mas, não era disso que pretendia falar. E, sim, do bate-boca entre Feres e seu filho Admeto, porque o primeiro não quis morrer pelo último:

“Não há tradição dos antepassados, nem leis da Hélade, determinando que morram os pais pelos filhos. Feliz ou não, que cada qual tenha o seu destino”. Mais adiante, o pai ainda lembra: “Cada um de nós tem uma vida somente, e não duas”. Aquela avó estava certa na montanha-russa.

A SAGRADA FOME DE APARECER E O MISTÉRIO DA LAGOSTA

“É para ‘vir no jornal’ é que os homens se arruinam, e as mulheres se desonram, e os políticos desmancham a boa ordem do Estado, e os artistas se lançam na extravagância estética, e os sábios alardeiam teorias mirabolantes, e de todos os cantos, em todos os gêneros, surge a horda sôfrega dos charlatães” (Eça de Queiroz, *Ecos de Paris*).

“Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressos nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas de remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*).

Falem de mim. Ainda que mal, mas falem, é a legenda dos vaidosos. A Vaidade pode ter posto a perder muita coisa no mundo. É, sem dúvida alguma, ao lado disso, motor do progresso da humanidade.

Quem foi que incendiou templo famoso na antigüidade, só para ficar na História? Foi Alcebiades quem cortou o rabo de seu cachorro, só para chamar a atenção da Atenas antiga? Quem é que, no século passado, pintava o cabelo de verde, nas ruas de Paris? Ou aquele outro de que falarei mais adiante,

que passeava, pelas ruas e avenidas da capital francesa, arrastando uma lagosta viva, só *pour epater le bourgeois*?

Conta-se, aliás, que muito antes, o afastamento do Mar Vermelho para dar passagem aos judeus em fuga do Egito, se deveu ao desejo de notoriedade de Moisés. Segundo as más línguas, ele foi fustigado, na vaidade, pelo assessor de imprensa, que lhe prometeu: "Faça o milagre de separar as águas do Mar Vermelho, que lhe garanto três páginas na Bíblia". Ante tal promessa, Moisés se rendeu e operou o milagre.

Eça, que começou a vida como jornalista, costumava dizer no fim do século em Paris onde morava: "Nos regimes aristocráticos, o grande esforço era obter, senão já o fervor, ao menos o sorriso do príncipe. Nas nossas democracias é alcançar o louvor do jornal. Para conquistar essas dez ou doze linhas benditas, os homens praticam todas as ações - mesmo as boas".

Ele se refere aos que querem ser falados, de qualquer maneira, mesmo malfalados: "Não é mesmo necessário que essas linhas contenham um panegírico: basta que ponha o nome, a personalidade em evidência, numa tinta bem negra, que hoje tem um brilho mais desejado que o antigo nimbo de ouro".

Os inimigos de D. Hélder Câmara sempre exploraram muito seu gosto pelos holofotes, o amor da notoriedade. O santo bispo foi incluído em várias anedotas como tremendo vaidoso. Taí uma delas:

Morreu dom Hélder. Por sua vida de santidade, o Céu lhe estava reservado. À porta do Paraíso, foi recebido festiva e hospitaleiramente por S. Pedro. Conversaram uma porção de tempo. Já escurecia, quando o chaveiro do céu indagou: - "Não vai entrar não, dom Hélder?"

Ele se voltou para perscrutar o horizonte e pediu mais um tempinho: "Espere um pouco, S. Pedro. Deixe a imprensa chegar".

O que se armazena de conhecimento inútil. A cabeça da gente anda lotada de cultura inútil, de *gossips*, de fofocas. Um dia destes, meti na cabeça de citar o nome daquele poeta

francês que, *pour epater le bourgeois*, desfilava pelas ruas de Paris arrastando uma lagosta viva. Onde li tal *boutade*?

Folheeí todas as crônicas de Eça. Supunha que a tivesse encontrado na *Correspondência de Fradique Mendes*. Nada. Parecia coisa de Oscar Wilde. Revi toda a sua prosa. Em vão. Importunei todo o mundo no Congresso. Nada. O padre Zé Linhares ficou de telefonar para o padre Osvaldo Chaves, em Sobral, para ver se o grande poeta sabia da história. Liguei para a professora Aglaeda Facó, da UNB. Ela prometeu pesquisar o nome do excêntrico. Até que, no almoço de domingo, pra despedida de Raquel que vai passar um ano nos Estados Unidos, lhe contei do insucesso de minha investigação. A primogênita, então, com toda a naturalidade, me disse:

“Pai, foi Verlaine”.

A resposta estava em casa e eu não sabia.

A BICICLETA

— Paulo Elpídio comprou uma bicicleta. Importada. Destas que tem mais marchas que o Carnaval de 1941. O Reitor promete vorazes pedaladas, como diria o Tarcísio Tavares. Lembro a propósito que, certa vez, decidimos aprender a jogar tênis. Logo compramos todo o equipamento, roupas, a bola, e nos deixamos fotografar devidamente paramentados, assim magnificamente aptos para o esporte. Foi só.

SENADOR

— O “senador” Vieira Filho também comprou sua bicicleta ergométrica. Ela está lá no quarto, intacta como as vinte mil virgens. Um dia destes, o ministro José Carlos Fonseca a viu e exortou o senador ao ciclismo.

“Senador, isto é muito bom pra saúde”.

Vieira reagiu:

“Se fosse bom pra saúde, seria vendida em farmácia, como remédio, Zécarlos”. E manteve a bicicleta em paz.

A MORTE DO CRONISTA

Amigos generosos lamentam o desaparecimento das *Cartas do Beco* e a morte do cronista que, nos últimos tempos, emergira de mim. Querem alguns de novo a artesanania do nada, o gostoso narrar do trivial diário, com *nochalance*, bonomia à brasileira que é a crônica. Ocorre, porém, que a face atual é a mais antiga. Explico porquê.

Quando subi, primeira vez, as íngremes escadas da *Gazeta de Notícias*, nos idos de 1956, nos tempos de Olavo Araújo, José Afonso Sancho e Luís Campos, nos meus imberbes 17 anos, logo me convocaram para escrever o subeditorial abaixo do editorial de G. S. Nobre, que a este tempo chamavam *suelto*. Três anos mais tarde, Blanchard Girão saía da PRE-9 para a Dragão do Mar e Eduardo Campos que confiava o editorial de sua emissora, a “Crônica do Ceará”, importante palavra oficial da rádio, numa época em que televisão não era sequer sonho. O jornalismo político me fascinou, o que não impediu, vez por outra, fosse editorialista do *Correio do Ceará* ou *Unitário*.

Foi em 1967, na cinzenta fossa carioca, que me permiti, por nostalgia cearense, umas tentativas de crônica. Não me emendei mais. Já de volta, com Guilherme Neto, demos paternidade a uma sofrida cronista Ivanise Santos que, mais ou menos à moda Clarice Lispector, falava de seu “spleen”, de seus amigos, de suas pequenas e publicáveis mazelas. Depois vieram as *Cartas do Beco* em que apelava, desde o título, para origens sociais e familiares. Perdoem-me gentis e persistentes leitores a morte (talvez transitória) do cronista. Voltando ao ramo, penso ser mais útil à comunidade, analisando problemas, apon-

tando soluções que no gostoso, fácil e agradável trivial diário da crônica. E afinal a terceira página de um jornal das dimensões e do prestígio de O POVO encerra grave responsabilidade. Pois não é que, logo na primeira semana na casa, recebo cartão de Pedro Nava, agradecendo comentários a seus livros de memórias, dizendo ter sabido deles por Rachel de Queiroz.

Por falar em cronista, nestes tempos eficientes da EBC, os antigos Correios, o nosso Milton Dias se aventura a falar das “Cartas sem Resposta”. Também parece que o bom mecânico dos sábados (não falam os cronistas de sua “oficina”?) é pequeno, mas só fita os Andes, ousando logo escrever para a Jacqueline do Onassis que, entre o bom caráter do Milton e os petroleiros do grego antigo, fica com o último e os ônus eventuais de sua idade e seu cansaço? Enquanto escrevo, preparo-me para a noite de autógrafos desta figura exemplar da cidade que consegue reunir em torno de seu livro, não apenas os acadêmicos, seus colegas, os professores, junto aos quais ganha, como um dos melhores deles, o pão de cada dia e o uísque do fim de semana, e, também transa a alta sociedade, seduzida por sua boa convivência, seu papo, suas reservas de bom caráter e afetividade. Falei do homem, na festa e não me ocupei do livro, porque ainda não o li, o que farei no começo da semana.

(02/06/74)

CHAMPÃ, MULHERES, MÚSICA

Mulheres casadas (ainda escreverei sobre a ideologia da mulher enquanto casada) estão metendo o pau num amigo meu porque se divorciou nas proximidades dos quinze anos da filha mais velha. Agem assim por que são mesmo solidárias? Ou por que se sentem ameaçadas? Ignoro. Só sei que insistem na crítica: “Como é que foi se separar, logo quando a menina ia fazer quinze anos? Estragou a festa de debutante da filha”. Este negócio de casar e descasar é sempre muito controvertido. Tem sempre alguém dizendo e provando que aquela não é a oportunidade para tal decisão. Por que casar, agora, quando você é tão jovem, tem tanto a aproveitar? Por que se meter a casar já tão passado, vai levar é chifre. Como é que você pensa em casar com Collor presidente, a poupança confiscada, o risco do desemprego? O mesmo ocorre com o destrato do casamento. Qual a melhor época para apartar os trapinhos? Quando o casamento está começando? Quando está esfriando? Nas vésperas das bodas de ouro?

Se este amigo ficasse pra festa dos 15 anos da filha, devia esperar a maioridade dela para pegar o boné e se picar? O diabo é que cada mês, cada família, cada convivência tem suas efemérides. Devia ele deixar para se mandar em dezembro, tirando o brilho do reveillon dela? Ou durante o Carnaval em meio à folia? Escondido na teórica bruma e no recolhimento da Semana Santa? Ou deixar para depois da festa e das fogueiras de S. João? Em agosto, no aniversário dos cursos jurídicos? Na semana da Pátria, perto da parada de Sete de Setembro? No mês em que se conheceram? Em que noivaram? No aniversário do casamento? Termina não havendo folga pra apartar os

teréns. Desse jeito, o cara, mesmo todo mal feito de corpo na situação em que vive, estaria condenado a permanecer nela até a eternidade, por conta das efemérides pessoais ou nacionais. Ou então chegará à conclusão de que as senhoras não querem que se desquitem ou simplesmente querem dizer alguma coisa. Não admitem ficar caladas. Qualquer argumento lhes serve porque se acham na obrigação de dizer algo. Dar seu voto. Isto me lembra a história daquele sertanejo que andava com o filho, puxando um burrico. Ouviu tanto palpite dos outros que terminou levando o animal às costas.

Um dia destes falei tanto em viagens a Paris, faisão, Royal Salute, champã que terminei apavorado com os intensos e sanguinários ressentimentos que podia estar mobilizando. É perigoso despertar a inveja alheia. Sempre convivi com ela e conheci os avinagrados frutos que pode produzir. Prefiro, porém, que me tenham inveja do que tenham pena de mim. Como dizia Heródoto: “É melhor ser invejado que lastimado”.

Comprei meu primeiro “fusca” em fins de 1962, com todo o sacrifício. Dei um duro danado, em várias frentes. Além de minha rotina do rádio, jornal e tevê, fiz toda a campanha de um candidato rico a deputado. Tirando leite de pedra. Desde a criação de slogans à gravação dos jingles, à confecção de faixas, até a escritura e o ensaio dos discursos. Ele tinha dinheiro. Nada mais. Lembro-me, muito bem, ele escorado na rede do alpendre, treinando o discurso que escrevera. Poupara-o (e a mim também) da citação de palavras difíceis. Ainda, assim, não havia jeito de ele pronunciar o nome Getúlio (Vargas) direito. Sempre engolia o “i”. Dizia *Getúlo*. Por estes e outros trabalhos que não me estusiasmavam (nem podiam) pude comprar o carrinho. Coleguinhas malsucedidos espalharam que fora presente de Carlos Jereissati. Da mesma maneira que José Dias Macedo dera um Gordini ao Lúcio Brasileiro. Infelizmente, não era verdade.

Deixei o jumentinho teuto-brasileiro, no estacionamento do Ideal, debaixo de janela do cassino, lembro-me bem. E fui

às lagostas e ao scotch, predileções que ainda mantenho. Saí tarde. Assim, só dia seguinte, percebi que adversário anônimo (nunca quis saber quem fora), gratuito, não suportava a idéia de que eu tivesse carro. Devia fazer-lhe mal, doer-lhe. Ao acordar, vi-o lanhado por um prego. Não satisfeito com o prejuízo que me infligia, o agressor deixara expressas, no capô do carrinho, dúvidas sobre minha masculinidade. Aliás, dúvidas coisa nenhuma. Ele tinha era certeza.

A essa altura, não dá pra mudar. Bem sei o quanto seria proveitoso à salvação de minha alma me mandar para o deserto do Kuwait para comer gafanhotos como os eremitas antigos. Será que gostaria? Acho que não.

Vou continuar com certa preferência pelas coisas boas, requintadas da vida, seja na mesa, nas viagens, na literatura. Isto naturalmente gera inveja, ressentimentos, riscos no capô do fusca. É o preço. E também curiosidade.



Não creiamos os leitores que tudo que reluz é ouro. Não é, não. Há muita carcaça bonita que é igual a estúdio de cinema. Só tem frontaria. Fachada.

Há milionários que, no receio de roubos e assaltos, costumam usar cópias de suas jóias mais caras. O original não sai do cofre-forte do banco. Elas andam com imitações que, em pescoços ricos, são como verdadeiras. Assim é a vida

Talvez o vidão que tenha levado, lembre apenas delírio daquele pobretão, ensandecido de Camocim de que falava Milton Dias, em cena cruel. Na solidão de celibatário, à noitinha, punha o rádio a todo volume, alkaseltzer num copo d'água e passava a folhear a revista *O Cruzeiro*, com fotos daquelas mulheres nuas em saunas mistas da Finlândia. Para impressionar os vizinhos, bradava: "Isto é que é vida, champanhe, mulheres e música". Talvez a vida seja apenas isso. O resto, fantasia, imaginação, delírio.

O CEÚ? JURO, CHEGO LÁ

Costumo dizer que, após certa idade, cumpre evitar as quedas. Tanto as físicas, porque a recuperação demora, quanto as morais. Porque não há tempo para que os outros as esqueçam. Nada, porém, de morrer por antecipação, demitir-se da vida, aposentar-se antes que o tempo o exija e o imponha em altos brados.

Deparei-me, um dia destes, com um contemporâneo. Estava magro, pálido e desinteressado de tudo. E me revelou que não bebe, não fuma, não namora, não consome mais carne, nem comida com sal. Está na macrobiótica, a chatice de mastigar setenta e quatro vezes aquela porção insípida, antes de engolir. E acrescentou: “Se continuar assim, vou viver mais vinte anos”. Calei porque sou bom. Mas o que me veio vontade de dizer, foi: “E tu chamas isto viver?”

Lembro, aqui, o caso de uma viúva, já avançada em anos, que amargava tremenda solidão. Um dia, pintou em seu caminho um companheiro, de extrato social diferente, que lhe fazia boa companhia. Ela pensou na desesperada conclusão de Antônio Maria: “Antes mal acompanhada do que só” e foi fundo. Quando passou a viver com ele, sofreu o diabo da parte dos filhos. Não era somente o amor próprio ferido, de ter padraсто de posição inferior. Era também a perda da herança da mãe que lhes pungia a algibeira.

Ando pensando em voltar à Europa. É que meu Paco Rabanne está acabando. Bem podia ter ido no início do ano. Veio, porém, a Zélia Cardoso de Melo e garfou minha viagem. Acabou-se o que era doce.

Depois que vi o Roberto Marinho, aos 84 anos, desfazer o casamento para ir atrás de um amor mal resolvido de cinquenta anos atrás, acho tudo possível. É bonito. Ele apostou na vida. Além do mais, fazer besteira depois de velho, é até melhor porque há menos tempo para a expiação, o castigo, o remorso, se remorso, castigo, expiação houver. Nunca tenha medo de prestar seu quinhão à vida. De fazer o que, aos outros, frustrados, invejosos, possa parecer tolice. Nunca é o tempo de criar juízo, de ficar chato, monótono, doutoral, aborrecido. Deixemos tais qualidades aos defuntos. Os mortos, sim, devem ser graves, coerentes, severos, taciturnos. Têm toda a eternidade para isso. Os vivos temos apenas a vida e ela é curta, muito curta, para ser encarada com tanta seriedade.

Por isso, contrariando o temperamento (positivamente, não sou uma personalidade querelante), entrei com uma reclamação na Justiça do Trabalho. Queria (quero) tirar, do bolso dos Mesquitas, uns sete mil dólares que o *Estadão* ficou me devendo. Nada pessoal. Pretendia uma base que me permitisse levantar vôo. A questão está rolando. Devagar, muito devagar. Quase parando.

Um dia destes, conversei com o colega Jorge Oliveira sobre o assunto, ele que vem de demorada pendência com o *JB*. Depois de algumas avaliações, ele calculou que o jornalão tem de me pagar o equivalente a vinte mil dólares. Quase caí pra trás de tão feliz. Não é uma maravilha encontrar gente assim? Em meia hora de conversa, me fez ganhar 13 mil dólares. Quase saí do local onde estávamos para comprar as passagens para a Europa. No bar, aumentei a idade do meu scotch. Merecia. Mereço.

Quem me fazia igual bem à cabeça era o falecido Thomaz Coelho. Possuía a capacidade fantástica de me infundir otimismo. Quando sentava no avião a seu lado, ele me abria perspectivas tão otimistas, que eu terminava a viagem, senão milionário, pelo menos arremediado. Muito melhor de dinheiro do que quando embarcara.

Em compensação, há quem tenha o condão de, com uma só palavra, te avinagrar o dia, te enevoar o horizonte, te deixar mais pobre. De dinheiro, de saúde, de projetos.

Um dia destes, amigo querido pegou o DDD e me ligou com a finalidade de me dar uns conselhos. Vibrei. Há tempos não recebia tais presentes. Emocionei-me também porque há alguém, no meu círculo de amizades, interessado na salvação da minha alma. Recriminei Paulo Elpídio a quem encontrei à noite. Conheço-o desde o pré-vestibular. Ao longo desta jornada, jamais mostrou preocupação em me apontar o caminho do céu. Às vezes quando mergulho em minhas reflexões, até penso que ele quer mesmo é que eu vá pro inferno, pretinho. Quando me encaminho para o bar a fim de encarar o scotch de cada noite, jamais me aponta o caminho da Igreja. Mesmo que não me levasse à confissão ou à missa, podia muito bem me indicar uma boa leiteria onde podia enfrentar minha coalhada, sem ofender o fígado. Quando o visito, nunca pensa em me obsequiar com um copo de leite. Vai logo trazendo o melhor uísque, que trouxe da Europa. Tem pior. Jamais pegou o telefone, mesmo ligação local, para me indicar fórmulas que me levem à santidade, que me garantam o reino dos céus. Quando lhe fiz tal reclamação, sua pálida desculpa foi de que ele também é pecador, a merecer deste amigo comum iguais cuidados, a fim de que ache o caminho das pedras, a estrada do céu, a *auto-bahn* da bem-aventurança. Juro que chego lá. Chego, sim, se me aparecerem amigos que me encaminhem para a trilha do bem.

O FERVOR DAS TARDES E O COSTUME DAS MADRUGADAS

Diz Guilherme Neto que eu e o Lúcio Brasileiro somos os sujeitos de maior boa fé do mundo. Se um boateiro chegar e nos disser que está chovendo dinheiro na Praça do Ferreira, saio correndo prá lá, a recolher meu quinhão. O Brasileiro, igualmente crédulo, embora um pouco mais orgulhoso, não irá. Mandará o secretário, com uma mala, para guardar a fortuna que lhe cabe.

FUGIR DOS SABIDOS

Assim, quando um cara me enrola, sabem o que faço? Rompo com ele. Por pura autodefesa. Receio de que ele, na sua explicação, me aplique outro golpe. Aí também seria vacilo demais. Porque você tem o direito de levar um chifre. Até dois. Por inexperiência, falta de pontaria. Por descuido. Três, porém, são demais. Aí é fatalidade. Você passa a ser o chamado corno vocacional.

SE FOSSE MULHER

Por isso, digo se fosse mulher, ia ser fácil. Facílíma. Dessas de cair em qualquer cantada. É que acredito em tudo o que me dizem feito pato. Uma vez, ajudei um cara a montar empreendimento no exterior. Ele, no auge do entusiasmo com as gestões que desenvolvia em seu interesse, garantiu-me duas passagens de primeira para a inauguração do estabelecimento. Pois não é que eu, talvez porque não lhe pedira nada, acreditei? Tudo bem. Quando ele acabou de montar a casa, andava tão ocupado que nem se lembrou de me enviar convite para a festa de abertura, quanto mais os bilhetes de viagem. O pior é que tenho a impressão de que Sarney acha que me ajudou a ganhar nota preta, ante o empenho com que me bati junto a ele, pelo êxito do negócio.

O TEMPO NÃO MELHORA NINGUÉM

Os anos não me melhoraram em nada. Aliás, é a maior besteira dizer que a gente é como o vinho. Quanto mais velho, melhor. É nada! Com o tempo, perdemos os dentes, a vista, os cabelos, a saúde, o vigor e, por fim, a vida. Pelo que me aconteceu um dia desses, vocês verão que piorei.

O AMIGO DEPUTADO

Estava entregue à minha rotina, quando amigo deputado me abordou: “Lustosa, teu uísque preferido ainda é o Old Parr?” Confirmei. Incontinenti, ele me disse: “Vou-te mandar uma caixa”.

Eu, que nada pedira, nem esperava tal regalo, agradeci-lhe a intenção. Um ano depois, ao me encontrar num dos corredores do Congresso, repetiu a pergunta. Dei-lhe a mesma resposta. Ele me prometeu de novo: “Vou-te mandar uma caixa”.

Como a promessa tem pra mais de dois anos, suspeito que ele envelhece as duas caixas do precioso scotch, para valorizar o presente. Rangel Cavalcante, um cético, acha que este uísque, que não sai da adega do autor da promessa, é o que se poderia chamar uísque virtual.

FIO DA NAVALHA

Mulher madura, de muitos encantos e bons nervos, casada com marido feliz, sempre deu seus pulinhos e nunca se machucou. Agora, quando a maioria das contemporâneas cuida dos netos ou pensa nos pecados que deixou de cometer, desencadeou paixão furiosa. Nem ela mesmo sabe como se acendeu tal fogaréu. É tão fervoroso o sentimento que despertou no namorado, que ele não pode mais viver sem ela. Quer casar. Confusa, ela me pergunta o que deve fazer porque, em derredor, a maioria das amigas cobra definição. Ora, Maria Helena, hoje em dia somente quem quer casar é padre. Tem mais, seria a maior babaquice rebaixar o namorado a marido. Marido é tudo

igual. Só muda o CPF. Além do mais, o namorado é necessariamente inventivo, gentil, eficiente. Atado pelos laços da lei, seria mais um parceiro displicente.

DOIS AO MESMO TEMPO

Se você pode continuar a fazer dois homens felizes - para o que há demonstrado engenho a arte - por que mudar? Um é a aventura, a festa, a alegria das tardes. O outro é a segurança, a anuência, o hábito das noites. Por que largar o marido que nenhum mal lhe está fazendo e que só ia sofrer com a desestruturação de sua vida tão bem arrumada? Ele jamais atrapalhou suas festas vespertinas de cujos ensinamentos, inconscientemente, foi beneficiário na frieza das madrugadas conjugais.

DEFINIÇÕES DEMAIS

Não vá pela cabeça dessas moças que lhe cobram definições. São umas tolas. No mínimo, não têm a sua competência. Por isso, se mordem de inveja. Afinal, você já se definiu demais. Definiu-se quando optou pelo curso científico, ao invés do clássico. Quando se decidiu por marido dócil e submisso. Quando quis ser mãe. Quando teve de batalhar, arduamente, pelo progresso da família - promoção do marido, a manutenção de seu DAS, o apartamento funcional, por fim o emprego da filha, sob o peso daquele coronel gordo que fungava alto e que lhe dava a impressão, o horror, de que poderia morrer em pleno campo de batalha. Não caia na besteira de se definir mais. Você está cansada de definições. Os outros que se definam. Você vá levando, vá levando. Deu certo até agora, por que não continuará dando? Maria Helena, você é uma felizarda. A esta altura do campeonato, quando todas as outras se aposentaram, você experimenta a emoção e a vaidade de fazer dois homens intensamente felizes, ao mesmo tempo. É a glória. Não abdique dela ouvindo o insistente clamor da mediocridade. Ou da inveja.

SACRIFÍCIO QUE TODOS QUEREM

“Não sei o que vai ser da Fulana e dos meninos quando eu morrer. Não sabem dar um passo sem mim”, é o que muito marido e pai costumam dizer. Besteira. Pura vaidade. Mania de se conferir importância. Se você desaparecer, azar somente seu. Ninguém faz falta a ninguém. É claro que o pessoal vai chorar, até porque é de praxe. Depois terá o pranto amenizado pelo recebimento do seguro que será polpudo. Afinal, de todos de casa, você é o único defunto de futuro. Pros herdeiros. Depois, todos vão à luta. Ninguém será tão amigo para ir no caixão contigo, não. Podes crer.

A gente se dá muita importância. Acha que é o centro do mundo. Taí o caso daquele amigo de Tancredo Neves que o rondava, insistente, pertinaz, por um lugar no governo. O velho político mineiro fazia que não estava percebendo e ia montando, aos poucos, o organograma de sua administração, sem ligar pro correligionário. Até que este se fingiu incomodado e tentou a cartada final:

“Tancredo, não agüento mais. Todo mundo, sabendo de nossa amizade, anda atrás de mim, perguntando se já fui convidado para seu secretariado. Não sei o que faça”.

O pessedista ouviu-o sem pressa e não se apertou:

“É simples. Diga que foi convidado e não aceitou”.

Tenho conhecido que se julga detentor de segredos de Estado. Acha-se a própria caixa-preta da Nação. Por isso, somente fala aos sussurros, depois de olhar prum lado e pro outro porque tem a impressão de que o mundo inteiro se encontra interessado no que ele diz, no que vai fazer.

Outro é capaz de pisar no pescoço da mãe pra sair no jornal. Não pode dar um suspiro sem pedir nota a colunista amigo. Pois bem, um dia desses, me dizia com a maior cara de pau do mundo:

“Eu, por exemplo, não entendo o destaque que a imprensa me dá. Acho verdadeiro exagero”.

Na ditadura militar, a disputa pelo poder era feroz. Sangrenta briga de foice em quarto escuro. Era matar ou morrer. Pois bem, depois de esfaquear até a morte os outros concorrentes, o vencedor vinha a público dizer. Sabem o quê? Que “aceitara a missão que lhe fora confiada”.

O poder tem, pelo menos, duas faces. A de antes. A de durante e depois. Quando se encontra distante, quando queremos alcançá-lo, tudo fazemos para conquistar o favor do príncipe. Aí o cara dá a vida, a mulher, a filha, a honra, a saúde para chegar lá. Não se poupa de nenhum sacrifício, não foge a qualquer vilania. Quando chega lá, passa a ver (ou a mostrar? Confesso, não sei) a outra face do poder. Aí só fala do penoso sacrifício que está fazendo pelo presidente, pelo governador, pelo prefeito. E, acima de tudo pela Pátria. Ele, que sempre viveu de mixo ordenado, passa a dizer que, ali, está perdendo dinheiro. Ganharia mais, muito mais, se estivesse na iniciativa privada. Estaria rico.

Convence-se tanto disto que, ao final do exercício do cargo, não se lembra de quanto se rebaixou, bajulou, puxou o saco do chefe para ocupar o cargo. Passa a falar de quanto lhe serviu, do quanto lhe foi útil, do que o outro lhe deve pela ajuda.

Quando ouço o cara, naquela poltrona do poder, se queixando de que está ali perdendo dinheiro, sacrificando a família, estragando a saúde, dá-me vontade danada de perguntar: “Por que não renuncia? Por que não pede demissão?”

Gostava muito do papo do saudoso Luiz Vianna Filho, cujos “causos” ia ouvir, em seu gabinete de senador. Fora chefe da Casa Civil da Presidência da República, e governador da

Bahia, como o pai. Amava o poder e não o negava, como alguns o fazem. Não tolerava aquela história de falar da cadeira de chefe do Executivo como cama de faquir, cheia de pregos e o dizia:

“Se a cadeira de governador tem espinhos, eles devem estar voltados pra baixo, porque não os senti, não...”

No Estado Novo, o escritor Gilberto Amado fez tudo que pôde para ser nomeado interventor de Sergipe. Ele que tanto “chaleirou” (dizem que desse tempo veio a expressão, do pessoal que pegava no bico da chaleira para saber se a água estava quente, no ponto, para o chimarrão do caudilho gaúcho Pinheiro Machado) na Pátria Velha, caprichou na Nova República. Puxou ao máximo o saco do ditador Getúlio Vargas com este objetivo. Expunha, todos os dias, os seus grandes projetos para o Estado, sem conseguir convencer o presidente. Terminou percebendo que não ia conseguir seu objetivo. Assim, uma tarde, no Palácio do Catete, Vargas lhe perguntou, sorrindo:

“Gilberto, para que tu queres mesmo governar Sergipe?”

Aos berros, o escritor respondeu:

“Pra roubar, pra roubar, pra roubar, presidente...”.

Vargas deu uma gargalhada e encerrou o assunto.

(05/04/92)

CASAMENTOS DESFEITOS

Já contei, aqui, dia desses, a pungente história daquele colega de mesa de bar que decidiu trocar a mulher pela secretária. Passou meses criando coragem para contar, à primeira, a opção pela segunda. E explicou porquê. Sabia que a mulher não podia viver sem ele. Na certa, ia arrancar os cabelos, escavar o chão como miúra enfurecido, desesperar-se, talvez até atear fogo nas vestes, como nos antigos noticiários policiais quando soubesse da decisão. Pois bem. Tomou mais uma e foi à luta. Dia seguinte, pintou desesperado no bar, o amor próprio, à altura dos peitos dum peba, como diria “seu” Costa. E narrou a desfeita. Ao chegar, a mulher estava decifrando palavras cruzadas e nisto ficou. Quando ele lhe transmitiu a terrível notícia, ela levantou a vista e perguntou: “Vai? Quando?” E continuou às voltas com sua distração.

No filme “A Insustentável Leveza do Ser”, uma das personagens masculinas, professor universitário respeitado e um panaca na vida real, chegou à casa da namorada, que jamais lhe cobrara nada e lhe informou que pedira desquite à mulher. A moça, que não requerera tal providência, mostrou curiosidade: “E qual foi a reação dela?”. O mestre, encabulado, revelou: “Ela disse: não esqueça de levar o smoking”.

Temos determinadas expectativas quanto aos sentimentos alheios que, às vezes, são apenas nossas. Ou, então estereótipos impostos pelo hábito, pelos outros ou então fruto de nossa imensa vaidade, do desenvolvimento do nosso amor próprio. Se um casal se separa, imaginamos, logo um dos dois, o abandonado, descabelado, caído nas madrugadas solitárias sobre

garrafas vazias enquanto o aparelho de som, descontrolado, põe, no espaço deserto, músicas desesperadas de Lupicínio ou Herivelto. Se isto, porém, não ocorre, frustramo-nos. Irritamo-nos embora saibamos que nem todos seguem o modelo estabelecido (por quem?) da vida arruinada no álcool, na bolinha ou banalizada na promiscuidade.

A mulher dum amigo meu se encheu dele, de casa e se mandou. Com os filhos, a mala, o papagaio e o Neruda dele que ela nunca lera. Os amigos, ficamos solidários, dando toda a força ao marido abandonado. Com o tempo, porém, deixamos de fazê-lo por impaciência e frustração. Jamais o encontramos querendo colinho, chorando, se embriagando, se queixando da vida, ouvindo alucinantes tangos. Nada. Víamo-lo em paz consigo mesmo, podendo, enfim, curtir o repertório de música erudita de que ela não gostava, sem se descabelar ou tomar formicida Tatu com Grapete. Ele me explicou, em certa noite calma, de paz, que não lamentara o fim. O casamento aguará. Ficará igual a chuchu, cozido n'água e sal. Além do mais, uma vantagem extraíra do distrato: "Nem tudo foi prejuízo. Lancei ao mar, não só o passado, como numerosa carga de chatos".

Uma vez, já nem me lembro quando, me aconteceu, de repente, tragédia igual. Não pensei em tiro na cabeça no receio de que doesse muito. Nem cogitei do clássico formicida Tatu com Grapete porque detesto Grapete. O que fazer? Me perguntei. Afinal, era tremenda maçada ter, de anunciar aos parentes, à sociedade, às colunas, novo estado civil! Tive uma idéia sensata. Comprei uísque, salgadinhos, contratei garçons e dei uma festa. Muito mais saudável que morrer. E mais em conta. Uma festa geralmente sai mais barato que enterro e, com frequência, é mais divertida.

A propósito, um amigo descasado me fez três juramentos, ao final da noite. Nunca mais voltar a Curitiba, não tomar banho de açude, nem casar de novo. Acha que já visitou o Paraná mais vezes que seria razoável, ao longo de sua existência. E

para quê? Os amigos alegam sempre que há um novo restaurante sensacional. Pra comer? Muito pobre propósito. Além do mais, a caminha lá em cima é muito atribulada e o aeroporto lá em baixo está sempre fechado. Sem falar que os bons paranaenses, como Ney Braga e Norton Macedo, segundo ele, vêm muito a Brasília. Também não quer mais, nunca mais pôr, novamente, os pés naquela laminha da beira dos açudes em que tomou banho quando criança. E, por fim, jura, de pés juntos, nunca mais se casará de novo. Quem casa muito é desempregado, é quem não tem o que fazer. Já imaginou, me indaga ele, acostumar-se a outra pessoa na cama, na mesa, na sociedade? Integrar-me noutra família, conhecer novos parentes, seus endereços, seus aniversários, seus hábitos, idiossincrasias, credores e avalistas? É, de fato, reconhecê-lo, muita mão-de-obra para um cristão. Basta, porém, de casamentos.

UMA QUESTÃO DE TEMPO

Em Pernambuco, disputam a volta ao governo Cid Sampaio e Miguel Arraes. Um já esteve no poleiro entre 1958 a 1962. O outro o sucedeu, foi deposto pelos militares, tendo voltado nos braços do povo. Agora, é imbatível, segundo registram as pesquisas de opinião pública. Se for permitida a reeleição, fica no posto até 2002. As lendas quando lhe perguntaram o que, então, faria da vida, teria respondido assim o nosso “coronel” das esquerdas:

“Aí, vou ao Crato, consultar mamãe”.

É um felizardo. Além de um caminhão de votos, ainda tem mãe.

Idade é algo muito relativo. Lembro-me de que, quando a poetisa Henriqueta Galeno morreu, com setenta e lá vai pedra, o então senador Fernandes Távara, que desapareceu quase centenário, lamentou o acontecido:

“Coitadinha da Henriqueta: morreu tão nova”.

Esta questão de era dos outros, depende muito da nossa, do patamar em que estamos. Quando meninos, o cara de trinta anos nos aparece velho. Hoje, fico furioso quando leio, no noticiário policial, que um ancião de 58 anos foi encontrado morto. Que falta de critério têm esses fedelhos, saídos das escolas de comunicação? Que direito lhes assiste de assim insultar, pior, caluniar, um cidadão que mal fez cinquenta?

Um ano desses, vinha no avião do Nordeste, conversando com o deputado Iberê de Souza. A propósito, falou-se em Orestes Quércia. Ou foi no José Agripino? Um dos dois. Só sei que, a certa altura, observei pro interlocutor:

“Ele é muito novo, uma criança, ainda não chegou aos cinquenta”.

Iberê agradeceu, sentindo-se lisonjeado.

“Esta resvalou por aqui...”

É, a gente se trai. Quando morreu Antônio Girão Barroso, o poeta Girão, comentava com um colega bem mais novo:

“O Girão morreu ainda moço”.

Visivelmente constrangido, o outro, sem querer ser descortês, discordou, baixinho:.

“Como moço, com 77 anos?”

O general Manuel Vargas, pai de Getúlio, que morreu bem velhinho, o filho, há muito instalado no emprego de presidente, não costumava ir a enterros. Quando lhe perguntaram por quê, explicava:

“Quem não é visto, não é lembrado”.

O economista Eugênio Gudín só se mudou para o andar de cima, como diz Falabella, depois dos cem. O construtor do açude Acarape, no Ceará, brincava, ao final de sua comprida existência:

“Todos os dias, a primeira coisa que faço ao acordar é ler a coluna de necrológios de *O Globo* para ver se ainda estou vivo. Como não apareço ali, vou tomar café e fazer a barba”.

Com o tempo, os anos vão ficando preciosíssimos. Lembro-me de que Roberto Marinho era homenageado, em Nova Iorque, há algum tempo, com um banquete. Durante o discurso de saudação, o orador falou dos seus 85 anos. Ele não hesitou em quebrar o protocolo para interrompê-lo e fazer a correção necessária. Claro, ele sabe muito bem o quanto um ano é importante.

Estou me aprontando para os 80 anos de dona Dolores a que desejo estar presente com toda a mobília doméstica. Isabel, a historiadora, a cronista do Rio, deve ir de lá. Fred, de Paris. Sônia Pinheiro usa seu prestígio para me conseguir vaga na Marina de Iracema que está lotadíssima. Quero que eles

curtam a deslumbrante pousada. (Por mim, quando só, aloje-me no Ibis, ali perto de casa, aonde posso ir a pé ver “seu” Costa e dona Dolores e onde sou tratado como príncipe). Está ruço com tanto turista no Ceará, *malgré tout*. Pretendo abrir crediário para levá-los ao Platô e curtir a paisagem da cidade, lá do panorâmico do vigésimo andar. E conferir aquela goteira que periódica, pinga sobre meus ombros e os de Socorro quando vou lá. Ela tem um xodó com a família! Quero ir ao *restô* do Ideal que frequênto, desde a década de cinqüenta. Não vou, dessa vez, ao Náutico pois ali já não encontrarei o Cury que encostou as chuteiras.

(03/07/94)

O BARÃO DE MAUÁ

Contam as Escrituras que Jesus compareceu a uma festa de casamento em Caná. As páginas tais, era tal o número de presentes que faltou vinho. O pai da moça viu-se em desespero e apelou pra seu amigo de Nazaré. Este, de pronto, foi até os barris vazios, encheu-os d'água que logo se transformaram em bebida da melhor qualidade. Tal fato não passou despercebido aos convidados. Um deles, mais pra lá do que pra cá, reclamou do anfitrião: "Qualé, meu? Primeiro, serviste zurrapa, o vinho de segunda. Só, agora, no final da festa, é que nos apareces com bebida tão boa, tão refinada!". Mal sabia ele das prendas do Divino Fornecedor de que se valera o dono da casa. Isto me vem à mente por conta das biografias que têm saído, gênero que, no Brasil, está nas alturas. Cada uma sai melhor que a anterior e a gente nem pode escolher prioridades, começar por uma ruinzinha, ir pruma média para, só então, degustar as ótimas que também as há.

Apreiei e muito, por exemplo, *O Velho Graça*, a vida de Graciliano Ramos de autoria de Denis Moraes. Tenho certeza de que a teria curtido mais se não houvesse passado antes por um clássico na matéria, o monumental *Anjo Pornográfico*, perfil de Nelson Rodrigues, traçado por Ruy de Castro.

Gostei mais de *Chatô, rei do Brasil*, de Fernando Moraes, que de *Mauá, empresário do império*. Claro, por causa do tema. O personagem. Uma vida muito mais intrigante, empolgante, multicolorida que a do severo pioneiro da industrialização do País. São assuntos muito diversos, tratados diversamente *comme il fault*.

A biografia de Irineu Evangelista de Souza, escrita pelo jornalista Jorge Caldeira é desses livros, desde já, indispensá-

veis a quem deseje conhecer a história do desenvolvimento econômico brasileiro e a precisa moldura do tempo em que operou o grande empreendedor do século passado.

Há muito conhecia a vida de Mauá, de autoria de Alberto Faria e sabia da importância de seu papel no desenvolvimento nacional, não devidamente reconhecido, à sua época. Não podia, porém, como pude agora, avaliar as dimensões econômico-financeiras de seus empreendimentos em matéria de ferrovias, indústria naval, de carne, iluminação pública, empresas agropastoris, bancos modernos e de imperialismo econômico brasileiro. Em termos de peso econômico-financeiro, era um potentado mundial àquela época, muito longe do que imaginávamos.

Ninguém deve deixar de ler esta obra para se ter idéia do que foi um empresário que, em meados do século XIX, rejeitou a fortuna fácil do tráfico negreiro e da especulação financeira, para montar um gigantesco império através do pioneirismo e do risco. Não era homem de seu tempo. Estava mil anos-luz à frente do imperador, dos empresários e políticos contemporâneos. A história de sua vida é a saga do fazimento de uma Nação, através do trabalho e do investimento produtivo. Uma das páginas mais dignas de meditação de *Mauá, um empresário do império* é aquela em que o autor narra a festa de inauguração da primeira ferrovia brasileira. E o vexame que seu fundador inflige ao imperador Pedro II, monarca duma nação de escravos, habituada a desprezar o trabalho manual, levando-o à “humilhação” de cavar o chão, encher um carrinho de mão de terra e levá-lo alguns metros à frente.

Aliás, cada vez que conheço mais da vida do último Bragança a reinar sobre nós, correndo atrás de autógrafos de escritores famosos na Europa, puxando o saco de Gobineau, especializando-se em hebraico, produzindo sonetos de pé quebrado, lembro a frase da amiga Helena Jereissati para quem “D. Pedro II foi o fundador da UDN”. Apesar dele, vale a pena conhecer a trajetória do Visconde de Mauá para melhor o conhecer e mais o respeitar.

(Paris, 28/05/95)

INSPIRAÇÃO E TRANSPIRAÇÃO

Os filhos da gente se impacientam quando lhes contamos histórias conhecidas, tal e qual fazíamos com nossos pais. O pior será quando os leitores o fizerem. Porque sou que nem Nelson Rodrigues: flor de obsessão. Já contei mil vezes e vou contar, pela milésima primeira vez, aquele episódio dos primeiros tempos da revista *Manchete*. Adolfo Bloch, numa tarde de sexta, suava para “fechar” o exemplar daquela semana. Estava tudo pronto. Faltava apenas a página de Rubem Braga que, juntamente, com Henrique Pongetti, Otto Lara Rezende, Fernando Sabino, compunha o quadro de grandes cronistas da época, que trabalhavam ali. Bloch cobrava a produção. O “Sabiá” da crônica parecia sem inspiração. Nada de produzir sua página. Pedia paciência ao patrão, bebia café, fumava, falava ao telefone e o Bloch subindo pelas paredes. Até que, à certa altura, Rubem sentou-se ante à máquina de escrever e, em questão de 15 a 20 minutos, escreveu a crônica. Aquilo docu no bolso do patrão. O sangue semita falou alto:

“Então, seu Rubem, você ganha meus cinquenta contos em 15 minutos?”.

O “Sabiá” contestou no ato:

“Não, Bloch, para escrever esta crônica, não levei quinze minutos, não. Precisei de trinta anos”.

Um dia desses, falava ao telefone com Fernando Sabino. Perguntei-lhe quando voltaria a escrever sua crônica semanal. Ele me confessou seu horror àquela obrigação, de que esperava estar livre pra sempre e que não tinha interesse em repetir.

O pessoal pensa que escrever crônica é fácil. Não toma tempo. Não reclama muito. Primeiro, exige uma vida. Depois,

leitura porque, segundo dona Dolores, neste setor, ninguém tira donde não pôs. Experiência de vida, sei lá mais o quê.

Depois, concentração. Transpiração. Tem mais. Mal você acaba de produzir a desta semana, começa a pensar na da próxima. A pesquisar tema. A catar recordações suas e dos outros. Só descansa quando a obra está pronta. Aí é se preparar para a seguinte. Um nunca acabar.

É claro que escrever crônica não corresponde a erguer catedrais. Equivale a plantar couve para o dia de amanhã. Nada duradouro, com pretensões de eternidade. A crônica é pouca coisa. A ourivesaria do nada. É a circunavegação do autor em torno de si mesmo. De seu cigarro, seu uísque, seus amores, seus desamores. Nada tão banal. Ainda assim exige muita transpiração. Quem pensa o contrário, experimente.

Como é leitor? Escrevi minha crônica ou um pedido de aumento de ordenado?



Um dia desses, elogiei a organização da família de um amigo. Ele se queixou:

“Pensei que você ia falar de meu livro”.

Mostrei-lhe que a elaboração de um livro é importante, sim, mas a educação dos filhos, muito mais. Você pode escrever um livro ruim e se esquecer dele. Fazer com que os outros o esqueçam. Já se você não souber encaminhar a descendência, vai ter problema pro resto da vida.

Outro amigo que se deu muito bem nesta empreitada foi o Antenor Barros Leal. A começar do acerto da escolha da parceira. Silvinha, com seu bom caráter e alto astral. A partir daí, ele começou a crescer, a se expandir profissionalmente. Não sei se plantou, *comme il fault*, alguma árvore lá pras bandas de Boa Viagem. Livro, pode publicar quando quiser reunir os artigos, divulgados em *O Globo*, página nobre. E criou descen-

dência modelar, o quem bem merece. Lembrei-me disso ao receber convite para o casamento de sua Cristina com Rodrigo Jordão, dia seis de setembro próximo, no Rio, onde todos moram.

Somos amigos há muito tempo. Um dia desses, encontrei foto nossa, tomada do plenário da velha Assembléia do Ceará, tão antiga que ainda era vivo o senador Fernandes Távora. Estou conversando com o falecido Virgílio Távora. Ao fundo, está Antenor, que era chefe de gabinete do presidente da Assembléia mas a tempo teve o bom senso de deixar de ser barnabé, feito o Benevides, o cunhado rico, de ficar pensando em estabilidade, subir de letra, contar tempo de serviço, pensar em se aposentar.

Se alguma virtude tenho, está em ter amigos e os conservar. É como sempre digo. A esta altura da vida, não posso mudá-los, substituí-los, arranjar outros. Estou doido, por exemplo, pra que termine logo a campanha eleitoral no Ceará e voltem pra Brasília o Lúcio Alcântara e o Frota Neto. A fim de que possa usufruir do instigante e enriquecedor papo de ambos. Lúcio não é apenas o homem público digno de respeito e admiração, não. É um cara moderno, lido e bem informado. Está por dentro de tudo, inclusive dos últimos lançamentos literários e este é mais um fator de aproximação entre nós. Quanto ao Frota, há muitos anos nos aturamos. E esperamos continuemos assim por muito.

(14/08/94).

PORTADOR MERECE PANCADA

“As más notícias deixam infectado quem tiver de contá-las” - diz um mensageiro em *Antônio e Cleópatra*, de William Shakespeare.

“... Muito embora seja honesto, não é aconselhável trazer notícias ruins. Às mensagens agradáveis dai um milhão de línguas; mas deixei que as infaustas ocorrências se anunciem por si, quando sentidas”. (*Antônio e Cleópatra*)

Faça um balanço, aqui comigo, leitor, e depois, responda a você mesmo. Há quanto tempo você não recebe ligação telefônica dando-lhe uma boa notícia? Contando que Demi Moore sonha encontrar-se com você, independente do milhão de dólares que ia ganhar do Robert Redford? Que alguém adorou ler sua crônica e que acha você um cara formidável, pedra noventa? Que seu livro foi premiado num concurso a que você não se habilitou, que você ganhou na loteria com bilhete que não comprou, que um leitor fanático vai lhe mandar dois bilhetes de primeira classe para você beber ousou num dos barzinhos da Plaka, em Atenas?

As boas notícias são quase paralíticas. Têm a maior dificuldade em sair do lugar. Em chegar até você; já as ruins, estas voam. Encontram sempre vaga no próximo avião. Ou, então, acham quem as sustente, as erga e, principalmente, as conduza. Então depois do fax, da Internet, do telefone nem se fala.

Jorge Amado conta, em suas memórias que, em saindo algo contra ele, crítica mais venenosa, ataque gratuito no mais

obsuro jornal do Planeta, existe sempre alguém que saca da tesoura, recorta-os e manda-lhos, quer se encontre na Oropa, na França ou Bahia. Já dos elogios ninguém se lembra de fazer o mesmo. Nem mesmo os que vibraram com eles. Os que nos querem bem.

Fujo de portador de má notícia, embora nem sempre com êxito. Daquele cara que, sem você nada lhe perguntar, vem logo te informar: “Por que é que o Fulano não gosta nada de ti?” Podia e muito bem dormir sem que ele tentasse envenenar minha noite. Ou minha insônia.

Tem também aquele cara que, à menor provocação, destampa sua caixa de Pandora, repleta de infortúnios. Seu repertório de desditas. É só você indagar “como vai?” e ele começa a desfiar:

“Nem lhe conto. Estou péssimo, péssimo mesmo. E vou lhe contar por quê”. Aí você que caiu na besteira de cutucar o desgostoso, é forçado a escutar todas as suas desventuras. E ponteá-las com exclamações desse teor:

“Horível! Nunca pensei que fosse capaz disso! A gente numa esgota a capacidade de estupefação porque esta foi demais”. É que a aflição da narrativa não comporta isenção, distanciamento; antes requer alguma espécie de protagonização porque, afinal, você não pode quedar inerte, indiferente, abúlico, ante tanta desgraça junta.

Ou então o cara que te aborda para contar: “Coitado do Fulano. Está com câncer. O Fulano se encontra na última lona. Vive às custas dos irmãos. O Sicrano? Você não sabia? A mulher o engana com todo o mundo, a filha vive na droga, o filho não quer nada com nada”. Com freqüência, tal sujeito vive no plantão da Assistência (Hospital Dr. José Frota) ou no necrotério para curtir a tragédia de perto.

Nas tragédias shakespearcanas, os portadores de más notícias são chibateados com extrema crueldade. E quem dá a ordem de castigá-los, autoriza o rei inimigo a fazer o mesmo a

seus próprios fuxiqueiros, digo mensageiros, tal o pouco apreço que são tidos pelas facções em confronto. Aí, ao contrário do nosso provérbio, portador merece pancada e muita.



Marildes e Lauro Vinhas Lopes me haviam falado, em Paris, numa tarde em que deambulamos pelas livrarias do Quartier Latin, de Diego Lopes, o filho poeta. Um dia desses, me mandaram os originais de seu primeiro livro: *Monólogo*. A reação inicial foi pânico. Porque pensei comigo mesmo: e se os poemas não prestarem o que digo aos autores do autor? Como receberão meu julgamento? Pois bem, terça-feira, me chegou a obra, ao lado de quatro livros do mexicano Alfonso Reyes por quem ando curioso. Fui logo, porém, ao livro do Diego e tanto me agradou que li de cabo a rabo naquela mesma noite. Confesso-lhes que, para minha tranqüilidade, fui surpreendido pelo amadurecimento do vate e pela beleza de suas produções. Os pais me perguntam se devem enfeixá-los num volume e digo “sim”. Não há por que não o fazer. Tenho absoluta certeza de que o autor não terá razão para dele se envergonhar, mais tarde, quando atingir, naturalmente, patamares mais elevados de criação literária, o aperfeiçoamento que virá com a idade e as leituras.

“Minha estória é como muitas. Deixo a cargo do destino. O roteiro de minha trajetória”, (diz ele em “Anônimo”).

“Minhas feições tristes morando num retrato”(No poema “3 por 4”).

“Há um segredo em qualquer lugar.

Há uma porta fechada em cada lar.

Todos temem o que não podem ver.

E pelo proibido se deixam fascinar”, (poema “Por trás do que não se pode ver”).

Creio que muitos de nós não hesitaríamos em assinar tais linhas. E vejam que se trata de um poeta que mal chegou aos quinze anos.

Faço, porém, um pedido aos amigos. Não me mandem livros de seus filhos. Imaginem se não gosto! Vou me indispor com eles. Porque, aos olhos dos pais, tudo que a prole produz, é de boa qualidade. (Lembro Jorge Luís Borges: “Com o correr dos anos, observei que a beleza, tal como a felicidade, é freqüente. Não se passa um dia em que não estejamos, por um instante, no paraíso. Não há poeta, por medíocre que seja, que não tenha escrito o melhor verso da literatura, mas também os mais infelizes. A beleza não é privilégio de uns quantos nomes ilustres. Seria muito estranho que este livro, que abarca umas quarenta composições, não encerrasse uma única linha secreta, digna de te acompanhar até o fim”). Voltemos, porém, a nós: os livros, os quadros, os feitos dos filhos valem por uma espécie de netos e, por isso, são necessariamente objetos de nossa afeição. E se meu julgamento severo desestimular o futuro vate, truncar uma carreira, perco eu a amizade de seus autores? Felizmente, não foi o que me aconteceu, terça-feira, e a Deus sou grato por isso.

(24/03/96)

ESSES ADORÁVEIS MENTIROÇOS

“Nossas são as mulheres que nos deixaram, já não sujeitos à véspera, que é angústia e aos alarmes e terrores da esperança”(Jorge Luís Borges, em *Os Conjurados*).

“Para mim, a arte do romance não era a da mentira (isso exigiria a turvação dos sentidos e a distorção da realidade social), mas sim a do “fingimento”. E expliquei que a arte de “fingir” representava uma lucidez e uma clarividência em duplo, o mais próximo possível da “imitação” crítica da verdade, pela verosimilhança. Mas se não era um “menteur”, então como me considerava eu? Um fingidor? Um louco?”. (João de Melo, *Dicionário de Emoções*).

Tem uns dias em que você está doido para voltar à mesa de trabalho, ao computador e mandar seu recado aos leitores, se comunicar com eles. Isto não garante que você vai produzir boa crônica. Bela obra literária. Apenas lhe assegura escrever com prazer e rapidamente. Falo de crônicas porque sou talento fascicular. Não sou capaz de grandes e contínuas criações. Sou que nem o confiteiro que leva, ainda quentes, para a mesa dos fregueses, os bolos e confeitos que fabrica, só pela urgência de vê-los consumir seu produto. De registrar o prazer que lhes proporciona e que, por isso mesmo, é também seu. É que me faltam, repito, talento e paciência para grandes obras. Sou capaz de realizações esparsas, para imediato regozijo, prazer e

consumação do público e logo volto à faina, numa batalha incessante que se prolonga há quarenta anos. Eu sempre plantando minhas couves, sem vôo nem dimensão de semear carvalhos. Taí uma frustração que me rala por dentro. Não sou romancista, embora haja escrito um romance. Que é muito mais uma colagem jornalística que ficção, livro de romancista. É um enjeitadinho que continua a viver penosa peregrinação pelas editoras paulistas. Temo por ele. Pelo vexame que me possa infligir. Por uma razão muito simples. Afinal, sou um jornalista que nada cria, um ser incapaz de inventar. Apenas copio a realidade ou a versão da realidade que me chega. Sou um parasita da documentação que pretende perenizar a realidade, resgatá-la ao olvido. É que não sei mentir. Não tenho, para tanto, gênio nem paciência. Desisto logo. Sofro da deformação profissional de todo homem de imprensa, escravo do fato. Ou da maneira como o fato lhe chegou aos sentidos. Quem me dera haver nascido com o gênio dum Balzac que chamo plagiário de Deus pelos mundos que criou e povoou? Nem queria tanto. Bastavam-me as fantásticas artes desse genial mentiroso Jorge Amado que, há cerca de seis décadas, mente em sessenta e tantas línguas, sobre meninos de rua, mulatas e seus amantes árabes sempre com graça? Saber contar histórias como José Condé. Igual a Fernando Sabino.

O pior é que me baseio em acontecimento histórico para elaborar minha ficção. Aí converto-me em vítima do parasitismo documental. Seu escravo. Não sei como quebrar as amarras do modelo real. Borges diz que quando se escreve romance histórico, corre-se o risco de dizer que uma personagem fuma e quem o conheceu dizer e provar que abominava o fumo. Que era alto e falante e tudo lembrar aos outros que era baixinho e taciturno. Para ele, é preferível não se perder nesses atalhos.

Não são apenas essas as vicissitudes dum romancista estreante. Um dia desses, a editora anunciou que mandaria os originais da obra, já compostos. Passei a viver os terrores da

véspera. Tornei-me prisioneiro do prazo. Eu que, há dias, semanas, meses, aguardo o desenrolar da novela de minha novela, fiquei a sofrer a angústia da espera. E ,depois muito mais, a frustração da espera sem chegada, sem encontro. Muito mais que antes quando não havia um marco, uma previsão delimitando minhas sofridas expectativas. Ah, que parto mais demorado que parto de mula!

ESSES MARIDOS TRAVESSOS E SUAS DESCULPAS MARAVILHOSAS

Segundo amiga minha, calejada em vários leitos matrimoniais, marido é tudo igual. Só muda o CPF. Outra, bem menos casada que a anterior, acha que marido bom é marido doente. O homem, fragilizado pela enfermidade, fica caseiro e sem ousadias externas. Uma terceira cisma quando vê o marido próprio ou alheio de branco. Então todo de branco, feito médico ou bicheiro, tem, logo, o pressentimento: “Hoje, ele vai para o crime”. Mais grave só lhe parece o caso de marido se balançando na rede, bebendo vinho branco e ouvindo música romântica. Aí, a coisa é grave, e requer maiores cautelas porque significa que o moço anda apaixonado.

Os maridos diferem, em suas reações quando pegados, como direi? Com a boca na botija ou, mais precisamente, em bocas alheias.

Uns negam, de pés juntos e com tal ênfase, que correm o risco de serem acreditados. Juram que é mentira, foi ilusão de ótica, puro engano.

Outros se zangam. Mostram-se ofendidos.

Há uma quarta categoria dos que confessam, coitadinhos, erram, foram vítimas de sedução, ludibriados pelo canto de se-reia da outra e que aquilo nunca mais vai acontecer. Quanto mais convincente for o juramento, maior a possibilidade de que venha a ser renegado.

Vou contar alguns casos que me chegaram ao conhecimento. Um grande professor, que me ajudou a conquistar o rubi, ficou, em casa, no dia consagrado à categoria profissional

que integrava. A mulher, que não era mestra e, sim, médica, foi pra repartição. Naquele tempo havia doméstica e esta, que fora recentemente contratada, acendia fervorosos desejos no mestre. De propósito, só pra atentar. Deu-se o caso de que estando os dois sozinhos, ela se mostra muito receptiva. Estavam, então, os dois nas escaramuças iniciais quando a porta, de repente, se abriu e entrou a dona-de-casa, movida, não se sabe por súbita suspeita ou apenas pela necessidade de buscar o estetoscópio. Ao se deparar com aquela cena, ficou furiosa e interpelou o respectivo, aos gritos, sobre o que era aquilo? O catedrático, humilde, contrito, só tinha uma explicação:

“Foi a carne, a carne...”

Ela, então, batendo no próprio corpo, nos detalhes anatômicos que lhe pareceram mais expressivos à sua metáfora, rosnou:

“E isto aqui, por acaso é peixe?”

Conta o ex-senador Marcondes Gadelha que tal desventura acometeu um de seus velhos tios, de Souza. Protagonizou cena semelhante. A mulher foi à missa. Ele se recreava com a cozinheira, quando ela voltou, flagrando-o em plena ação, indagou:

“O que é isso, fulano?”

Ele, fatalista e resignado como um oriental, lamentou:

“Azar, mulher, muito azar”.

Tem, ainda, o caso daquele cara que já foi autoridade no Estado, até secretário, pilhado, atracado à doméstica, pela sogra que morava em sua companhia. Ficou em pânico. Saiu de casa, morrendo de medo. Preocupado, contou o acontecido a um colega de banco que era otimista incorrigível. Ele, logo, achou mil razões para lhe restituir o moral. Foi logo perguntando:

“Tua sogra mora com vocês?”

“Mora”, confirmou o outro.

“Por quê?”

“Porque é viúva, porque é pobre”.

“Tu acha, então, que ela vai te dedurar? Vai arruinar o casamento da filha e, ainda, perder as mordomias?”

“É mesmo, né?”

O culpado, animado, induziu outros colegas a novos prognósticos otimistas. Voltou pra casa quase esquecido do incidente. Vinha, mesmo todo lampeiro, assobiando ao volante do carro quando viu, no portal da casa, a empregadinha, com uma trouxa de roupa ao lado esperando o ônibus. Quando ele lhe dirigiu o olhar espreitador, ela respondeu, o polegar apontando pro chão:

“Oi, doutor, nós aqui”.

Conhecido repórter andava de rédea solta, uma farra por noite. Voltava pra casa, todo dia, pegando o sol com a mão. A mulher reclamava, ele prometia emendar-se, mas nada. A coisa se repetia. Até ou eu ou a boemia. Ele não se tocou. O certo é que, quando chegou, dia seguinte, a própria estava sentada, no sofá da sala, feito visita, os meninos, ao lado, vestidos, estremunhados, com a cara de sono, ao lado das malas. Quando ela disse que ia embora, ele se ajoelhou a seus pés e lhe dirigiu súplica desesperada:

“Meu amor, faça uma promessa para eu deixar de beber...”

Os maridos mineiros não são piores nem melhores que os de outras naturalidades, origens. Parecem ter, porém, mais jogo de cintura, saídas mais espertas. Um deles, ao sair do trabalho, deu carona a uma colega que era sua tentação. Já a abor-dara infinitas vezes e nada. A moça era um rochedo. Inacessível. Naquela noite, não. Era seu dia de sorte. Foram jantar, foram dançar e terminaram no motel. Quando ele se deu conta, era manhã. Os raios de sol coavam-se pelas cortinas. Saiu correndo, pensando em que desculpa daria em casa. Nada. Até que viu um salão de bilhar ainda aberto. Parou, olhou um par de jogadores retardatários e, de repente, teve uma idéia. Pegou giz e espalhou na manga do paletó, na lapela, na calça, em toda parte. Ao chegar em casa, a mulher perguntou:

“Marido, onde você estava até essa hora, dando preocupação à gente?”

Ele arriscou:

“Descolei uma tremenda loura, um avião, e fui com ela ao motel”.

A mulher riu, confiante e otimista e respondeu:

“Besteira, homem, você estava era jogando sinuca...”

Até ele se convenceu disso.

(10/10/93)

OS MITOS DO MEU TEMPO

Sou do tempo em que havia três instituições sagradas no País, além da Igreja Católica. Eram as Casas Pernambucanas, as Forças Armadas e o Banco do Brasil. Entre os pobres e a classe média quem sonhava encarrear os filhos, pensava em os ver militares ou bancários. Também padres, embora a opção sacerdotal já estivesse menos prestigiada. Meu pai foi caixeiro dos Lundgren, os proprietários de “As Pernambucanas” e morreu falando maravilhas da organização empresarial germânica. Não só ele. O Brasil todo. Naquela época, havia quem dissesse que, para um aglomerado humano passar a ser considerado cidade, precisava ter, pelo menos, uma Igreja, um cabaré (“a zona”) e uma loja de “As Pernambucanas”. Atualmente vemos, desolados, parte do grupo empresarial minguar, encolher que nem pneu furado, tendo até de recorrer à concordata. É pena. Trata-se de mais de um mito de minha infância que se esfarela, se desfaz.

Uma das carreiras de maior futuro era a militar. Claro. Tratava-se de emprego certo, com status e velhice segura. Hoje é o que se vê. Capitães habitam favelas no Rio. Outros pilotam táxis. Sem falar nos que se alugam a bicheiros pra comer, sobreviver. Por toda a parte, os milicos estão numa pindaíba de fazer dó. E, pro futuro, ainda querem morder suas aposentadorias. O que se espera à frente é ainda mais negro. Na matriz, o Banco Mundial e o FMI simplesmente pretendem acabar com as forças armadas dos países periféricos. Não teríamos mais Exército, Marinha nem Aeronáutica. Seríamos assim feito a Costa Rica.

Bancário, então, nem se fala. No interior, o funcionário do Banco do Brasil era um rei. Um príncipe em que estavam de

olho todas as moças casadouras da cidade. Partidão raro tava ali, tinha posição social, salário elevado, aposentadoria confortável. Nem parece hoje em dia em que está sendo jogado no olho da rua pelo governo e pintado como marajá, apontado como parassita pelos meios de comunicação.

Conto mais uma vez: quando adolescente, fui mordido por uma dessas paixões incuráveis da idade. O objeto desse amor era morena e tinha sardas no rosto. Recém-saído do Seminário, morria de timidez. Não tinha coragem de abordá-la. Nutria paixão ilimitada e inconfessada. Tudo, porém, caminha prum desfecho. O certo é que, um dia, fiz das tripas coração e fui, de qualquer jeito, a seu encontro, no *footing* da avenida. Que decepção! Com sorriso brejeiro nos lábios, me descartou. Não podia. Não podia, porque era comprometida com outro. Masoquista, quis saber quem era o felizardo, meu rival. Eu não o conhecia, explicou: morava noutra cidade. Sua profissão: estudava pro concurso do Banco do Brasil. Que humilhação! Eu que, entre os menores sonhos, alinhava o de ser presidente ou papa, era derrotado por uma larva, uma expectativa de bancário. Tem mais.

Costumo ainda contar o caso de dona Alice Rodrigues de Souza, uma vitoriosa: conseguira colocar dois filhos no Banco do Brasil. Além disso, ninguém podia ser mais bairrista que ela na cidade. O mundo começava e terminava em Sobral. E os filhos. Uma vez, estava particularmente eufórica com o êxito funcional de um deles. Dizia à amiga, Aláide Sobreira:

“Meu filho, o Toim estourou de letra...”

“Já foi A. B. C. D. Z. não tinha mais letra pra ser promovido. Aí o fizeram fiscal do banco...”

Quando terminou o esfuziante contentamento, lembrou-se de indagar da outra:

“E o seu filho, o Narcélio, como vai?”

Aláide, muito modesta, respondeu:

“Ele é inspetor do Banco Central...”

Dona Alice olhou-a intrigada, sem entender direito o significado do posto. Não resistiu e perguntou:

“Banco Central, Banco Central? Tem agência em Sobral?”

A outra explicou que não. Não tinha. Dona Alice, então sentenciou:

“Se não tem agência em Sobral, não deve ser importante, não...”

(1995)

CONHEÇA O SEU LUGAR

Pobre precisa conhecer o seu lugar para não se dar mal. Uma das primeiras regras de boa conduta do pobre é não andar com o rico. Nada de promiscuidade. Porque termina pagando a conta do outro. Ou, na melhor das hipóteses, carregando-lhe a mala. Vocês sabem de uma coisa? O rico tradicional, o que nasceu em berço de ouro, não anda com dinheiro. Às vezes, nem com cheque nem cartão. Livra-se, assim, simultaneamente, de despesas e facadas. Já lhe ocorreu sair assim, viajar assim, nu? Pois bem, uma vez fui jantar com um milionário de herança e de esforço próprio. Ao final, ele se deu conta que não trouxera nada para saldar a conta. Paguei o pato.

Anos atrás, fui, com amigo de hábitos suntuários, à Europa. Ele pagou o carro, o motorista e sua hospedagem. Tudo bem. Saiu, porém, caríssimo pra mim que jamais me hospedara em hotéis tão caros. Em Veneza, por exemplo, ficamos no Bauer Grunwald. A diária era tão cara, tão cara, que me deu vontade de não sair do hotel. Ficar, ali tarde e noite, curtindo o apartamento de preço tão salgado e olhando o movimento das gôndolas.

Nesta viagem, aconteceu uma observação que não tem nada a ver com o resto da crônica, mas de que me lembrei agora. Quando chegamos em Innsbruck, não havia hotéis disponíveis. Fomos, então, para um, afastado da cidade ao pé dos Alpes tirolezes, próximo a um riozinho de águas cristalinas e incansáveis. Era uma tarde de sol. De repente, descem dum ônibus dezenas de velhos e velhas franceses, doidos por conversa. Uma delas se aproximou de nós três e puxou papo. Lembro-me bem de que, quando se afastou, disse para as companhias: “Ils sont trois célibataires portugaises...”

Você conviver com gente muito importante ou muito rica pode levar a vários equívocos. Um deles é freqüente: você tende a pensar que é igual a eles. Ai é que se machuca. Foi o meu caso. Sou, todos sabem, um pobre homem do Beco da Piedade, em Fortaleza que, por atrevimento, temeridade e facilidade do crediário todo o ano, vai bater pernas na Europa. Passa as nove horas de vôo apinhado na classe econômica, que nem sardinha em lata. E, na volta, começa a pagar a extravagância.

Sempre, porém, tive excelentes amigos. Por exemplo, Afraninho Nabuco. Quando ele dirigia a TV Globo de Brasília, com freqüência me convidava a comer de seu caldeirão largo. Distinguia-me tanto que eu pensava ser igual a ele. Ilusão de ótica. Era nada. Afinal, ele é neto de Joaquim Nabuco. Depois, filho de José Nabuco, um dos maiores advogados do Brasil e Mello Franco pelo lado de dona Maria do Carmo. Pois bem. Os olímpianos também têm suas queixas da vida. Num almoço, ele reclamou dos altos preços das passagens para Paris. Eu que podia muito bem ter ficado calado, sabem o que fez o panaca? Abriu a boca para dizer: "A passagem ponta-a-ponta sai por menos de mil e quinhentos dólares.." Ele, com bondade, pacientemente, explicou: "É que vamos com papai e ele somente viaja de primeira classe..." O que acontece é que ele nasceu na primeira classe. Seu pai, há cinqüenta anos, mantém apartamento da rua Varsano, em Paris. Que é, pois, que um cara, criado na Praça do S. Francisco em Sobral e saído do Beco da Piedade, tinha de meter sua colher de pau naquela conversa?

Quando contei o acontecido à colega Ana Amélia Lemos, da *Zero Hora*, ela me relatou o que lhe acontecera e ao marido, Otávio Cardoso, ex-senador. Decidiram criar ovelhas em chácara próxima a Brasília. Andavam muito animados com a iniciativa e mais animados ficaram quando souberam que estavam sendo procurados por um grande ovelheiro gaúcho, da terra deles. Vibraram. Podiam pegar boas dicas. Permutar experiências. Convidaram-no para jantar. Em meio à conversa,

ela caiu na besteira de perguntar: “Quantas cabeças o senhor cria?” Ele respondeu, com naturalidade: “Oitenta mil”. Ana Amélia ficou ruborizada. O fazendeiro quis saber porquê. – “Nada”, disse ela. “Nada”, confirmou o marido. Foi aí que ele, ovelheiro, perguntou o que não devia: “E vocês?” Ela morta de encabulada, informou: “vinte e cinco”. O fazendeiro não conseguiu deixar de observar: “Dá pra conhecer todas pelo nome..”

DEPOIS DO SUSTO, OSTRAS COM CHAMPANHE, EM PARIS

Um dia desses, Marcelo Linhares recebeu a visita de um chato. Desses que só dão notícia ruim, de baixo astral, de mau-olhado tão forte a ponto de secar pimenteira. Pois bem. O cara lhe encheu tanto o saco que, quando ele foi pegar o carro, este não pegou. Opala do ano não quis sair do lugar. Empacou que nem jumento ruim. De nada valeram promessas, ameaças, rezas, o bicho ali parado, por conta dos maus fluidos do visitante.

Já me aconteceu coisa parecida, com resultados piores. Há onze anos, num 31 de março (quanta coisa ruim tem acontecido neste dia!) me apareceu um mala sem alça, tão desagradável que minha pressão subiu. Foi lá pro 26º andar. Supus ter sofrido enfarte do miocárdio. De repente, estou na UTI, imobilizado, sem poder receber visitas, cheio de tubos no braço e no nariz. Aí você pensa que acontecimento como aquele jamais lhe poderia suceder e, no entanto, lhe sucedeu. A vítima é você quando bem podia ser o outro. Os outros.

É certo que fui tratado, como príncipe, no Hospital Distrital de Brasília. E do lado de fora, pela solidariedade dos amigos que foi fervorosa.

Me pelava de medo de morrer. Andava com os nervos à flor da pele. Havia, acho que ainda há ali, um padre velhinho, padre Brusco, capelão do Hospital. Pode ter sido impressão minha ou fruto do medo, não sei. Achei que o sacerdote botava os olhos compridos na minha direção, imaginando-me presunto iminente, possível freguês de extrema-unção que ele devia en-

caminhar, o quanto antes, pro reino dos céus. Um dia, como ele me olhasse muito, fiquei brabo da vida e mandei-o àquele lugar.

Igual ao que fiz com o Eurico Rezende, então governador do Espírito Santo, que ao me encontrar, foi logo perguntando:

– “Então, andaste fazendo vestibular pra eternidade?”

Outra vez, ainda na CTI, fiquei fulo da vida não sei porquê, esbravejei, pedi papel pra escrever denúncia contra o atendimento hospitalar. Quando, depois, me dei conta do que fizera sob efeito dos medicamentos, pedi desculpas, mil desculpas aos médicos que me assistiram. Um deles nem deu pelota, dizendo estar habituado a tais desvarios:

“Pior, foi o Aliomar Baleeiro, presidente do Supremo, que quis sair daqui nu, pelado tal qual veio ao mundo...”



Como vocês podem notar, não morri. Não era minha hora e ainda há um bocado de scotch a consumir. Não tenho, porém, leitores, o direito de tomar o tempo de vocês com recordações de hospital. Vamos a outras lembranças. À França. Uma vez, estava em Paris e era dezembro. Fazia compras na Galeria Lafayette com ex-reitor Paulo Elpídio, colega de pré-vestibular e meu amigo desde então. Andava atrás de umas camisas com etiquetas francesas. Não achei. À certa altura, me dei conta de que não andaria com as etiquetas pro lado de fora das camisas para açular a inveja alheia e de que os colarinhos europeus são muito altos e incômodos pros gogós de cabeça-chatas. Desisti. Era crepúsculo de 31 de dezembro e tinha sede. Propus, então, a Paulo: “Vamos beber estas camisas?”

Ele se rendeu fácil à minha proposta. Fomos, então, à cantina de Monsieur Krautner, no Boulevard Montparnasse, esquina com a torre, executá-la. Sentamo-nos na varanda envidraçada, para não deixar de ver Paris passar. Paulo pediu champanhe. Aqui? A estas horas? Não é possível”.

Não vira ninguém até então pedir ostras e champanhe naquele local, naquela hora. E alinhou severos argumentos contrários ao atendimento de nosso pleito. Depois de ouvi-lo, Paulo, então, engrossou:

– “Será necessário fazer um requerimento ao gerente?”

Ao ouvir falar no patrão, o garçom, furioso, foi lá dentro. Deblaterou com o superior hierárquico, repetindo as razões do veto. Perdeu, Fulo da vida, veio atender-nos. Pedi um litro de champanhe. Pra nos humilhar, ele fez questão de enfatizar o preço.

“É exatamente esta”, confirmei.

Resmungando, ele nos trouxe o bom champanhe e aquelas suculentas, deliciosas, sensuais ostras que se comem em Paris, enquanto o Paulo filosofava:

– “Se fosse na Inglaterra, eles nos teriam pedido mil desculpas, diriam que não sabiam como nos atender, iam aprender, voltássemos no próximo ano, nem pagaríamos nada. Agora, não, não dava. Não sabiam como fazer”.

VOAR DEVIA SER SÓ COM OS PÁSSAROS

Cada vez que o avião sobe e começa a singrar os céus, considero aquilo milagre, algo que me estupefaz. A audácia do mais pesado que o ar me parece espécie de usurpação aos pássaros, desafio aos elementos. Porque se Deus nos quisesse voando, nos teria dado asas. Por isso, quando um deles cai, vejo a tragédia como castigo da Providência Divina, que nem o que Júpiter infligiu a Ícaro.

Por isso, viajo sempre com medo. A cada oscilação do aparelho, o coração me quer sair pela boca. Nos bons tempos em que, todos os anos, ia à Europa, vinha de Lisboa até Recife, até o Rio, de co-piloto. Com a responsabilidade de segurar a aeronave.

Cada vez que me pilho, no alto dos céus, as mãos suadas, o coração aos pulos, morrendo de vontade de pedir pra descer, me pergunto:

“O que estou fazendo aqui?”

Logo que acabo de pagar o crediário à VARIG, começo a pensar em repetir a aventura.

Não me venham com argumentos irrespondíveis, tipo “o avião é o mais seguro meio de transporte, veja as estatísticas, não cai nunca.” Respondo como Jorge Amado:

“Vocês estão pensando que sou burro? Não sou, não. Sou é covarde.”



Em 1975, a serviço de *O Estado de S. Paulo*, acompanhei o presidente da ARENA, Francelino Pereira, em peregrinação

pelo País, tentando recuperar o partido oficial do revés eleitoral do ano anterior. Viajamos de jatinho particular por tudo quanto era canto embora o ideal do Francelino, piauiense que deu certo em Minas, era baixar sempre que podia, num povoado do Vale do Jequitinhonha, região tão pobre quanto o Nordeste onde era votado. Claro, pensava em sua volta à Câmara pois não podia ainda saber que seria sorteado, com o governo do Estado, na loteria do Geisel.

Certa vez, coube-nos ir a Rondônia (ou foi Roraima?), um desses territórios remotos, que não pretendo nunca mais rever e que fica lá pras bandas da Bolívia. Sei que tivemos de visitar Guajará-Mirim, na fronteira. Deixamos o jatinho em Porto Velho e embarcamos num teco-teco. Tinha a vaga idéia de que sobrevoaríamos a mata virgem, não adivinhando a gravidade da expedição. A certa altura vi, aos pés do piloto, machadinha, faca, corda, lanternas. Quando, inocente, quis saber pra que servia aquilo, ele me explicou:

“Equipamento de emergência pro caso do avião cair na selva.”

Somente aí me dei conta do risco iminente. Já me imaginaram, de óculos, terno escuro, gravata, de machado em punho pra encarar índios, onças e sucuriús?

Integrei a chapa senatorial da oposição em 1976 pelo fascínio que tenho pelas causas perdidas. Foi bom. Foi uma festa falar pra tanta gente, soltar o grito preso na garganta, dizer o que você julga ser certo. Uma espécie de psicoterapia de multidão. Percorri o interior na camioneta do Nenen, com o Chagas Vasconcelos, o José Maria Barros Pinho ou então no avião que o Ozires Pontes e o Mauro Benevides arranjaram.

Pensem, agora, os leitores, como eu ficava quando tínhamos de sobrevoar os campos de aviação do interior, bem baixinho, pra espantar bois, vacas e jumentos que pastavam na pista. O piloto Sampaio tinha um sestro. Adorava tirar fino nas torres dos campanários das igrejas do sertão. Fazia-o com tal

gosto e tão preocupante assiduidade que Mauro, assustado como todos nós, o advertia, a seu jeito:

“ Sampaio, o doutor Lustosa não está gostando nada disso...”



O ex - senador Wilson Gonçalves era, então, vice-governador do Estado, eleito que fora na chapa de Parsifal Barroso. Aconteceu ter de ir ao Crato, terra natal, presidir solenidade oficial. Por acaso se encontrava em Fortaleza o bispo da cidade, dom Vicente Matos. Que pediu carona. Pra si e pro secretário da Diocese. Apesar da companhia, a viagem foi infernal. O avião pulava mais que cabrito montês. O Bispo, rezando o breviário, suava e nada dizia. A certa altura, o piloto se achou na obrigação de avisar que um dos motores pifara. Logo depois, dava pra perceber que o outro começava a ratear, a dar problemas. O secretário do Bispo, apavorado, lhe disse:

“Dom Vicente, talvez logo mais estejamos com Deus, Nosso Senhor...”

Num repelão, o santo homem recusou a idéia:

“Homem de Deus, não fale uma desgraça dessas...”

ARROZ DE MARISCOS EM PORTUGAL

A cada idade, sua vicissitude, diz o Eclesiastes que o Geisel gostava de citar, quando presidente. Assim é a vida. Quando você, jovem, cheio de vida, chegava a uma cidade, a primeira pergunta que fazia era:

“Onde é o puteiro?”

Queria saber onde ficava a zona, quais as melhores casas, a qualidade e o desempenho das raparigas.

(Dom José Tupinambá da Frota, Bispo Conde de Sobral, se gabava de que no imenso território de sua diocese, da boca do sertão, no Cratéus até a pancada do mar no Camocim, não havia um templo protestante. Nem unzinho pra semente. E o nosso José Hélder de Souza costuma recordar ter sido arrebanhado pelo padre Domingos Araújo, vigário da Sé, pra expedição punitiva contra o pastor. Quando a comissão do Rotary (ou foi do Lion's?) foi vê-lo, pedindo-lhe permissão pra se instalar na cidade, um de seus integrantes, galanteou-o, dizendo: “Afinal, Sr. Bispo V. Excia é quem manda em Sobral”.

Ele pigarreou, tamborilou com os dedos no espaldar da cadeira de jacarandá trabalhada e negou:

“Quem manda aqui é a Chica Agostinha. Tanto assim que fechou o cabaré dela no fim de semana. Segunda-feira, ele já está funcionando de novo...”

Hoje você não faz mais isto.

E não apenas porque o tempo passou na janela. Também porque neste campo o profissionalismo perdeu de dez a zero. Por isso, já não há mais bordéis. É que você nem pergunta pelas gatas. Os apetites estão subindo. Agora você quer saber é onde pode

encarar a melhor lagosta ao catupiri, o arroz de ostra do “Lá-em-cima”, o arroz de polvo do “Garoto”, as ostras frescas do “Getty’s”.

(Na Casa Parente, médico amigo reclamou que usasse a palavra tesão, logo eu, um ex-aluno do Colégio Sobralense. Estou em boa companhia. Quem a empregou foi o padre Antônio Vieira naquele sermão de Salvador em que ele pede a Deus que desça e venha encarar, aqui em baixo, os incréus holandeses que querem invadir a Bahia. E também o profano Thomas Antônio Gonzaga).

Houve tempo remoto em que, todos os anos, ia a Portugal. Era uma festa. Principalmente gastronômica. Não tem regime que agüente. Portugal, pra mim, é série infindável de restaurantes nos quais sempre se come bem. Principalmente nos de terceira classe, o prato vernáculo: sem papagaiadas, sem estrangeirismos. Como o Eça relatou e o Dario Castro Alves anotou.

Um dia desses, Paulo Afonso e José Carlos Fonseca foram a Portugal. Agora, quando os amigos viajam, viajo por procuração. Pedi-lhes que passando pelo Porto, visitassem o sebo detrás do Hotel Infante de Sagres, a vasculhar livros velhos e fossem saciar o bandulho em A Regaleira, à Rua Bonjardim, comendo, se possível de joelhos, a açorda de mariscos da casa. Eles foram lá por mim e lhes agradeço.

Quando ia à santa terrinha, os portugueses eram, então, gentis. Adoravam receber-nos. Dizem que por conta dos dentistas e do adido, as coisas mudaram. Tenho pena. Certa feita, no restaurante do Cassino do Estoril, com o falecido Thomas Coelho, ao observar o cardápio (a emenda) indaguei o *maitre*:

“O que vem a ser pato estufado?”

Pasma de minha ignorância, ele esclareceu peremptório:

“Pato estufado é pato estufado”.

Diante de tão cabal informação, nada mais perguntei.

Noutro dia, batia pernas por Amadora até que a fome chegou. Calhava-me, sempre me calha - o arroz de mariscos. Lá, é minha perdição, todo o santo dia. Não relaxo. Peço arroz de mariscos e um branco Bucellas, até que chegue o castigo da

intemperança, a gota. Parei numa farmácia e perguntei onde podia matar a fome. Pressuroso, o ajudante desceu da botica (ela tinha batentes), veio até a rua e, prestimoso, me informou:

“Está a ver aquele sítio, lá”.

“Estou”, respondi.

Ele, então elucidou:

“Pois, não é lá...”

Fiquei calado, na moita. Não sabia o que viria a seguir.

Ele prosseguiu, dissipando quaisquer dúvidas:

“Adiante, num largo, há um cavaleiro de costas, no alto, com as mãos pra trás. É lá. O senhor vai encontrar”.

Segui em frente. Passei pela praça onde havia uma estátua de eminente português sobre um patamar, de mãos cruzadas, às costas. Cheguei ao restaurante Nevada. E lá me delicieei com o divino manjar.

Ao final, agradei a Deus pelos ajudantes de farmácia e pelo arroz de mariscos que nos prodigaliza. Aquele prato, devia tê-lo comido de joelhos. Talvez melhor fosse de quatro, como um glutão, como uma alimária. Em verdade, em verdade voz digo, os apetites, com a idade, vão subindo. Em breve, só as *vernissages* e as consultas ao cardiologista. E vocês talvez estejam a se perguntar o que tem a ver a “zona” sobralense com o arroz de mariscos. Nem eu mesmo sei.

Podia falar, ainda, das comidas sobralenses. Uma das primeiras saudades gustativas que me ocorre é de mel de engenho com farinha, na casa do cabo José Gomes Vasconcelos, tio do Meton, lá na Cruz das Almas. Ou do sorvete do bar Cascatinha. E as queixadas de dona Francisquinha do seu Manuel Romano? O alfenim, os sequilhos, o farte (pastel com gengibre da Semíramis e de dona Mundola? Mas era muito Sobral pruma crônica só. Fica pra outra. Aí falarei até do tijolinho de leite, pretinho de moscas (pareciam cravos), no Camerino, ali no Beco do Cotovelo.

(20/09/92)

FORMALISMO

“Amável formalidade, tu és, sim, o bordão da vida, o bálsamo dos outros, a medianeira entre homens, o vínculo da terra e do céu; tu enxugas as lágrimas de um pai, tu captas a indulgência de um Profeta” (*Brás Cubas*, Machado de Assis).

Em *Brás Cubas*, Damasceno está mortalmente ferido porque apenas doze pessoas compareceram ao enterro da filha, Eulália Cotrim; o cunhado da personagem-título, tenta consolá-lo:

“Vieram os que deveras se interessam por você e por nós. Os oitenta viriam por formalidade, falariam da inércia do governo, das panacéias dos boticários, do preço das casas, uns dos outros”.

Damasceno ouviu calado, abanou outra vez a cabeça e suspirou:

“Mas viessem!”

Winston Churchill era o próprio antípoda de De Gaulle em matéria de formalidade. Um dos quatro homens mais importantes do planeta, quase mata de susto o filho de Roosevelt ao abrir a porta de seu quarto na Casa Branca, pelado. Tal qual viera ao mundo.

Entre nós, ninguém mais formal que Castelo Branco. Quando Presidente da República, em visita a Fortaleza, sacudiu, bruscamente, a mão de poeta amigo que pousara indevidamente sobre seu ombro quando percorriam ambos uma das pérgolas do Náutico Atlético Cearense. Simples e modesto, José Sarney era, porém, outro que zelava muito pelo que

chamava “a liturgia do posto”. Por isso foi visto, pelo País inteiro, de paletó e gravata, meio-dia em ponto, sol a pino, visitando plantação de soja no interior de Goiás. Bem diferente do estilo de Figueiredo, capaz de se deixar fotografar, de sunga, para revistas ilustradas no curso de “campanha” presidencial.

Todos devemos algum culto à formalidade. É o que distingue o civilizado do bruto. Claro que o excesso, o maior respeito à forma que ao fundo, resulta no que chamamos formalismo.

Ele não distingue classe social, formação cultural ou nível intelectual. Senão vejamos.

Tenho amiga, boníssima criatura a quem o marido largou por outra. Mulher simples, à antiga, ainda se considera casada com ele, mulher dele. E alimenta a esperança:

“O enterro dele ainda sai de minha casa”.

Outra é mulher de formação universitária, viajada, culta. Ficou, porém, uma arara com a prima, colega de colégio porque ela recebeu a “outra”, sua sucessora, antes que o casamento houvesse sido oficialmente desfeito. “Ela teve coragem de receber a Fulana em casa, antes mesmo que meu desquite houvesse sido homologado e publicado no Diário Oficial. Total desconsideração”.

O outro era marido galinha até não poder mais e, como tal, conservador ao extremo. Aconteceu que lhe sobreveio neto precipitado. Que chegou poucos dias após o casamento da mãe, sua filha. Pois bem, formal, o pai caturra e avô severíssimo só abençoou o neto nove meses após o dia do casamento da filha.

Vai, aqui, um parêntese. Em Sobral, o monsenhor Gonzalo Eufrásio costumava ridicularizar a desculpa amarela dos familiares quanto a esses netos apressados, inesperados:

“Filho de sete meses é só o primeiro. O resto, tudinho, vem a tempo”, sentenciava com voz fanhosa e tom sarcástico.



Março de 1964. A Marinha inteira estava amotinada contra o presidente João Goulart por sua solidariedade à patota do cabo Anselmo. Quando o ministro se demitiu, nenhum almirante quis assumir o cargo. Jango foi forçado a recorrer ao almirante Paulo Mário Rodrigues, já aposentado, compulsoriamente, por idade, como ministro do Superior Tribunal Militar. De sacanagem contra o governo ou por desinformação, um repórter de tevê interpelou-lhe a mulher, sua antiga cozinheira, que preencheria a solidão do viúvo:

“A senhora é que é a esposa do Ministro da Marinha?”

Ela, honestamente, recusou o título para proclamar:

“Não, sou apenas amiga da com ele”.

O PODER: SEUS ENCANTOS E SEUS PREJUÍZOS

O poder é efêmero mas é bom. Melhor que ele, só os elogios que o cara recebe quando está no poder. Por isso é que digo: é preciso ter muito cuidado com o que você diz ao poderoso. Ele é igual ao cara que te pergunta sobre o que você achou de seu filho ou da namorada por quem está apaixonado. Nesses casos, Danilo Marques brinca:

“Qual é a resposta que você quer ouvir?”

O poderoso se habitua, de tal sorte, a somente escutar elogios que tende, com o tempo, a selecionar os interlocutores. Termina por excluir os que pretendem lhe dizer coisas desagradáveis. Ou, então, em lhes reduzir o tempo e o espaço pra ouvi-los.

Eram unha-e-carne. Onde um ia, o outro ia também. Quando um deles foi eleito, quis saber do amigo que posto desejava ocupar no governo. Ele não quis. Não era homem da administração pública. Não queria deixar a profissão. Não lhe interessava passar a sair nos jornais, com integrante da “copa e cozinha” do poder, com os insultos, as infâmias e as calúnias que daí decorreriam. O outro insistiu. Resistiu. O governador, então, o indicou para “ouvidor-geral informal”. Ficava encarregado de apontar os erros da administração. Seria o olho oficioso de Sua Excelência. Ajudaria ainda mais evitando equívocos, erros, desmandos porque amigo, longe do fogo, com melhor visão dos acontecimentos. Terminou por aceitar. No início, quando falou da repercussão negativa da nomeação de um secretário, o governador ainda o escutou, também ele não queria, era compromisso partidário a que não pudera fugir, não tivera como evitar, qualquer dia, porém, se livraria do importuno. De

qualquer maneira, agradeceu, comovido, a colaboração. Depois, passou a haver tanto abuso no setor de estradas e obras públicas, que ele voltou à presença do governador. Este, ao ouvir os rumores, se irritou:

“Você também, meu amigo, meu irmão, ouvindo estas calúnias? Isto é coisa da oposição. Pelo Fulano, boto a mão no fogo”. Acalmou-se, agradeceu a ajuda e solicitou novas informações.

Quando o amigo despontou, ao longe, certa tarde, depois, para falar de escândalo bem evidente, o governador foi logo dizendo ao chefe do gabinete:

“Lá vem o Fulano com suas notícias ruins. Não agüento mais. Só porque não o nomeei, acredita em tudo quanto diz a oposição”.

Nem deixou o outro falar da tremenda mutreta que rolava no banco do Estado. Saiu-se, logo, com quatro pedras na mão. Afinal, o beneficiário era seu cunhado, parceiro de jogo, de farpas, amicíssimo. O ouvidor-geral informal perdeu o “emprego”, o interlocutor e o amigo.

A SÍNDROME DO DISTRAÍDO

“O distraído não sabe viver. É preciso prestar atenção à vida” recomendava Gilberto Amado. Vou citar tanto distraído que se deu bem - à exceção da última personagem destes “causos” - e mostrar que o autor de *A Chave de Salomão* se machucou.

Taí o Franco Montoro, eleito, pela mídia, o rei da mancada. Responsável pelo surgimento de um novo substantivo, *montorite*, para designar troca de nomes de personalidades conhecidas, ou, então, as mais surpreendentes misturas de nomes de gente famosa, perpetradas por ele, que foi tudo na vida pública brasileira. Só não foi Presidente da República.

Não foi ele, porém, o único político paulista a dar seus foras. Teve o caso de Herbert Levy, deputado pela UDN, de 1947 até um dia desses. Era o vice-rei das gafes. Trabalhei, durante quase quinze anos, em *O Estado de S. Paulo* e ele sempre me chamou de Lucena. Até aí nada demais. Trocar o nome de um repórter não é tão grave assim. Teve pior. (Bom mesmo era ouvi-lo escandir, com pronúncia escorreita, o nome do nosso ministro Hargreaves! Não era, porém, disso que queria falar).

Estava o hierático doutor Herbert em mais uma “blitz” para ser presidente da Câmara, posto com que sonhou e que sempre lhe escapou. No curso da campanha, convidou o todopoderoso presidente do Senado, Petrônio Portella, o condutor civil do processo de abertura política de Geisel, para um jantar, em seu apartamento, com deputados da ala renovadora da Arena. Logo no início da reunião, chegou Henrique Córdova, parlamentar brilhante, muito tímido que, em dias vindouros, seria governador de Santa Catarina.

Justo, para evitar problemas, começou logo se anunciando ao anfitrião:

“Doutor Herbert, sou o Henrique Córdova”.

Não adiantou nada. Levy foi logo dando ordens:

“O senhor já está atrasado. Vá entrando e pegando a bandeja com os copos pra servir o Bell’s. Só sirva o escocês quando o Petrônio chegar”. Encabuladíssimo, Córdova se enfiou pra sala de jantar, pra área de serviço, dali pra rua, e para nunca mais voltar.

Mais no mundo da lua entre os bem-sucedidos só o ex-senador José Lins. Quando superintendente da Sudene, recebeu colaboração eficiente do funcionário da Casa, Dilermando Wanderley. Tão prestimosa que, quando deixou o posto, lotou-o no escritório de Fortaleza para dar uma mãozinha à sua candidatura.

Logo depois do pleito, em reunião da Sudene, realizada em João Pessoa, reencontrou o ex-auxiliar que o saudou, todo feliz:

“Mestre, ô, mestre, como vai?”. Era sinal de Lins, não sabia de quem se tratava.

“Senador, o senhor parece não estar me reconhecendo”.

Lins ficou ainda mais desconfiado.

Wanderley deu a pista:

“É que passei uns dias na praia e estou mais queimado de sol”.

O senador, então, entendeu tudo:

“Ora, Tomaz Queimado. Tu não és irmão do Júlio Queimado? Como vai teu pai, o Ignácio Queimado?”

O outro, fulo da vida, virou as costas e se mandou.

Durante a campanha, Zélins visitou sua terra natal, Crateús. Foi, de carro, encontrar o restante da caravana. Depois dos cumprimentos, na casa em que se abrigou, procurou assunto. Dirigiu-se a um dos presentes, perguntando:

“Como é, tem chovido aqui?”

O outro, falando baixo, explicou:

“Doutor Zélins, não sei, porque sou o seu motorista. Fui eu quem trouxe o senhor”.

Puseram, então, o deputado Alceu Coutinho ao lado do candidato, pra evitar vacilos. À certa altura, aproximava-se um cidadão. Coutinho advertiu a Lins: “Zélins, aquele é teu primo, Bruno”.

O candidato não teve dúvidas. Avançou pro outro e o abraçou com efusão:

“Como vai, primo? Tudo bem?”

“Tudo bem”, respondeu o outro, feliz com a acolhida.

“E o tio Manuel, como vai?”

O primo desmanchou o sorriso, fechou a cara e respondeu:

“Seu tio, Manuel, meu pai, morreu há oito anos”.

Não adiantou nada.

Logo a seguir pinta no pedaço outro primo, irmão de Bruno, conforme se apressou em esclarecer Coutinho. Zélins sempre muito cordial, o saudou:

“Meu querido primo. Que bom encontrá-lo”.

Aí, engatou logo uma segunda:

“Já disse a seu irmão. Não saio de Crateús sem rever tio Manuel”.

O parente ficou fulo da vida:

“Zélins, se você quiser rever seu tio Manuel, meu pai, morto há oito anos, dê um pulinho no cemitério”.

Falei dos vacilos alheios. E os meus? Vocês hão de perguntar. Não os citei porque a crônica começou falando dos distraídos vencedores. Eis o rol de mancadas mais recentes que dei, vivendo, como vivo, no mundo da lua. Lesado, como se diz na terrinha.

Encontrei, um dia destes, meu oculista, no Park Shopping. Encarei-o, ele me encarou e não o cumprimentei. Noutro dia, o “causo” se deu com um vizinho do bloco, da mesma prumada, que eu via, cedinho, antes de deixar as crianças na escola, ele levando o cão a passear, eu, dando minhas

pedaladas. Também o encontrei, também o fitei e não sei por que cargas d'água, por que delírio alucinatório, não o saudei nem com um “bom-dia”. Quando me dei conta da extensão da gafe, do tamanho da distração, saí correndo, desesperado, atrás dele, pra me desculpar. Pro cumprimento retroativo. Isto não me acontece somente no trato com os marmanjos, o que até se entendia, não.

Isabel Paes de Andrade, minha amiga antes mesmo de nascer, porquanto filha de Zildinha e Antônio, me reclamou que, um dia destes, no aeroporto Pinto Martins, não falei com ela. Teve mais. Ela falou comigo e não respondi a seu cumprimento. Só pode ser arteriosclerose. Não tem outra explicação.

A INFORMÁTICA CHEGA À BAHIA

Quando cheguei a Brasília em fins de 1974 para trabalhar na sucursal de *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*, ainda imperava a censura sobre os pesados jornalões paulistas, censura que seria levantada ano seguinte. A gente exercia o jornalismo com a ilusão de que batalhava por um ideal. Por isso nunca hei de apagar do registro de minhas ouças fatigadas o matraquear simultâneo de dezenas de máquinas, tangidas pela urgência de cumprir o *deadline*, soando como a Marselhesa e cada um de nós se sentindo o próprio Dom Quixote da democracia, abatendo, a golpes de Remington, o ainda duradouro regime dos generais. Atualmente não há mais generais mandando. Eles se recolheram, rabo entre as pernas como todos nós porque quem dá as cartas é a finança internacional. É o FMI. E a informática chegou ao Comitê de Imprensa da Câmara dos Deputados. Já não mais datilografamos, febrilmente, laudas e mais laudas de matérias que colocávamos nos escaninhos à espera dos contínuos dos jornais que vinham buscá-las para o crivo das redações. Não mais existem máquinas de escrever. Cada repórter conduz seu Laptop a tiracolo e, através dele, envia reportagens para a sucursal. Para a própria matriz. Para a Lua, se carecer. Aquela música de dezenas de máquinas de escrever batendo, ao mesmo tempo, nossas reportagens, é coisa do passado.

APENAS SAUDADE

A coisa ficou de tal sorte sofisticada que, um dia desses, na TV Globo daqui, um funcionário necessitou preencher formulário qualquer à máquina. Precisou recorrer a um escritório

menos moderno, algo anacrônico para dar conta do encargo. Ali na poderosa empresa dos Marinho também não se usa mais papel. A não ser para anotar pautas, tarefas a cumprir, endereços a perseguir.

Eu que comecei “catando milho” nas paleontológicas máquinas de escrever da repartição do meu pai, máquinas estas cobertas por pesadas capas de metal, me rendi ao Pentium como todo o mundo e com ele geralmente me entendo. E também me desentendo. Às vezes, a coisa é mais séria. O PC entra em funda crise existencial (ou serei eu quem vive tão problemático momento?) e recorro aos préstimos de um baiano adotivo, o Ari, da CEPLAC aqui na capital. Mal ele chega, o bicho sara, se apresenta válido e prestante, sem defeitos como se tudo fora idiossincrasia, marcação comigo. Agora mesmo ao ler crônica sobre a informação de *A Tarde* (bem depois do *DN*), o bicho entrou em greve. Aí fiz o que mais me apraz, tomei da BIC e escrevi esta página à mão. E aí vai o comercial (que a multinacional me pague); é quando a prosa flui mais fácil, redonda, macia, sem caroço. Só então transpus o manuscrito para o Pentium, este já revertido à atividade. Acho que isso é o que o pedante do Cândido Mendes de Almeida chama a “contemporaneidade do não coetâneo”. Tem mais: parece a vocês, jovens, mais fácil corrigir o erro no visor. Não para mim. Eu, não. No computador, sempre me resta algo a consertar. Preciso do texto impresso no papel. Só aí identifico erros, repetições, claudicações de estilo e outras falhas. É no papel que me reencontro. Com aquele menino velho, de cabeça grande que, nas sólidas máquinas do IAPC escrevia, sem parar, dezenas de cartas para a revista *Era uma vez...* de Belo Horizonte. Para a Editora Melhoramentos, em S. Paulo, parentes e aderentes, o diabo a quatro. Ninguém escapava das correspondências do Lustosa.

ENFIM, UMA COISA NOBRE: A MORTE

Eu que, covarde, receitei vê-la sendo abatida, resulta e implacavelmente pelo câncer, não poderia faltar a seu enterro. Colocar uma flor em seu caixão. Dói. Trinca-se porém, o dente, e vai-se. As conversas de circunstâncias. A lenta caminhada do corpo para a cova rasa. O sol queimando forte. O caixão é arriado em correntes. Ouve-se uma reza arrastada. As lápides são colocadas, com displicência profissional, pelos coveiros. depois, vamos todos. E comigo mesmo imaginava-me na solidão em que, a partir daquele instante, mergulhou minha amiga Vera Sabará.

Reconheço: o tema não agrada. É lúgubre. Na última vez em que o abordei, aqui fui recriminado por leitores de Brasília e Fortaleza. No soturno bar em que compartilho crepúsculos iguais com outros senhores, o jornalista Hélio Mota foi implacável na crítica. E insistiu: “É que escreveste sobre tua morte. Não foi sobre a de ninguém, não. Foi sobre a tua”.

Tinha (tem) razão. Os amigos sempre me recriminaram por escrever muito sobre duas realidades que não se podem dissociar: a idade e o tempo. Era Quevedo quem dizia: “Licas, ouve: coveiros são as horas”. É o tempo nos vai roendo, roendo até entregar o bagaço à indesejada das gentes. Na crônica que desagradou tanto, pedi pra começo de conversa ou de velório, que só me enterrassem depois de devidamente averiguado que eu fora mesmo aprovado no vestibular de geologia do campo santo. Rogava, ainda, que não me apoquentassem com choros nem gemidos. Pedissem ao Guilherme Neto para cantar: “Meu coração, um bandido, que tanto me tem traído” porque, decerto, hei de morrer do coração. Bebam o que restar do meu Old

Parr. Leiam, diante de mim, ou em minha intenção, um verso de Jorge Luis Borges ou T.S. Elliot. E, no dia Dois de Novembro, nada de macabras visitas ao cemitério. Lá não terá nada. Não me chateiem, pois, não se chateiem. Aproveitem o dia para amar, passear, beber e estarei devidamente homenageado.

Por que este temor da morte? Por que tentar fingir que ela não existe? Enterrar a cabeça na areia para não encarar o tufão. Ela virá quer a neguemos ou não. Por que, então, imaginar seremos imortais? Sei que vou morrer um dia e o ruim mesmo será não poder tanger a mosca que nos pousar na ponta do nariz. Não se trata de pessimismo, como me recriminou leitor, habituado a encontrar aqui, todos os domingos, sua razão de otimismo. É o que é. Não o que queremos. A morte existe tanto para o Dr. Pangloss quanto para Schopenhauer.

Não direi como Borges, saudando amigo que já dormia com seus pais, como dizia a Bíblia: “Esta noite, disseste-me sem palavras, Abramowicz, que devemos entrar na morte como quem entra numa festa”. Lembro, porém, o nobre exemplo de que nos deixou o doutor José Sabóia, lá em Sobral. Mocinho, plantou um cedro, no sítio Pedra Furada, da Meruoca. Dele extraiu a madeira para confeccionar seu caixão. Diante do horrorizado carpinteiro da fábrica, experimentou-o, como quem prova uma roupa, a fim de lhe identificar defeitos e comprovar-lhe a necessária comodidade de Deus, porém, não lhe premiou a coragem nem a providência. Morreu no Rio, longe de seu caixão de luxo, feito sob medida, de madeira de lei, cedro que elegera, regara e vira crescer.

Não posso, porém, terminar assim tão cadavérico. Lembrei e, logo, conto a história daquele rapaz paciente e algo masoquista que começou a desconfiar das saídas da mulher. Não fazia outra coisa, senão vigiá-la. Terminou por descobrir que tinha um amante. Queria, porém, era ver, comprovar. Pois bem. Foi a juiz, conseguiu mandato judicial e lá irrompeu no quarto do motel que ela freqüentava, com estrépito e intimidação. Ao flagrar os dois, porém, tão tranquilos no leito do pecado, não agüentou. Enfure-

ceu-se e puxou o revólver, fazendo menção de matar os adúlteros. O delegado, então, em pânico, gritou para seus auxiliares: “Segurem o corno”. Não lhe lembrava o nome. Sabia, apenas a miúda desgraça que o afligia. Não dá pra entender tal tipo de *voyeurismo*. O que move uma pessoa a querer ver, com os olhos que a terra há de comer, a mulher com o outro? Há o tempo de pecar e tempo de se arrepender. Quando o tempo de pecar corresponde à juventude, aos plenos encantos, então é uma festa. Fica a velhice para a contrição e a prece. Tive (tenho) amiga assim. De trepidante vida conjugal no começo, hoje, exemplo, para filhas e contemporâneas. Dá gosto ver, hoje, a gravidade de sua postura.

Ela não tinha culpa de pecar. Pecava porque era o jeito. Coubera-lhe, como marido um mediocráceo que não sabia se ria, se chorava, se ficava de pé, de quatro, deitado, quando se depa-
rava com o patrão. Rapaz educado, era daqueles meticolosíssimos. Certa vez, falando a mim e a Lúcio Brasileiro sobre digestão (o tema foi dele), gabou-se de somente engolir pedaço de carne depois de mastigá-lo 153 vezes. Por que 153 e não 160 ou 143, não sei, nem ele teve a fineza de nos esclarecer. Que mulher pode ser fiel a um marido que mastiga tanto? Se era chato assim na mesa, imagine-se quão devagar diante das urgências do amor! Minha amiga era generosa o quanto podia. Não negava a quem lhe pedia. Boa moça, muito boa mesmo.

Certa vez, porém, deixou-nos perturbados. Chegou ar-
quejante e corada, ao cassino do Ideal. E explicou o susto: “Lú-
cio, fui pedir informação sobre a rua em que mora Fulana ao
guarda do trânsito. Ele pôs a cabeça dentro do carro de maneira
que quem passou, ficou com a impressão de que ele estava me
beijando...” Esperta menina, esposa paciente, avó modelar que,
nos bons tempos, espalhaste amor até pelas esquinas desola-
das, premiando a quem nunca as de tua classe se lembraram de
fazer feliz: o guarda do trânsito. Os deuses te olharão com ma-
lícia e munificência e te abrirão, de par em par, as portas do
Paraíso. Porque bem o mereceste por antes e depois.

COMO SEGURAR O CASAMENTO

Não vão pensar que inauguro coluna sentimental. Longe de mim tal pretensão. É claro, porém, que com a experiência vivida, minha e dos outros, posso prestar algum serviço aos leitores. Hoje, por exemplo, tento, através de pequenas histórias edificantes, ajudar a quantos querem manter seus casamentos, tarefa em que nos devemos empenhar a fundo.

E explico porquê. Não há coisa mais chata, operação mais complicada que casar de novo. Não é apenas o que Bernard Shaw chamava “a vitória da esperança sobre a experiência”, não. É muito mais. Primeiro, há que se habituar ao novo parceiro (ou parceira) na cama, na mesa, na sociedade. Depois, há muito mais, que é agregar toda uma parentela, com sua cultura, seus hábitos diferentes, seus aniversários, suas idiossincrasias, seus avalistas. É pra leão. E ainda tem gente casando com a mesma facilidade com que muda de camisa.

Vou contar aqui alguns exemplos de pessoas que mantiveram ou recompuseram seus casamentos, esperando possam aproveitar os leitores.

Uma colega está no terceiro marido. E o mantém, através do método comparativo. É certo que a união andou balançando um tempo destes. De caranguejada em caranguejada, ela andou na caça, toda a noite. Não caiu. Quando perguntei por que sossegara, teve a bondade de informar, com rude sinceridade:

“Andei muito pelaí. Mas os homens andam tão ruins que decidi ficar com a porcaria que tenho lá em casa”.

ESTÓICA MOÇA

Outro foi igualmente relativo. Por respeito humano e por pressão de família e dos amigos, largou a mulher. Que está

certo, era infiel. Mas tinha desempenho tão bom que ele nem sabia se valia perdê-la, apenas pela tentação da exclusividade.

Ficou na solidão. Sem mulher, sem amante, a casa naquela desordem. Distanciou-se dos amigos e parentes e foi a Baco. Todo o santo dia ia a um bar da Santos Dumont, encostar a cabeça no ombro do proprietário. Diariamente aquela mesma conversa mole que terminava pela indagação se o amigo não achava melhor que ele voltasse para a mulher por causa dos filhos, da casa, afinal tinha sido apenas erro de momento, tudo dito com muito medo da crítica do interlocutor. O dono do bar, porém, foi mais que decisivo com o seu voto para refazer o casamento:

“Doutor, se o senhor tende a se juntar com outra prostituta, fique mesmo com ela, que pelo menos o senhor já conhece e é mãe de seus filhos”.



O outro defendeu o casamento, em nome do possível. Como a melhor opção que o sogro ofereceu à filha, sua mulher, quando ainda solteira. Ele casou em família de algumas posses. Era porém, parадão até dizer chega. Deu com os burros n'água em todos os negócios que a família da mulher montou pra ele. Jogou pela janela as oportunidades todas que a parentela lhe pôs nas mãos. Até que um dia o sogro, desencantado, o chamou às falas. Deplorou o genro que o destino lhe reservou, a falta de sorte da filha. O genro, porém, segurou a barra com maestria, enaltecendo a opção da mulher:

“Se o senhor queria que sua filha casasse bem, mandasse para as tertúlias do Ideal. Se botou a moça para freqüentar os Diários, não tenho culpa. Lá não havia ninguém melhor do que eu não. Agora, agüente”.

O sogro, reconhecido, deixou de lhe montar negócios. Instalou-o para toda a vida uma sinecura de acordo com sua capacidade com o que todos foram felizes para sempre.

(08/03/89)

nha, para o consumo dos deuses. Tenho tais dias de regalos divinos enquanto Raquel degusta seu faisão. Meu bar é o Piantella, onde, junto com outros senhores, nem sempre graves, às vezes, velhotes patuscos, compartilho o uísque dos crepúsculos. Numa mesa que a maldade de alguns denomina “mesa da geriatria”.

Uma noite destas, com Lúcio Alcântara e Antenor Barros Leal, fui, porém, ao Florentino que me cativa pelo pesado luxo de seus móveis de madeira. Não me surpreendi quando vi o garçom pegando pedaços de presunto com a mão. Quando reclamei a seu colega, ele me respondeu, com muita paz de consciência:

“Mas ele lavou as mãos...”

É que lá tenho visto o garçom colocar as pedras de gelo em nosso uísque com a mão. Se isto acontece na cara do freguês, imagine-se o que ocorre lá dentro, na solidão da cozinha!

Quando me preocupo com isto, receio terminar como Schopenhauer, que em determinada fase da vida, com medo de sujeira e micróbios, para onde ia, levava o prato, os talheres e seu caneco.

Ao longo do tempo, conheci tantos garçons, Rodrigues, Augusto, com aquela mecha branca no cabelo, Alexandre, com seu fraco pelas mulheres e pelas cartas, Marreco, Martins, Expedito. E muitos outros que nos serviram com sorriso nos lábios, como o palhaço dos sonetos quando, às vezes, lhe faltava o pão em casa, os perturbava a doença do filho, os feria o desamor de uma mulher. Que, estoicamente, tiveram de rir de tantas saudações e piadas grosseiras. Que esperavam pelos fregueses, madrugada adentro, de pé, quando não mais encontravam ônibus para voltar à casa e, às vezes, não tiveram, sequer, o consolo da gorjeta. Que não puderam jamais curtir o *Reveillon* porque estavam fazendo a alegria dos outros. Que não atingiram as culminâncias do Batista, *maître* do Ideal, padrão de sua categoria profissional. Que conhece todo o mundo, pai,

filho, avô, marido, ex-marido, ex-mulher. E pelo nome. Que lê todos os jornais, de manhã cedo, para ter assunto, no almoço e no jantar. Que sabe conversar, com charme, malícia, inteligência sem nunca pular o muro da discrição profissional. Que não chega, pra quem quer, em matéria de convites para festas e casamentos. Que Paulino Rocha (que Deus tem há dez anos em sua glória), em inspirado gesto, fez cidadão cearense.

QUESTÃO DE FÉ

O missionário tem de acreditar no que prega a fim de convencer os outros. A convicção tem de nascer dentro de si. Existe até o caso de farsantes que, envolvidos por farsa, em pregação nobre, terminaram se convencendo do que diziam. E, por conta disto, viraram mártir ou santo. Acho que já se fez um filme em cima de tal história. E que Antônio Callado escreveu *Ascensão de Salviano*, montado na mesma experiência.

O fenômeno ocorre em todas as categorias. Inclusive a dos jornalistas. Já notaram os leitores o que acontece quando um de nós é candidato? Começa a pedir aos colegas que escrevam que temos possibilidade de vitória. Eles atendem. Com o tempo, esquecemos dos pedidos e de que estamos eleitos. Chato é a cara de macaco do 16 de novembro.

O mesmo ocorre com muitos governantes. Começaram a encher os jornais de matérias paga. Com o correr dos meses, passam a achar que os elogios não têm nada a ver com os recursos que saem do Tesouro. São expressão da realidade. Daí à megalomania é um passo.

Tem a história daquele cara que, após ser eleito presidente da República, exilou-se, dizendo “Num País que me elege, tudo pode acontecer...” Cabia bem ao Jânio, não cabia?

O TEMPO, ESSE INIMIGO

“Ontem foi-se. Amanhã vem apressado.

Hoje parte, sem parar num assunto:

Sou um foi, um será e um é cansado.

No hoje, no amanhã, no ontem, junto mortalha e fraldas, sendo assim forçado a sucessões presentes de defunto”. (Francisco Quevedo)

Há certo gosto em observar a arcana areia que resvala e que declina e, a ponto de cair, se apinha com uma pessoa que é toda humana. (Jorge Luís Borges, *O Relógio de Areia*)

Não uso relógio porque os há por toda parte e são meus senhores. Vivo de olho em seus mostradores. Vivo apressadamente, portanto. E sofro, como sofro, a sensação de tempo perdido, a todo instante! O tempo perdido em conversas que não enriquecem, em companhias que não enobrecem, em contatos que não crescem. Fico com pena de não estar escrevendo minha novela. De não haver caprichado mais no que escrevi. De não ler tanto quanto devia. Tenho, aliás, medo de morrer sem ter lido muitos livros que ainda não conheço. E sem haver entregue, ao mundo, o livro que jaz em mim. Como a estátua se encontra no mármore, ansiando pelo cinzel do artista.

Contei, aqui, inúmeras vezes, pois como Nelson Rodrigues, sou flor de obsessão. Tive um relógio que durou em meu pulso o espaço de um amor. Infeliz como pedra de esgoto. Mal-atado pelo Código Civil, amei. Amei uma

criaturinha mais moça que eu, de alma mais simples e a Deus agradeço. Ela foi água fresca na sede, agasalho no frio, conforto do oásis no deserto. Eu andava precisado, como andava. Muito lhe devi e devo naqueles tempos inóspitos. A moça, porém, era noiva e o noivo, intolerante. Sabem o que fez, movido pelo despeito, pelo ciúme? Certa madrugada contratou um caminhão, um piano, um pianista, um cantor e se mandou para a casa de (nossa) amada. No silêncio e na bruma, feito Cirano de Bergerac, fez o seresteiro cantar, dez, vinte vezes, “Nono mandamento”. Aquele tempo quase não passavam carros e a voz acusadora agredia o silêncio: “Você traiu o nono mandamento, o nono da nossa lei”. E terminava, cretinamente, pedindo “consolação para um, felicidade para dois”. Não era, porém, disso que ia falar.

Há indícios de que ela me amava. Enchia-me de presentes. O pai operava na área de importação. Sem qualquer burocracia, o que, às vezes, o punha em dificuldades compreensíveis até à incompreensível aduana. Ela foi ao lote de mercadorias dele e dali tirou um Mondaïne que me deu. Usei-o, durante o tempo feliz de nosso complicado amor.

Teve pior: pouco antes de trocar o Senado pelo Tribunal de Contas, Henrique de La Rocque me chamou a um canto para me dar um relógio “que marcasse minhas horas de felicidade”. Disse-me ele com carinho de tio. Foi um vexame. A relação, aqui, era naturalmente outra. Não usei o presente. Morria de vergonha, porém, de quem me dera. E passava pelo saudoso senador, escondendo o pulso para que não pensasse que desprezara seu presente. É que a gente já anda tão sobrecarregado de responsabilidades e de objetos que quando se pode livrar de umas ou de outros, nem hesita. No tocante a relógios, é fácil. Inclusive porque o vizinho sempre anda com um, em que você espia pelo rabo de olho.

Quando somos jovens, temos em relação ao tempo a impaciência de credores. Estamos sempre querendo que ele

corra. Para que chegue logo o Carnaval, a Semana Santa, as férias de julho, o São João, então depois dos “bros”, o tempo voa. Até Natal. Até Reveillon. Quando damos fé, estamos um ano mais velhos. É quanto passamos a nos portar como devedores. Embalamo-nos na esperança de que o banco esqueça o dia do vencimento da promissória. Ou, então, passamos a pleitear prorrogação.

Ainda hoje sou dos apressados, reconheço minha culpa, minha máxima culpa. Nem posso recriminar os outros. Nos tempos em que trabalhávamos juntos, Guilherme Neto costumava me perguntar porque vivia tão sofregamente: “tens muito medo de morrer?” O quanto, porém, se perde em amar tão depressa, beber tão rápido, ler e viver correndo, ao invés de curtir mais, usufruir mais cada oportunidade de prazer. Inclusive porque ela pode não se repetir. Para que, então, andar tão velozmente atrás das voltas do relógio?

É o que tenho vontade de dizer a essas meninas de hoje, Raquel e Sara, em particular, que nutrem desejo tão intenso de se despedirem, logo, desses tempos amenos e leves. Para que tanta pressa em deixar de ser criança? Para que a angústia de ir logo à frente, chegar logo à faculdade, formar-se, ingressar cedo na rotina do trabalho ou na frustração do desemprego? Para que trabalhar tão cedo? Dar duro pelo pão de cada dia, casar? Agüentar marido que, muitas vezes, somente produz desgosto e roupa suja? Limpar cocô de nenem? Chegar logo à idade da gente e ficar com bruta vontade de negar? Ah! Peçamos ao tempo que manere, ao relógio, que está certo, não pare, mas que, pelo menos, não voe. Peraí, não curti a vida como devia, como merecia, uma outra oportunidade, sim, porque somente agora aprendi a amar, a beber, a viver, e quando não me resta tanto e a cobradora implacável, senão já está às portas, avança a passos largos?

UM CABEÇA-CHATA ORIENTAL

Quando me tornei responsável pela coluna política de *Unitário*, descobri que muitos de meus personagens podiam ser encontrados, descontraidamente, no restaurante do Ideal, principalmente os deputados pessedistas que apoiavam o governo. Os udenistas, por razões que cheguei a pesquisar inutilmente, saíam pouco. Fiz, pois, do local meu reduto e ataquei, com tanta intensidade sua lagosta à baiana e seu uísque escocês (contrabando legítimo a vinte cruzeiros a dose) que, certo fim de ano, escorado no prestígio de Lúcio Brasileiro, tive de bater às portas do gerente do Banco União, José Pontes de Oliveira, para lhe pedir dinheiro emprestado, a fim de saldar contas atrasadas no restô (a gente levava dois avalistas, pagava no prazo e ainda ficava devendo favor).

Airton Napoleão, com quem eu andava então, lera que Antônio Maria, às vezes, escrevia sua crônica na pérgola do Copacabana Palace. Mandou vir uma máquina de escrever para que, ali mesmo, produzisse a “Resenha Política”. Não deu certo. Não era a mesma coisa.

Na noite do dia em que o governo Parsifal Barroso se reconciliou com seu adversário de 1958, para fazê-lo governador e derrotar Carlos Jereissati, estávamos todos ali, inclusive eu, testemunha da história. No clube, o pessoal da União pelo Ceará, Virgílio Távora, Armando Falcão, Wilson Gonçalves, Martins Rodrigues. No restô, Carlos Jereissati, Raul Carneiro, Adenor Nunes Freire que vínhamos de passar pela casa de Adail Barreto a quem contáramos da união das forças conservadoras contra sua candidatura ao governo do Ceará.

Noite alta, uma moça que estava noutra mesa com parentes, deu pra flertar comigo, que, se não tinha lá muitos encantos, possuía o vigor dos vinte anos. Pois bem, a loura, pois era loura embora com ajuda da botica, veio à minha mesa. Em pouco, estava no meu carro. Quando lhe explicitiei minhas aspirações óbvias, fingiu enlouquecer: “É a carne”! Talvez supusesse que a levasse, tão prazerosamente à solidão salobra e noturna da praia do Náutico, atrás de peixe, de crustáceo. Ou apenas se arrependera do que me começara a fazer. Jamais pude entender as mulheres, principalmente, nas noites do restô do Ideal.

A esse tempo, a casa estava arrendada a um casal húngaro, os Navratill, que aportara no Ceará, com a filha, a bela e doce Hanna, pela qual muitos de nós se apaixonaram. Houve mesmo um deputado que gastava, ali, metade dos subsídios, à espera de um olhar que nunca foi seu e sim, de um aviador, pois neste tempo, muitas moças viviam de olhos postos nos céus.

Ali, quase em jejum, tomei pileque de vinho alemão que me deixou longe, para sempre longe de tão adocicada beberagem. Ali, pelo telefone, uma mulher me disse “não” e doeu! Ali, encontrei, à noite, à porta do toilette, o deputado que, à tarde da tribuna da Assembléia, me prometera uma surra e que eu ridicularizara e não aconteceu nada.

Veio, depois, a época de José Curi, que já encostara o alaúde com que esperava ganhar a vida em Fortaleza e se fez logo amigo de todos. De volta à casa responde pela grande frequência dos velhos e bons tempos.

Ele continua a cigarra da fábula, sem um teto seu e não somente por amor às cartas. Coração é grande demais. Basta contar que, durante algum tempo, se dedicou ao fornecimento de marmitas. O negócio ia muito bem. Não queria, porém, estragar a comida que sobrava, não era vendida, e decidiu matar a fome de alguns pivetes que faziam ponto perto de seu trabalho. No começo, eram cinco e seis, tudo bem. De repente, era

uma multidão, dezenas de crianças pobres, à espera da refeição que quase o leva à bancarrota.

Curi é assim mesmo, não se emenda. Um dia desses, Ossian Araripe lhe dizia que o Samuel Araripe estava querendo informatizar o cartório e lhe falava do alto custo do investimento. Quando ficou só, Curi chamou-o a um canto e lhe ofereceu, emprestada, sua pequena poupança para ajudar na empreitada.

É pena que não possa estar presente à festa “Romance Oriental”, comemorativa dos seus 35 anos de Ceará. Pena maior tive mesmo quando ele, por encabulamento, por timidez, não sei o quê, não se deixou fotografar para meu livro *Fortaleza, Meu Amor*. Nele só apareceu foto de uma personagem, o Francisquinho, personagem dos longes de minha memória, aquele merceeiro da Rua Rodrigues Júnior, defronte à casa que tínhamos ali e que andava com os bolsos cheios de versos e anexins e, toda a tarde, religiosamente, namorava a ex-mulher.

MINHA AMIGA, A GARRAFA

Um dia desses, Paulo José, ao se servir de uísque, lá em casa, se deteve, observando o copo em que servi, que é baixo, sólido e amplo: “isto é que é gostar de beber e de dar de beber”. Não gosto de copos altos nem finos para o uísque. Estes têm de ser baixos e entroncados. Precisam ter por onde se lhes pegue como as mulheres, onde se encha as mãos. Estou longe, porém, de ser bom bebedor. Primeiro, pela sofreguidão com que vou ao copo. Lúcio Brasileiro e Guilherme Neto sempre se disseram impressionados com a rapidez com que enfrento o scotch. José Hugo Machado, cearense de Lisboa, brinca: “tu és dos que não podem ver copo cheio”. Além do mais, gosto de uísque com muito gelo, o que lhe desfigura o bouquet. Curto e curto muito, gelo se dissolvendo no dourado do uísque. Quem consome, porém, assim, não tem paladar requintado. Por isso mesmo, quando o Brasileiro, certa vez, para me homenagear com carinho fraterno, abriu um Royal Salute, protestei: “não mereço”. Como ele sabe que humildade não é meu forte, quis saber por quê. É que uísque de qualidade deve ser servido puro. Sem gelo. Comporta, no máximo, água fresca, bebido em separado, após cada gole. Agora, com quatro, cinco pedras de gelo, vira sangria, garapa. É a mistura que me permito.

É fundamental que o gelo venha de água limpa, filtrada e que não seja tocado pelas mãos de ninguém. Porque muito barman não se manca. Não tem educação social nem formação profissional e, por isto, coloca, com as mãos, pedras de gelo em nosso copo. Sabe Deus onde, antes, pusera as mãos.

Fernando Sabino conta que, em bar de luxo em Nova Iorque, vendo cidadão ansioso por ser relacionar, meter o dedo

no gelo de seu uísque, indagou: “o senhor é brasileiro?” O outro, mais que depressa, continuou e perguntou: “Como é que o senhor descobriu?” O cronista lhe explicou: “porque só o brasileiro faz a porcaria de mexer o gelo do uísque com o dedo...”

O uísque deve ser sorvido em companhia leve, longe dos sectários, dos fanáticos, dos obsessivos, afastados dos que querem prolongar, na mesa do bar, o expediente do trabalho ou problemas profissionais. Dos que pretendem impor-nos sua opinião. Dos que falam muito alto, por exibicionismo, por falta de educação. Cumpre buscar por companhias leves, saudáveis, que privilegiem o lado ameno da vida. Cujas conversas tenham sal, senso de humor, que te enriqueça, que não te jogue no colo, problemas e dramas. Certa vez, bom bebedor de uísque estava a um canto do bar, fugindo da companhia, quando lhe indagaram o porquê da solidão. Explicou: “o uísque está muito caro. Não o posso desperdiçar na companhia de chatos”. E a lei fundamental, é primeiro mandamento, é exigência *sine qua non*: fuja do chato como o bode da chuva, o diabo da cruz. Um dia destes, fiquei em pânico diante da perspectiva de que um desses me viesse, no bar, baixasse no meu centro e desfizesse uma roda que era toda harmonia, todo bom caráter, todo alto astral. Mais cuidado, porém, com os que têm contas a ajustar com a vida, os que guardam, lá dentro, como animais de estimação, suas mágoas e suas frustrações e somente querem, do álcool, liberação. São pessoas atormentadas que apenas sossegam quando jogam seu tormento sobre os outros que nada têm a ver com isto. Ao longo dos anos, tenho bebido tonéis e sempre em boa companhia. Desde o primeiro pileque, em casa de Agenor Rodrigues, com Hélio, filho do anfitrião já falecido, Antônio Rangel e Oswaldo Rangel. Todos os copinhos de vodka (nacional, bem se vê) num jantar no Kremlin, com Flávio Marcílio, uísque no Palácio de Westminster, com o presidente da Câmara dos Comuns, com José Sarney e Accioly Filho. Bom champã com Thomas Coelho, no La Tour D’Argent, e com Norton Macedo

Santos Filho e Ary Kffuri, no Maxime's. A cachaça de Chico Caldas, em Viçosa, com Tarcísio Tavares e o abstinêio Arialdo Pinho. O álcool não me torna valente nem arruaceiro. Não me leva a meter a mão no decote das mulheres dos amigos. Nem a dizer grosserias que não diria, sóbrio. Tornam-me, porém, mais romântico, desejo de curtir música sentimental, nostálgica. O álcool me tem sido boa companhia, na euforia das comemorações, nos instantes crepusculares em que a gente saca que a vida está feia, para agüentar. Ai, então, você vira um pouco de Deus. Decreta, por conta própria, morte interina, provisória, mergulhando na garrafa, os gnomos, os duendes, os fantasmas que o perturbam. Mais tarde, acorda e vai a luta, com um valium número dez ou Old Parr de boa origem. Ninguém pode considerar-se definitivamente infeliz ou totalmente perdido. Tem, sempre, possibilidades de ganhar o reino dos céus.

AINDA NO HOSPITAL

Esqueci de contar o que me aconteceu na CTI do Hospital de Base de Brasília, há nove anos. Uma noite, impaciente-me com a conversa de um grupo de visitantes. Estava tão fúido da vida que pedi ao médico de plantão caneta e papel, para escrever contra tal abuso. Fui prontamente atendido.

Quando saí do hospital, coube-me pedir desculpas aos médicos por minha irritação. Afinal fora tão bem tratado. Eles nem se perturbaram. Atribuíram minha zanga à medicação. E lembraram “o Aliomar Baleeiro. Quis sair daqui nuzinho em pêlo. E era presidente do Supremo”.

Teve mais, o que, aliás, bem define o estado de espírito do doente. Apavorado com a possibilidade de prestar contas lá em cima, antes do tempo, todo o dia, o capelão do hospital, santo velhinho passava por minha cama. Certa vez, tive a impressão, juro por Deus, que ele me olhava como apetecível presunto, candidato à sua extrema-unção, projeto de defunto. Não tive dúvidas, ante mais um olhar cobiçoso, corri-o aos gritos: vá agourar o cão.

Não gostei também de, já de volta à ativa, encontrar no Congresso o então governador do Espírito Santo, Eurico Rezende. Sabem o que ele me perguntou? “Lustosa, então, andaste fazendo vestibular para a eternidade?” Mandeio-o, no ato, àquele lugar.

São engraçados, engraçadíssimos, os conselhos que você ouve depois de tal experiência. Cada pessoa amiga ou não, tem seu palpite, sua proposta, sua sugestão para você agüentar pela frente. Alguns propõem explorar a doença, posar de enfermo

para ter a vida mansa, outro sugere tirar proveito direto: “Taí uma ótima oportunidade para aposentar. Duas aposentadorias integrais. E ainda quitas o apartamento do BNH”. Não aceitei. Sou muito orgulhoso para ganhar pão e um pouco de manteiga para lhe barrar por cima a tal preço.



PAIXÃO DOS CINQUENTA

Sabeis o que é o coroa, aqui, apaixonado?

Imaginem por quem? Por Jorge Luís Borges. Encontrá-lo foi defrontar-se com a mais alta expressão da beleza. Impressão mais funda que a de ter lido contraponto de Aldous Huxley, aos 17 anos, na casa de Agenor Rodrigues, em Sobral. Por conta disso, de quando em vez, peço a Raquel (uma moça no tamanho, apesar de ter apenas doze anos) que me leia uma página sua. Pode ser “Poema conjectural” ou “Inscrição”, que é a dedicatória de *Os Conjurados* para Maria Kodama. Teve pior. Um dia desses, estava eu copiando trechos de Borges, num caderno como fazia na adolescência, quando ela pintou na biblioteca. Disse-lhe, então: “Raquel, por que não me pergunta por que estou copiando Borges”? Intrigada, ela formulou a pergunta, não lhe respondi, que tal quando for mais velha, espero perdoe o ensandecimento paterno.

Carlos Eduardo, no seus iminentes nove anos, é gozador, irônico, sarcástico, quando na rua, num restô, lhe perguntam o que é meu. Apressa-se em responder: “neto”. Ano passado, me mostrou dever escolar relativo ao Dia dos Pais, em que homenageava o avô e, ainda, acrescentou: a professora me perguntou: - você não tem pai, não? Era tudo gozação. Só o descobri quando lhe disse que ia contar suas histórias no jornal. Ele explicou que inventara tudo. Fizera o dever certinho, somente em casa trocara a palavra “pai” por “avô” para se divertir.

Um amigo me telefona para comentar aquela consulta que fiz ao Guilherme Neto, querendo saber dele o nome de

uma ex-namorada de poucos minutos que tive, certa noite, nas proximidades da TV-Ceará, onde trabalhávamos. Não mais me lembrava o “Barão”. Sim, pois este amigo tinha histórias mais interessantes para contar. Encontrou duas senhoras no aeroporto. Uma delas, ex-parenta, depois de saudá-lo com efusão, perguntou pela companheira: é tua irmã? A amiga respondeu, não é não. É tua ex-mulher.

Quão curta é a memória dos homens.

Então Ezaclir Aragão foi embora? Saiu antes da festa terminar? Pediu licença pra sair do espetáculo sem ver o fim? Morreu de quê? De solidão? De desencontro com a vida? De se achar sem papel? Não sei. Só sei que se foi. E se foi depois de buscar em vão no jornal, na tevê, no cinema, no espiritual, na fantasia, no delírio, explicação para o existir.

Outro se foi, porém, cumprida a tarefa, vivida a vida, como julgava dever viver. Foi Wilson Aguiar, o “Cheiroso”, o seu “Nezinho do jegue”. Gostava de encontrá-lo no Rebu. Curtia suas histórias de Massapê, de Sobral, da TV Ceará, de seu sucesso no Rio em que teve a colher de chá do sempre solidário Chico Anísio.

Eu também tenho de ir, um dia. Não vou por gosto. Nem pelos meus pés. Só carregado. Quando for, não quero choro nem vela. Só me enterrem, porém, depois de prazo cauteloso que assegure ter sido eu efetivamente aprovado no vestibular da geologia do Campo Santo que o Guilherme Neto este sobrevivente e ainda a ponto de cantar meu coração um bandido que tanto me tem traído porque, é claro hei de morrer do coração. Que Clélia ou Raquel leiam uma página de Borges e Fred convoque os amigos. Ao alcance do telefone local de Brasília, para que consumam o que restar do meu “Old Parr” não me lamentem. Não se chateiem, não me chateiem. Juro que terá sido bom, ao final de tudo. Que somente recordem os livros sobre Sobral e não se amolem, não se incomodem com macabras idas ao cemitério.... Amém, bebam, vão à praia...e lhes agradecerei. (05/03/89)

LANÇAMENTO NO IDEAL

Foi tudo invenção do Luiz Carlos Aguiar este lançamento de *Louvação de Fortaleza*, nos salões do Ideal Clube. Foi como se me fosse proporcionado um Natal antecipado. A oportunidade de rever tanta gente querida. A maioria dos amigos. De homenagear um dos melhores deles, Lúcio Brasileiro, filho de Aurora, veterano da profissão. De ouvir Martins Filho, inteiro, lúcido, na juventude de seus noventa e um. De rever Sílvio Leal e ouvir-lhe a gargalhada sadia, jovial, nos seus oitenta e lá vai pedra. Sorvi, assim, ali naqueles salões amados o leite da ternura humana que me foi prodigalizado por tanta presença grata a meu coração. É bom ser, assim como sou, rico.

MILIONÁRIO DE AMIZADES

Estas viagens à minha terra me fazem bem. Sou, como Anteu, carecido de pisar meu chão para ganhar forças, para me retemperar para a luta. Além do mais, Fortaleza me pareceu cada vez mais bonita. É como diz Sellene: dá vontade da gente morar fora só pra curtir a terrinha como turista. Souto e Leda Maria me levaram a percorrê-la, com olhos de visitante. Fomos até a Bezerra de Menezes, estuante de vida na noite. Vimos a nova sede do IBEU. Matamos a fome num restaurante grã-fino e comemoramos juntos, os vinte e dois anos de casados deles, que me convidaram para apadrinhar o começo dessa venturosa caminhada. Terminamos na Praia de Iracema, que se acrescenta de mais um encanto, a cada vez que a visito. Ora, é um antiquário que se instala com bom gosto, ora um novo restô. Ou então, a pracinha da Casa do Mincharia. A ponte metálica. O novo Estoril! Sim, senhores. Fui lá todos os dias, pro almoço e pro jantar. Os garçons já estavam eram enfadados de tanto ver minha cara. O point é uma festa diária. Pra gente de todas as idades. Abençoada a teimosia do Cláudio Pereira de ressuscitar o local!

Pintei lá para comer lagosta, mergulhando o olhar no azul de minha terra natal. Que gostoso é ficar ali, depois, sem

fazer nada, a vista repousando na beleza do oceano. Lá me aconteceu algo que não me ocorreu nem quando era estudante, quando era pobre. Não aceitaram meu Ourocard. Deixei meu filho, Francisco José, de refém, enquanto fui ao banco, buscar dinheiro pra pagar a conta.

De noite conheci, afinal, o arquiteto Fausto Nilo, cuja assinatura está na nova cara da cidade, na Praça do Ferreira, na Ponte Metálica, no Centro Cultural Dragão do Mar, creio que no local, no novo Estoril é que é também o genial compositor que o País ama e respeita. Adiante, dei da cara com José Almino e ali, em meio à música alta, cada um de nós com pior dicção que o outro, falamos de Alfonso Reyes, Pablo Neruda, Jorge Edwards. Almino me contou ainda que, ano passado, ao conversar com o pai ao telefone, ouviu dele pedido para que, vindo ao Ceará, passasse por Recife, pra vê-lo. Como não havia disponibilidade de tempo, disse-lhe não poder atendê-lo. Preferia visitar a avó, dona Benigna, no Crato que, nos seus 96 anos, tinha pouco tempo de vida. O pai estranhou o registro, dolorido, insatisfeito, descontente. Aí foi que Zélmino percebeu a gafe cometida, que o magoou pois lhe abriu os olhos pruma tristeza iminente que Miguel Arraes, três vezes governador, pra mais de setenta e cinco de estrada, não queria ver. Pelo visto temia a perda da mãe. Não queria ser órfão. Como se vê, não há status nem idade boa pra tal dor

Passei no Osmundo, o alfaiate, depois de grimpar aquela interminável escada do primeiro andar do edifício da Lobrás. Ao me saber em Paris, o artista do pano e da tesoura quer saber se sou embaixador. Pra tanto me acha capacitado. Que nada, Osmundo! O FHC não tem a mesma visão. Esse crateuense é quem devia ser o presidente por saber dos homens certos para lugares certos. Se eles trocassem de lugar, o Brasil (e eu, claro) estaríamos bem melhor.

Desci a Praça do Ferreira como sempre faço. Reencontrei um sobralense cujo nome não recordo e que, ao saber de

que estou terminando temporada em França, comentou: “Se fosse na Escócia, você não voltaria tão cedo...” Ignora o gaiato minhas virtudes recentes.

Na alfândega do aeroporto Charles da Gaulle quando me perguntaram se tinha algo a declarar na bagagem, confessei: o leite da ternura humana (de que falava Charles Dickens) com que me brindaram em Fortaleza e o mel de laboriosas abelhas de Russas com que me presenteou o Jeová Costa Lima em nossas andanças matutinas pela Avenida Beira-Mar.

(03/12/95)

PERDER NÃO É TUDO

Perder não é bom. É claro: todos querem ganhar. E ganhar sempre. Agora, perder não é o fim de tudo. Sempre podemos recuperar o prejuízo lá na frente. Pela concentração dos sentidos, o retesar dos músculos e o acúmulo de energia temos condições de ficar melhor do que antes. Às vezes, o revés é até o grito de alerta para que voltemos a bater firme. Não nos entreguemos. Conheço a derrota e imprecisos triunfos. Sempre me levantei, depois que ela se abateu sobre mim. Juntei meus escombros e fui à luta. E a luta não foi vã. O ruim mesmo é ficar sentado à beira do caminho, se queixando da vida, culpando os outros pelo revés e coçando a perna com um caco de telha, feito Jó.

Em 1966, fui o candidato do MDB mais votado para deputado federal por Fortaleza. Durante a apuração demorada, houve quem me desse por eleito e reconheço: ela correu gloriosa porque às mulheres apraz homenagear os vencedores. Fui mais votado que dois arenistas que se elegeram. Eles vieram pra Brasília. Eu, não. Tava numa pior porque desfazendo o casamento e me mandando para o Rio, com um pé à frente e outro atrás. Não botei a boca no mundo, denunciando o abuso de poder econômico ou a teia espessa da oligarquia cearense. Se tivesse dinheiro, teria comovido, também, o eleitorado do interior. Quando entrei na disputa, não ignorava a força do tradicionalismo cearense. Tive de ser elegante.

Agora, nem sempre é fácil ser elegante quando a perda é afetiva. Lembro-me de como me doeu ver a namorada que amara, sexta-feira à tarde, na praça do aeroporto, à sombra de frondosa mangueiras, domingo deitada, na praia, nas pernas do

aviador por que me trocara. Doeui, como doeu. Feriu-me fundo. Não tive qualquer *sense of humour*. Ao contrário, fui mal, muito mal. Passei recibo. Não pude, não soube disfarçar minha derrota. Disse-lhe ao telefone, milhares de palavras vãs, todas elas fruto de meu despeito, meu ciúme e minha frustração. Até que a dor de cotovelo passou, como passam todas as coisas. Nem me confortou saber, depois, muito depois, que foi infeliz como pedra de esgoto com o marido a que me tratava por “Vida minha” ao mesmo tempo que o traía, na descrição populosa das tardes cariocas, com vigorosos surfistas.

Um dia destes, fui à audiência de instrução do processo que movo contra o *Estadão*, com o pobre propósito de arrancar alguns milhares de dólares dos Mesquita para bater pernas na Europa. Quando terminei o depoimento, a advogada do jornal me elogiou a correção. Não inventara nada, não agredira ninguém. Estranhei. Afinal, não tinha razão para falar mal da mãe de Júlio de Mesquita. Não tinha nada de pessoal contra ele. Quando saí de lá, nem deixei de assinar o jornal porque minha filha Raquel quis continuar a ver suas histórias em quadrinhos. E pra que negar? Enquanto trabalhei na empresa, foi legal. Quando pressenti que não iam mais querer os serviços da equipe que integrava, me mandei para Portugal. Por uma razão muito simples. Não queria dizer nada que parecesse dor de corno, mágoa ou ressentimento. É horrível passar recibo de tais sentimentos, eu diria até, é humilhante mesmo.

Isto é parecido com a postura de muita dona de casa com sua empregada doméstica. Quando a pobre roceira decide largar o borralho, depois de ter deixado, ali, sua vida, a patroa comenta: “È uma ingrata. Era tratada como pessoa de família, apenas para ganhar mais, me deixou, como se dinheiro fosse tudo”. Engraçado, né? Afinal era uma relação de trabalho ou um caso?

Nos comentários dos casamentos desfeitos, ouve-se principalmente das mulheres, geralmente, a parte mais fraca, a queixa: “Perdi, com ele, os melhores anos de minha vida”.

É pura babaquice. Ele não perdeu, não? Não foi bom, enquanto durou? Foi. Se não fosse, não teria ficado. Havia alguma vantagem para manter o casamento. Afinal, prazer de um lado só, é masturbação, é estupro. Então, não há sentido para tal tipo de alegação. Acabou, acabou e estamos conversados. Vamos sair pra outra. Não é fácil. É o jeito. Quando as coisas são assim colocadas, há menos dor e menos sofrimento na perda. É preciso aprender perder. Porque ganhar, a gente nasce sabendo.

FOME DE BANDEIRA E QUESTÕES NACIONALISTAS

“...A vida não vale a pena e a dor de ser vivida”.
(Manuel Bandeira)

Amanheci com tremenda carência de Manuel Bandeira, o tísico profissional a quem só restava mandar tocar um tango argentino. Queria ir para Passárgada e lá ser amigo do rei. Rever Recife e seus incêndios que Totonho Rodrigues achava sempre que ocorriam em S. José. Ou Santa Maria Egipcíaca entregando, ao barqueiro cúpido, a santidade de sua nudez. Rer o rondó dos cavalinhos:

“Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
Alfonso Reys partindo
E tanta gente ficando

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
A Itália falando grosso,
A Europa se avacalhando”.

Dei sorte. Fui ao Café Belas Artes. Lá Hélder de Souza me apresenta ao compositor Manduca, filho de Tiago de Melo que usa o nome do padrinho, o poeta, cuja voz imita, declamando seus versos, tais quais estão nos discos da FIESTA aquela coleção que Irineu Garcia lançou, no final da década de sessenta, antes de se picar pra Lisboa, sonhando em habitar o casarão que ergueu na Serra de Sintra.

Nem sempre me assolam carências que tais. Às vezes, a precisão é menor. Você acorda, de madrugada e dá uma de rato de geladeira, consumindo o doce dos filhos, o chocolate que eles ali homiziavam, o suco de frutas. Ou você quer aquela porção de scotch que se ficou devendo, à noite?

Foi o que se sucedeu a Rangel Cavalcante. Proprietário da chácara São Francisco nos arredores de Brasília, adquiriu um sensor, bicho delicado, apto a detectar e denunciar, em altos brados, a aproximação de uma pessoa. Demorou a instalá-lo e aí se deu o “causo” que ora narro.

Certa noite, sentindo sede, levantou-se e, com pés de lã, luzes apagadas pra não acordar ninguém, foi até o bar, ao encalço do precioso líquido. Já estendia a mão em direção ao litro do honrado scotch, antecipando o deguste do divino licor, destilado nas pradarias da Escócia, quando foi paralisado por um ruído que atroou no silêncio cavo da madrugada. (E sabem vocês como são fundos, como são abissais os silêncios das noites, das madrugadas de Brasília), acordando-lhe a família, a vizinhança, o porteiro. Fora Celina sua mulher, que pusera, ali, o sensor, pra identificar o autor de céleres baixas, inesperadas quedas de nível dos melhores uísques, ocorridas quase sempre, na penumbra, na clandestinidade, no segredo das noites, das madrugadas.

Há “causos” ainda mais prosaicos. O que pode haver de mais prosaico que uma padaria, negócio em que se especializaram os antepassados lusos? Elas se multiplicam por toda a parte. São luxuosas, parecem butiques do pão, são mais iluminadas que os salões do Náutico Atlético Cearense, de antigamente, em que se exigia da diretoria toda a vigilância quanto aos arroubos dos casais mais apaixonados. Pretendem-se confeitarias e em tal empenho, porém, fracassam, tal é a má qualidade de seus produtos.

Uma delas, recentemente inaugurada, é a da 303 Sul e se chama “Pão Italiano” e me atraiu, de início, não só por estar

no meu caminho de casa como por ver ali, batalhando, marido, mulher e os filhos crianças. Está quase sempre lotada, para desgosto do concorrente, estabelecido quase em frente, sob nome da fantasia tão original de “Pão & Pão”.

Ela reagiu, numa saída bem brasileira: mudou o nome do estabelecimento pra “Pão Brasileiro”, como fez Custódio, logo após a Proclamação da República. E deu vigorosa lição de brasilidade, pintando a parte externa da padaria de verde e amarelo mais cívico, mais estridente, sobre havê-la batizado de “Pão Brasileiro”, outra redundância de seu nacionalismo.

Nunca podia conceber se pudesse emprestar tanto civismo ao ofício de produzir pães. Não sei por que a disputa dos padeiros me fez evocar episódio jornalístico do tempo da guerra fria. Um popular foi atropelado, nas poeirentas ruas do Pirambu, por um jipe de marca Willys Overland. O *Democrata*, jornal do Partido Comunista, deu o seguinte título à matéria sobre o acidente:

“Veículo imperialista dos EEUU atropela operário cearnense”. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, mas que me lembrou, lembrou.

(21/11/93)

FELICIDADE NO CASAMENTO

A tevê é uma baixaria - Só que agora se transfere também para o noticiário. Os jornalistas ganham fama quando engravatam o lixo das altas casas da República. Então, por que não aderir também à baixaria? É o que faço, a partir de hoje, até para dar idéia de que quero ser melhor que os outros. Todos à lama?

Aprendi logo que o destino do rico é o inferno. É mais fácil camelo passar pelo buraco da agulha, que rico entrar no Céu. O pobre, porém, está feito. Sofre o diabo aqui em baixo, o que é pouco tempo. Em compensação, quando morre, é mor-domia só. E por toda a eternidade. Vai ter apenas tempo bom. Largueza. Champã e caviar.

O rico é infeliz - tal expectativa, porém, não estava resolvendo o problema. Foi quando providencialmente surgiu a novela de tevê para provar que toda empregada doméstica casa com o filho do patrão. Que todo rico é corno, porque a mulher do pobre ninguém tasca, a não ser o marido. O pobre é feliz. Já o rico, principalmente as mulheres ricas das novelas, sofrem o diabo em seus mercedes, comem o pão que o diabo amassou no La Tour d'Argent.

Marido pobre não leva chifre - Tenho, porém, a impressão de que é lero. Conversa para boi dormir. Tanto existe corno pobre quanto corno rico.

Aliás, há mais corno pobre, até por questão de aritmética. Os pobres são mais numerosos. É claro que os ricos não estão poupados de graves problemas nas suítes de suas coberturas ou do "George V". mas, afinal, não se pode ter tudo.

O progresso chega ao interior - De longe, a gente nem pode ter idéia de quanto progresso, o desenvolvimento social,

a evolução dos costumes chegaram às cidades do interior. É claro que ali, ainda existe quem se choque com a liberdade moderna. Tanto assim que um amigo antidiluviano me diz, pelo interurbano: “Antigamente, no seu tempo aqui, veado era coisa rara. Praticamente só o Dr. Fulano de Tal e aquele costureiro. Agora não. Quase todo mundo é bicha. Sem falar na quantidade de sapatões”.

Marido na rua é fera - As mulheres, principalmente as casadas, costumam ser muito otimistas quanto ao desempenho sexual dos maridos fora de casa. Imaginam que a baixa produtividade é só para uso (deuso) doméstico. Na rua, cada um deles é uma fera. Irresistíveis. E não há mulheres que lhe resistam. Estão todas esperando esses Don Juans.

Há muita injustiça nisso. As mulheres, até as casadas, às vezes se enganam. Vêem outra na vida dos maridos quando a outra não existe. É, na maioria das vezes, fruto da imaginação. O João me contou que, um dia desses, foi consultado por um casal. Teve de funcionar de analista, à falta dum. A mulher se queixava de homéricas enxaquecas. Sua experiência lhe ensinou que mulher, sempre com dor de cabeça, está com problema. A moça começou a desfiar as queixas. Que foram crescendo, até a exaltação. O marido não mais a “procurava”. Sinal de que havia outra no pedaço. Ela foi tão veemente no libelo que o acusado foi forçado a esclarecer suas preferências.

“Não quero você porque meu caso é outro. Sou bicha”.

Foi aquele susto. A moça ficou pálida de espanto como no soneto antigo. Depois, abriu o par de queixos a chorar. Chorou até cansar. Depois saiu com seu marido com quem parece ser feliz como pode. O médico acha que quando os dois passam, sorrindo, felizes, é porque estão gozando com a caveira dele. A moça, porém, às vezes, não resiste e telefona pro esculápio, para saber das novidades:

“O homem tem aparecido? Como é, anda muito danado?”

Esta é história com final feliz.

Primeiro, pra mim - Vou contar que eu mesmo não sei se termina bem ou mal. Deixo isto ao julgamento das leitora, para quem escrevo, cujo coração anelo tocar. Um conhecido meu ficou todo feliz com o casamento da filha. A moça encontrara sua outra metade, o genro com quem a mãe sonhara. Não podia haver marido mais carinhoso, sempre disposto a fazer todas as vontades da amada. E como sabia cativar a sogra! Por isso, ele nem quis acreditar quando a herdeira lhe pareceu com o rosto inchado de tanto chorar, o ar todo infeliz, de viúva precoce. A tristeza se prolongou por tanto tempo que requereu a intervenção paterna. O sogro convocou o genro a uma conferência no escritório e lhe transmitiu sua insatisfação. O outro, todo saliente, não achava razões pra descontentamento.

“Faço tudo que sua filha quer. Vivo adivinhando seus pensamentos”. O sogro insiste em que no casamento estava faltando algo e o outro não parecia se tocar.

“Não lhe falta nada. Ela mora bem, tem jóias raras, todo o conforto”.

Até que o sogro perdeu a paciência e detonou o verbo:

“Você quer saber de uma coisa? O que está faltando à minha filha é homem”.

Aí o genro não agüentou. Soltou a franga, explicando:

“Ah, não, doutor, aí, não. Quando aparece homem mesmo, o que anda difícil, fico é com ela para mim”.

Ignoro o que aconteceu depois deste diálogo esclarecedor. Sei, porém, que, como o casal morasse próximo a um quartel, o jovem marido, que sofria de insônia, passava a noite, no corpo da guarda, jogando cartas com os soldados.

CAMINHO DO ÊXITO

Quando conheci Luiz Vianna Filho, alguém me sentenciou ao ouvido: “É um preguiçoso”. Fiquei intrigado com o julgamento. Ia ao Senado pela manhã e lá estava ele no batente. À tarde, também. Indagava a meus botões: afinal ele se elegeu deputado federal, durante 20 anos. Fora governador e ministro de Estado. Estava no segundo mandato de senador. Produzira obra copiosa. Algumas de suas biografias eram consideradas clássicas. Como é que um cara se elege tanta coisa, sem suar a camisa? E produz livros fundamentais, sendo um madraço, pouco afeiçoado ao trabalho! Até hoje não entendi a severidade do juízo, expendido contra o homem público baiano que era excelente *causeur*, cuja companhia me deliciava. No entanto, era um preguiçoso. Se fosse trabalhador, teria escrito mais do que o Calderon de la Barca, o Camilo.

Praticamente, o mesmo se diz do ministro de Estado, Hugo Napoleão. Que é dorminhoco. Ninguém o tira da cama antes do meio-dia. Dele só falta o rádio anunciar, como na campanha eleitoral de 1954 em Pernambuco: “São 12h da manhã. Está acordando o senador Jarbas Maranhão”. Pois bem. É outro. Antes de chegar aos 50 anos, já foi deputado federal duas vezes, governador e senador. E se o povo do Piauí tiver juízo, será, de novo, governador. Pois bem, o danado pode até virar sexagenário, centenário. Nada, porém, de virar cinquentão. É porque dorme muito. Se madrugasse, juro, já seria guardanoturno, entregador de jornal, leiteiro.

O primeiro posto que Dinarte Mariz ocupou na política potiguar foi o de governador do Estado. Foi senador a vida in-

teira. Primeiro, com seus votos. Depois, com o prestígio de que desfrutava entre os militares. Não tinha instrução regular. Era malicioso, ladino, inteligentíssimo. Quando, numa roda da velha UDN, tentou, por falsa modéstia, se proclamar um pobre sertanejo do Rio Grande do Norte, Carlos Lacerda atalhou:

“Matuto, sim, mas com 50 anos de Morro da Viúva...”

Pois bem, rezam as lendas que, certa vez, foi homenageado em sua Currais Novos. Um dos oradores, o promotor da cidade, insistia em falar de sua escassa instrução. À certa altura, diagnosticou:

“O que teria sido Dinarte Mariz, neste País, se não fosse analfabeto...”

O veterano político, entre dentes, completou: “Estaria pastando feito promotor em Currais Novos”.

É o que se conta do milionário Antônio Venâncio Brasileiro e que parece história de Somerset Maugham. Em sua infância pobre, sem horizontes, surgiu-lhe a oportunidade, o emprego estável, com ordenado fixo, até o fim da vida. É que morrera o sacristão da igreja da cidade. Estava, assim, aberta a vaga, a excelente vaga. Pois bem, lá se foi ele disputar o lugar que lhe garantiria o pão pro resto da vida. Houve um “porém”. Do candidato se exigia soubesse ler. Para acompanhar o

Introibo ad altare Dei

Ad Deum qui laetificat juventutem meam .

Cadê do candidato ler? Nada. Foi reprovado. Perdeu o emprego eterno, como a empregadora, a Igreja Católica. Por conta da decepção, deixou sua terra e foi ser milionário. Primeiro, no Rio. Depois, em Brasília.

NEM TODOS SÃO ASSIM

Numa visita à Academia Brasileira de Letras, em companhia do chefe da Casa Civil, o crítico literário Álvaro Lins, o presidente Juscelino Kubitschek foi festejado, como merecia. O presidente da Casa, Pedro Calmon, à certa altura do papo, elogiando os discursos de JK, suas mensagens, suas cartas, disse-lhe que seu lugar era ali, entre os imortais. Nada mais justo e merecido. Juscelino, espantado, encabulado, descartou a idéia:

“Calmon, que é isto? Magnífico, a Academia é pro Drummond, pro Pedro Nava, pro Abgar Renalt, pro Ciro dos Anjos”.

Ao sair, JK comentou com seu chefe da Casa Civil:

“Ridícula esta idéia, não é, seu Álvaro?”

“Claro, presidente, de um ridículo atroz”.

No embalo, Juscelino prosseguiu:

“Sou um administrador, um político. Não escrevo mais nem receita”.

Álvaro concordou:

“O senhor tem tantos outros méritos: Não precisa de tão ridícula bajulação. Que idéia, presidente, o senhor na Academia!”.

Noutra ida à Academia, o Magnífico voltou a tocar na proposta. Terceira vez, foi insistente, foi convincente, abalou a resistência presidencial.

Quando saíam do Petit Trianon, Álvaro comentou:

“O Calmon não abandona esta idéia ridícula! Isto ia era expor o senhor, deixá-lo mal, perante à opinião pública”.

JK não pareceu convencido, nem satisfeito. E retrucou:

“Álvaro, por que não posso ser acadêmico? O Getúlio não foi? Afinal, por que vocês, intelectuais, são tão radicais?”

Álvaro Lins não era homem para a Casa Civil da Presidência da República, estava na cara. Logo depois, saiu dali para ser embaixador em Portugal.

Coerente mesmo era Vaz Sampaio, prefeito de Iaçú, na Bahia, ao saudar Luiz Vianna Filho que havia sido designado para o governo do Estado:

“Estou inteiramente solidário com vossa excelência e com todos os seus ilustres sucessores”. Não é fácil. Veremos por quê, a seguir.

Seu Costa era gerente do IAPC em Sobral. De quando em vez, aparecia Gaudêncio Carvalho, fazendeiro do Massapê que se aposentava pela Previdência Social e, por isso, se considerava muito grato a meu pai. Trazia sempre um pequeno queijo, feito em casa. Com a eleição de JK, decidimos mudar-nos para a capital. Seu Costa foi nomeado para alto posto na delegacia do IAPC. Em seu lugar, ficou o Jádér Ribeiro Parente, excelente pessoa, o Jádér Pé-de-Fogo, apelido que ele e os irmãos receberam porque, na infância, usavam, na ida ao colégio, meias vermelhas que o pai, Diogo Honório Parente comprara, decerto porque mais baratas. Quando Gaudêncio surgiu com seu pequeno e cuidado embrulho, meu pai aproximou-se para recebê-lo. Ficou com a mão no ar. O presenteador esquivou-se dele e o entregou ao Jádér.

Papai brincou:

“Gaudêncio, não fui demitido, não. Fui promovido”.

O outro nem se abalou:

“Mas o gerente agora é o Jádér”. E passou-lhe o mimo.

José Américo de Almeida deixara o governo da Paraíba para ser ministro da Viação. Assumiu o vice-governador José Fernandes de Lima, do PSD, solteirão seríssimo. Pois bem, ainda de madrugada, havia um cabo da guarda que já lhe conseguira os jornais de Recife e uma xícara de café quentinho.

Não relaxava. O governador lia as folhas pernambucanas, antes de todo o mundo. Aconteceu o suicídio de Getúlio Vargas. Na moita, muito na moita para sua volta não ser questionada, José Américo voltou pra terrinha e o sargento ouviu a notícia, através do rádio. Pois bem. Naquele fatídico 26 de agosto de 1954, o sargento não apareceu com as folhas. Não apareceu com o café donzelo. O governador se banhou, se barbeou, se vestiu e nada. No corpo da guarda, encontrou o sargento. Interpelou-o. O outro, sequer, levantou o olhar do jornal, para lhe responder:

“O que é que o senhor ainda está fazendo aqui?”

Sem saber do que estava ocorrendo, José Fernandes de Lima mostrou seu espanto.

O sargento, com indiferença, informou:

“O doutor José Américo está assumindo o governo e ele é muito amigo meu...”

(29/11/92).

O VOTO É SECRETO, CABRA!

Nos tempos em que o cidadão levava a cédula de casa para votar, o maior risco que corria, era de tê-la trocada por ardil de cabo eleitoral adversário. As moças, então, eram um perigo. Fingiam o maior entusiasmo pelo nosso candidato, a ponto de beijar sua chapa, inutilizando-a. Anulando o voto.

Por isso, conta-se que, quando Vitorino Freyre pintava e bordava no Maranhão, em certo pleito, entregou as cédulas a um correligionário, recomendando-lhe não as mostrasse a ninguém, não as retirasse do bolso senão na cabine eleitoral. Nem sequer caísse na tentação de as olhar para não dar moleza ao inimigo. O eleitor fez o que lhe fora determinado. Na volta, porém, ficou se mordendo de curiosidade. Não resistiu e perguntou:

“Chefe, fiz o que o senhor mandou. Agora, me diga pelo amor de Deus, em quem votei?”

O cacique não teve talvez. Passou-lhe tremendo pito.

– “Você é besta, cabra? Por acaso, não sabe que o voto é secreto?”

Já em Sobral, o pessoal da UDN do doutor José Sabóia costumava aludir à extrema versatilidade dos eleitores de Chico Monte, do velho PSD. Para ilustrá-la chegavam a contar a história de uma senhora, cabo eleitoral pessedista que, no fim do dia da eleição, se apeava da camioneta Dodge do líder, arrebitada. Fatigada da maratona:

“Que diabo. Pra outra, o compadre Chico Monte não me pega. Estou morta”.

E contava:

“De manhã cedo, votei na Meruoca. Na hora do almoço, votei no Jordão.

E, agora, estou chegando do Patriarca onde também tive de votar. Estou arrasada” .

Os pessedistas de Santana do Cariri, Paes de Andrade e Iranildo Pereira à frente, contavam, no passado, a saga de cor-religionário, exilado no Crato por razões políticas que, numa eleição, correndo todos os riscos, decidiu subir a terra pra votar. Não se deixara intimidar pelo poderio dos Furtado Leite, Hildo e Cincinato, da UDN. Penou até encontrar uma camioneta que quisesse transportá-lo. Aconteceu que, no meio do caminho por azar, o carro deu o prego. Empacou que nem jumento ruim. Nada de sair do lugar. Já era tarde quando o tenaz cidadão conseguiu burra emprestada em cujos costados chegou à cidade. À seção eleitoral. Quando se apresentou ao presidente de mesa, este pegou seu título, examinou-o com cuidado, conferiu a foto com a feição do candidato e só então foi procurar seu nome na lista respectiva. Lá descobriu, pra escândalo seu, que o moço já votara. Deu-lhe a maior bronca:

“Você já votou. Quer votar outra vez? Quer fraudar a eleição? Não sabe que votar duas vezes é crime? Posso prendê-lo em flagrante”.

O pobre do eleitor saiu dali, murcho, frustrado, agradecido a Deus de não ver o sol quadrado. À saída, um amigo lhe perguntou:

“Como é? Ainda conseguiu votar?”.

Apontando, com o queixo, o interior da sessão eleitoral, respondeu, fulo da vida:

“É, votaram. Votaram...” E foi embora.

Na Pátria Velha, em Guaramiranga, o velho Chico Linhares, a cada eleição, amargava um desgosto. Não obtinha, como outros chefes políticos do interior, a consagração da unanimidade para seus candidatos. Tudo por conta da teimosia, da birra dum tal Ismael Pordeus (não era o historiador) que votava contra

ele. Aconselhado por amigos, na proximidade de certo pleito, convocou os préstimos de um certo Luizinho Batista, catequista capaz de converter o incrêu mais renitente. A ele, coube, assim presidir a sessão eleitoral e mostrar, então, a validade de seus métodos persuasivos. A sala estava repleta quando chegou Pordeus. Chamado em voz alta pelo secretário, soltou o título sobre a mesa e foi cascavilhar os bolsos, à procura dos óculos. Quando os encontrou, quando os enganchou sobre o nariz, o título havia desaparecido. Foi a maior discussão: “Deixei aqui. Não deixou. Alguém roubou. O senhor está me chamando de ladrão? Me respeite. Não sou homem de duas conversas”, era o que se ouvia do bate-boca. E nada do título reaparecer. Tudo parecia resolvido quando o dissidente mete a mão no bolso da calça e saca dele a segunda via do título de eleitor. Por esta, Luizinho não esperava. Pálido de espanto, decepcionado, frustrado, só pôde estender a mão à palmatória, murmurando:

“É, um homem prevenido vale por dois”.

Em campanha, o candidato é o otimista profissional. Tem de acreditar em suas possibilidades. Pra persuadir os outros. Se não está convencido da própria vitória, como vencerá os eleitores?

Deu-se o caso que Vicente Gomes Parente, vulgo Pipiu, militante político desde os tempos de Franco Rabelo, cansou de pedir votos pros outros. E se perguntou:

“Por que não eu?”

A resposta foi o lançamento de sua candidatura a uma cadeira na Câmara Municipal de Sobral.

A decisão foi calorosamente recebida pelos amigos. Pela família numerosa e ilustre, então, nem se fala. Toda ela se comprometeu com o candidato. Pra votar e não só isso, suar a camisa, trabalhar. Era natural que, em pouco, se considerasse vitorioso, eleito. Os pré-vitoriosos são generosos. Certo crepúsculo, depois de tantas homenagens colhidas na rua, voltou pra casa e disse pra mulher:

“Estou eleito. E eleito folgadoamente. Se você quiser, pode votar naquele seu primo candidato, para ele não fazer feio nas urnas”.

Veio a eleição. O primo ganhou. Pipiu só teve um voto: o seu. Zé-de-sales não era apenas aquela figura folclórica dos oficiais de Justiça de Fortaleza : com unhas enormes feito o Zé-do-Caixaão, pés compridos, intermináveis, terno escuro, camisa clara, gravata roxa, chapéu de madeira compensada.

Era também um filósofo. O nosso Barão de Parana-piacaba cabeça-chata. O Rochefoucauld cearense. Dizia: “Armador baixo é economia de corda. E urubu não come mato”. Ou, então, sentenciava: “As lagoas do Ceará não tomam água porque são propriedade privada”.

Além de frases, alimentava projetos, um deles encanar o vento da serra de Maranguape pra amenizar o calor que fazia em Fortaleza. Pra viabilizá-lo, urgia se eleger vereador. Candidatou-se. Foi à luta. Gastou a sola do sapato no centro e nos subúrbios. Percorreu toda a capital, distritos inclusive. Uma canseira. Trabalhão de candidato a deputado federal. Veio a eleição. A apuração. Ele todo apetrechado, aparelhado para registrar a vitória, em detalhado mapa, com espaço para cada uma das urnas de Fortaleza. Aconteceu, porém, o que não se podia prever. O desastre. Os eleitores se esqueceram dele. Firme na apuração, Zé-de-sales não arredava pé de seu posto nem pra beber água. Ia anotando, zero, zero, zero.

Ante sua melancólica curiosidade, um mesário sádico indagou em voz alta: “Quer que some?”

Já eram duas horas da tarde. Nenhum voto lhe aparecera. Ele firme, na vigília. Um amigo, olhando o mapa, pontilhado de decepções, se ofereceu pra substituí-lo:

“Zé, vá almoçar. Enquanto você almoça, fico, em seu lugar, anotando os votos. E continuou escrevendo zeros no mapa.

Tempos passados, Zé-de-sales que obtivera exatos dezanove votos, assim dissimulava sua decepção:” Não recebi nem quatrocentos votos...”

(17/01/93).

JÁ FUI RICO

Leitores e leitoras se preocupam, porque falo muito de que fui rico e não o sou mais. Um dia desses, uma delas, Helena Jereissati, se inquietou tanto que me mandou um farnel, uísque de primeira linha para me matar a sede e um grude para me saciar a fome. O Citó, outro scotch. Ethel e Xerez, camisas. Amigos, serenai. É a pobreza, é certo, mas não é ainda a fome. A indigência. Ainda resta, como diria o Vilaça, de *Os Maias* um pedaço de pão e um pouco de manteiga pra barrar por cima, frase que o Nelson Rodrigues tanto gostava de citar. É, como ironiza o Mauro Benevides: “Quer dizer, doutor Lustosa, que não está mais podendo beber uísque de doze anos, não? Só o de oito?” Ele tripudia assim porque não sabe o valor desse divino licor destilado nas pradarias da Escócia. É redicalmente abstêmio.

A propósito, contava Rachel de Queiroz, um dia destes, que Vinícius de Moraes a visitou, certa vez, e a surpreendeu, recusando uísque que ela lhe ofereceu. O poetinha explicou: “Estou abstêmico”. Ela corrigiu: “Não é abstêmico. É abstêmio”. Vinícius explicou: “Digo abstêmico porque parece mais nome de doença”.

TROCADILHO

Disputaram a nomeação para o governo do Rio Grande do Sul, Nelson Marchezan, alto, de mais de 1,80 m, e Amaral de Sousa, muito mais baixo que ele. Quando os generais desempatarem a favor de Amaral de Sousa, o então senador Paulo Brossard comentou, com crueldade:

“Dos males, o menor”.

BOEMIA

Ninguém nunca sabe, realmente. Qual o mal menor. Só quando eles nos alcançam. Um dia desses, me contaram que uma senhora, ao ver, nos jornais, a foto do filho de uma amiga, envolvido em enorme maracutaia no mercado financeiro, botou a mão pros céus, agradecendo a Deus. Afinal seus filhos eram boêmios, sim, mas tinham nome bom. Foi até o santuário, agradecer à Providência Divina:

“Graças a Deus, os meus são apenas cachaceiros...”

SOU LADRÃO

Isto me lembra episódio ocorrido no Estado Novo. O então chefe de Polícia, general Cordeiro Neto - que ainda pode ser encontrado, na praia, caminhando todas as manhãs - instituiu o regime da “lata”. Eram trabalhos forçados para os presos, que construíam calçamentos nas ruas da capital. Certa vez, Polícia recolheu os pederastas que vadiavam pelas ruas do centro e os condenou à lata. Eles passaram, pela Praça do Ferreira, num caminhão da Polícia, rumo à tarefa que lhes era imposta. Naturalmente, levaram a maior vaia. Um dos presos, negrão largo e forte como um armário, no meio das bonecas, reagiu aos apupos, distribuindo “bananas” e explicando, com todo orgulho:

“Não sou veado, não. Eu sou ladrão...”

COMUNISTA E BÊBADO

Logo após a edição do Al-5, entre as besteiras que os militares fizeram, estava a da “limpeza” do Itamaraty. Afastaram os diplomatas homossexuais, bêbados e suspeitos de esquerdismo. Entre eles, o grande Vinícius de Moraes, valente consumidor de uísque, que se encontrava no exterior. Ao chegar ao aeroporto do Galeão, o poetinha explicava o que não precisava explicar e o fazia por brincadeira:

“Fui demitido porque sou bêbado e comunista...”

DIGNIDADE

Por falar em bêbado, lembro o poeta Sidney Neto que terminava seus pileques, à noite, na antiga Praça do Ferreira. Ali, não se perdoava ninguém. Não se escapava de boa vaia. O venerando vate, pasta à mão, os bolsos da calça atulhados de papel, passava, rumo à Casa do Estudante, onde morava, às vezes perseguido pelos gritos da molecada:

“Peguem o bêbado. Peguem ele”.

Com toda a altivez, ele se voltava para a turba ignara que o seguia e recomendava:

“Peguem ele, não. Peguem-no”.

E prosseguia, impávido.

PÁLIDO CONSOLO

Outros reclamam porque me queixo muito do calendário. Do tempo que passa na janela e vejo. E protesto. Uma amiga tentou me consolar:

“Que velho, que nada! Não tens nem sessenta”.

Ora bolas, já tive muito menos. Podem crer.

O que vai acabando com a gente, de pouquinho, todos os dias, é a Vida. Pior, porém, é a Morte que ataca, duma vez, sem apelação.

Pode ser chato. Dos males, porém, o menor. É melhor envelhecer que morrer.

Estou totalmente convencido.

(03/05/92)

QUESTÃO DE DIREITOS

O nunca assaz lembrado Milton Dias costumava contar histórias que se vinculava à importância da papelada, do documento, da escritura de casamento, na cabeça do brasileiro. Era o caso de dois velhos, moradores em Maranguape, que estavam prestes a completar cinquenta anos de vida conjugal, sem as bênçãos da Igreja nem as despesas do cartório. Jamais lhes passara pela cabeça legalizar sua união. Na proximidade, porém, de tão importante marco, filhos e netos passaram a pressioná-los pelo casamento. Eles, porém, não estavam nem aí. A velha, então, não dava a menor pelota para o casório e reagia num muxoxo quando lhe falavam em subir ao altar: “num faço empenho”. Tanta, porém, foi a chateação dos descendentes que, por fim, se renderam. E, meio encabulados, legalizaram a união na igreja de Parangaba, onde morava um dos filhos que ofereceu almoço aos nubentes.

Lá pelas cinco horas da tarde, finda a festa, o noivo começou a juntar as teréns e convocou a noiva:

“Vamos, minha velha, vamos pegar o ônibus”.

Ela, com as mãos nos quadris, senhora de seus direitos, arrenegou:

“Ônibus? Você está pensando que ainda sou sua quenga? Só vou se for de táxi”.

A propósito de símbolos, o engenheiro Plínio Cantanhede, então prefeito de Brasília, seguia para o aeroporto da capital, quando, à altura do chamado Bambolê de Dona Sara, deparou-se com um popular que ali colhia flores. Apeou-se do

carro oficial. Passou a recriminar quem estava levando flores, danificando o jardim público.

Deu-lhe o maior esbregue, esbravejou, enfim, deitou e rolou até que o acusado se encrespou e perguntou, exaltado:

“E o senhor, quem é para estar gritando?”

Como não existe carteira de prefeito, Cantanhede viveu sua crise de identidade. Atarantando, soube, apenas, apontar para a placa de bronze de seu carro:

“Sou o Prefeito. Quer ver? Tali a placa”. (31/07/88)

UM CORONEL DO PIAUÍ

Quando da instalação da Assembléia Nacional Constituinte, ainda trabalhava no *Estadão*, Sônia Costa me pediu ajuda para localizar um senador ou deputado que não soubesse do que era aquilo de que ia participar, enfim, um ingênuo, um tolo. Os pauteiros paulistas são engenhosos, são geniais. Disse-lhe que não podia atendê-la porque os bobos não chegam a Brasília, não se elegem. Podem vir os atrasados, os analfabetos, isto sim, todavia, os mais espertos e ladinos de seu grupo social.

Exemplo disso foi João Clímaco de Almeida, o Joqueira, deputado pela ARENA do Piauí, que conheci em 1975, quando aqui cheguei. Era um “coronel” do Nordeste, vindo de origem humilde, tanto assim, que, meninote, vendia bolo à frente da porta da Casa de Detenção de Teresina para sobreviver, antes de chegar a vereador, secretário de Segurança, governador do Estado e deputado federal. Como tal, simplório sem ser bobo. Muito pelo contrário primava pela malícia e vivacidade, pelas chistes. Foi ele quem batizou de jurubeba uma gratificação para o transporte de parlamentares, mais precisamente aumento disfarçado de subsídio.

Na disputa da terceira secretaria da Casa, com a ajuda, por baixo dos panos, do líder José Bonifácio e do vice-líder Jorge Vargas e outros mais conservadores da ARENA, derrotou o respeitado Paulino Cícero, integrante da “inteligentzia” do Parlamento.

Joqueira foi chefe de Polícia do Piauí, muito antes de chegar a Brasília. Sua primeira providência, ao assumir o posto, foi o de mudar todas as fechaduras da Secretaria a fim de evitar

o desaparecimento freqüente de objetos roubados, ali guardados, e até de documentos. Deu em nada. Só depois ele soube que o encarregado da substituição das chaves guardara cópia de cada uma delas para continuar a bandalheira. Joqueira, ao perceber a inutilidade de sua providência, comentou, desolado:

“Aqui, não há mesmo jeito, nem mesmo mudando todas as fechaduras”.

Às segundas-feiras, feralmente, era abordado pelos repórteres policiais assustados quanto à ocorrência de grande número de assassinatos, registrados nos fins de semana.

Não se perturbava. Limitava-se a contra-atacar:

“Já passaram pela maternidade?”

“Passem pela maternidade para ver quantos nasceram no fim de semana. É assim: uns nascendo, outros morrendo. Tenho certeza de que nasceu mais gente do que morreu”.

Em determinado momento, era o responsável pela FAREC, órgão ligado ao Ministério da Agricultura, que vendia arame, equipamentos agrícolas, jipes, a preços subsidiados para agricultores.

Uma tarde em que a política de Floriano andava quente, acirrada, radicalizada, o deputado Tibério Nunes, um de seus protagonistas, discursara na Assembléia, veemente, enfático, anunciando a própria morte:

“Vou ser assassinado. Estou certo de que, ao sair daqui, serei assassinado pelo ódio dos pessedistas de Floriano”.

Logo a seguir, aproveitando os últimos instantes de sua existência, sentiu apetite por uns rolos de arame farpado e foi buscá-los junto a Joqueira. Este lhe reservou um rolo. Tibério ficou furioso. O que iria fazer com um rolo de arame?

Joqueira explicou, lembrando seu recente pronunciamento:

“Você vai morrer, ouvi. Para cercar uma sepultura, um rolo de arame dá e sobra. Para que diabo, você quer mais?”

Campanha eleitoral de 1960. Jânio Quadros chega a Teresina. Antes do comício, perguntam-lhe se quer beber al-

guma coisa. Ora, se queria. Pediu uísque. E, na presença dos correligionários, rapidamente, deu conta quase sozinho, do litro do precioso líquido. Dizem que só escorado, apoiado por partidários, teve condições de falar, mais bêbado que um gambá. Ainda assim, arrebatou a multidão, reunida na Praça Pedro II.

Logo depois, foi a vez do austero general Teixeira Lott. Quando lhe perguntaram o que iria beber, respondeu

“Um copo de leite”.

Diante do espartanismo do candidato e de sua débil oratória, João Clímaco comentou: “Estamos é pebados. Como é que candidato que bebe leite, pode ganhar a eleição?”

João Clímaco exerceu o governo do Estado. Primeiro, quando concluiu o mandato de Petrônio Portella, que se desincompatibilizou para concorrer ao Senado. Na primeira vez, seus auxiliares ficaram entusiasmados com a possibilidade de Joqueira ser designado para o mandato seguinte. Ele também. Não deu. O nomeado foi Helvídio Nunes. Os secretários, que esperavam continuar bem de vida, no poleiro dourado, protestaram. Queriam que resistisse ao poder militar, lutasse pela nomeação. Ele foi a quem de direito e voltou vice-governador para mais quatro anos, para desencanto parcial de seus seguidores. Quando lhe reclamaram do resultado da negociação, foi pragmático:

“Melhor do que diabo de nada”.

Estava pra terminar o fim do mandato de Helvídio, que também renunciara para disputa cadeira senatorial. Joqueira veio a Brasília pedir ao ministro da Fazenda, Delfim Neto, antecipação de receita, a fim de pagar ao funcionalismo. Não queria deixar esse feito ao sucessor, Alberto Silva, da facção adversária da ARENA. Esteve com o todo-poderoso ministro. À noite, como era, então, hábito, jantou no Hotel Nacional, com numerosa comitiva. De repente, passa Delfim. Antes que comentasse qualquer coisa, o tamanho do grupo e a despesa, Joqueira se adiantou para dizer:

“Ministro, solte o adiantamento porque eles já estão gastando por conta”.

Joqueira gostava de dizer que o que acabara com a força do político não foram os militares e, sim, a estrada de rodagem, o rádio de pilha e a estabilidade do funcionalismo.

“Antigamente, a gente chegava ao interior e ia cheio de novidades pro matuto. Levava-lhe notícias de Teresina, do Rio. Agora, não. Ele vem a Teresina ou vive com o rádio grudado ao ouvido. A estabilidade foi outro mal. De primeiro, a gente podia demitir o eleitor que traía e botava outro no lugar. Agora, não se pode fazer isso, de modo que não há mais controle. Não há fidelidade”.

Quando ele exercia o mandato, costumava pedir a seu colega. Celso Barros, grande advogado piauiense, que copidescasse seus discursos que colocava, no apartamento do outro, por baixo da porta. Quando alguém o flagrou nessa tarefa, não quis ficar por baixo e esclareceu:

“Toda a noite, eu boto meus discursos pro Celso olhar o português e ele me passa os deles para eu tirar o comunismo que tiverem...”.

(07/11/93)

MINHA AMADA PIAUIENSE

Quem primeiro recebeu telefonema interurbano de Teresina, fui eu. Ou minha vaidade a quem pregaram uma peça que, seguramente, não será a última. A este tempo, namorava moça piauiense, vaga descendente de um vago senador do Império. Era novinha, cheia de conversa e de opções. Não esqueço, assim, que ao abrir a bolsa, uma manhã, acho que nos amplos jardins da casa de Zequinha Napoleão, na Avenida Dom Manuel, deixou cair telegrama que lhe endereçara o acadêmico de engenharia, Vicente Fialho. O futuro Ministro estava longe. Combatia, pelo telégrafo. Ela um dia se foi, não quis o jornalista nem o futuro engenheiro. Virou dona de colégio, onde aplica pedagogia traumatológica para educar os filhos, para espanto dos vizinhos: surras com fios elétricos. Deixemos, porém, tão avançadas técnicas de educação e retornemos ao passado. Sei que estava eu, certa manhã de fim de ano, na redação da Ceará Rádio Clube, no edifício Pajeú quando me convocaram ao telefone. Era chamada de Teresina, antes da Embratel. Ela queria me desejar feliz ano novo. Quando terminou a precária ligação e saí para o corredor vi que deixavam a sala do Rômulo Siqueira, Augusto Borges, Neide Maia, acho que o Noé que, com a ajuda de uma folha de papel num ventilador para simular complicações técnicas, me haviam aplicado o trote.

Por falar em telefone, conheço cidadão a quem apraz amar, pelo telefone. Namora horas inteiras e pisa fundo no acelerador. São instantes de amor tórrido em que, verbalmente, vai às últimas conseqüências. Aconteceu-lhe apaixonar-se por uma moça de Teresina. (Sempre o Piauí). Um dia, curiosa e ardente, veio

ela conferir, na prática, as maravilhas que lhe eram prometidas, através de invenção de Graham Bell. Foram à luta. Tudo terminado, fumado o cigarro de depois, ela não pôde, não conseguiu deixar de registrar: Fulano, tu és muito melhor pelo telefone...

Maria Helena foi amor, cheio de sobressaltos, à sombra das mangueiras do aeroporto Pinto Martins. Eu, solteiro de segunda mão. Ela, filha de professora que, em sonetos bissextos, exaltava a pureza dos lírios e condenava a lascívia das rosas. Não podia dar certo. Não deu. Investi tudo naquele amor que me desassossegava e me trazia em festa o coração. Até que, um dia, sem que esperasse, ela me trocou por um solteiro de fato. No domingo, via-a na praia, reclinada nas pernas do aviador que a paquerava. Ela, com quem trocara beijos tórridos na sexta-feira. Doeu, como doeu. Fiz aquele apelão. Não tive a menor classe. Passei o recibo, esbravejei, insultei, agredi, de puro despeito e total frustração. A moça casou e se mudou. Supus fosse muito feliz, assistindo à novela das seis. Enganei-me. Não era. Um dia voltou. Direto para meus braços, morta de arrependida de não haver casado comigo. De sua cegueira na época, de seu erro irreparável. Era o que me dizia. Seu sentimento era tão intenso que me considerei o escolhido para aquele resgate. O único, claro. Aquele com quem ela, de fato, devia ter casado. Por acaso, porém, caiu-lhe a caderneta de telefones e ali estava eu, é certo. Na boa companhia de outros namorados dos tempos em que o namoro esbarrava em certos limites. E ainda hoje não sei se começou ou se terminou por mim sua revisitação, sua peregrinação aos amores pretéritos.

Não foi só. A este tempo, ainda tinha marido a quem, ardentemente, chamava “vida minha”, mesmo quando estava com outros. Ou quando viajava com seus subordinados para encantadores fins de semana em Fernando de Noronha - também me contou - pois mulher séria e desinteressada não ia cumprir tal programação com superiores que lhe podiam antecipar promoções e garantir bons postos.

Uma tarde, quando, sinceramente, se lamentava de não haver casado comigo, ficou patente mesmo que não o disséssemos com palavras que, a esta altura do campeonato, se rever a história fosse possível, se viável fosse reescrever o passado, eu estaria com ela. E ricamente ornamentado. Ela, porém, percebeu a situação tal qual se afigurava e, inteligente como era, garantiu:

“A ti, jamais eu iria trair”.

Concordei. Sou bem-mandado e, além do mais, faz bem a meu coração agradar às mulheres. Mesmo às adúlteras para quem um só marido é pouco pois amor demais têm para dar. Além do mais, como sucede, de quando em vez, a todos nós, Maria Helena estava tentada a reescrever a história, a mudar sua biografia. Por que não o fazer por inteiro? Tomei a resolução. Para tais fins, aceitei-a tal como então se propunha: minha mulher é só minha, na revisão conveniente do passado.

(05/11/89)

ABDIAS, O PIAU-ÚCHO

Sempre que posso, procuro a convivência de gente de cuca fresca, em paz com a vida, de alto astral, porque tais companhias fazem bem. Contagiam a gente. Espantam nossos eventuais surtos de mau humor. Por isso, gosto de freqüentar o jornalista Abdias Silva em seu retiro, ensombrado de fruteiras, às margens do Paranoá.

Ele está voltando da Europa. E, como não é perfeito, planeja rever Campo Maior.

O negócio é o seguinte. Para não se aposentar - porque inação abrevia a caminhada para o campo santo, trabalha como correspondente de agência de notícias portuguesa. Deixa que os escudos se acumulem, o ano inteiro, na Caixa Econômica do além-mar. Quando percebe que juntou razoável tutu, embarca rumo a Lisboa, para consumir o bom Bucelas, às margens do Tejo.

Encontrei-o com aquela cara de paz interior que faz bem a gente e dá a impressão de que vai durar um século. Ou mais. Tremendo gozador, narra que se hospedou no Hotel Borges, ali no Chiado, por indicação minha. É onde fica também o Frota Neto. Ao voltar, certa tarde do “footing”, deu com o apartamento arrombado, as malas desfeitas, roupas e objetos pessoais espalhados pelo chão. Assustado, fez um balanço em suas coisas e se deu conta de que não haviam levado nada. Minto. Desapareceram quatro mil cruzados. Imediatamente, requereu do hotel outro quarto, alegando rechar represália.

“Quando os ladrões descobrirem que não podem fazer nada com quatro mil cruzados, voltam para se vingar da gente”.

Tem mais. Ele começou a narrar a viagem de volta, nas asas da TAP:

“Logo que sentamos, Mont Serrat (Zete) percebeu que sua poltrona estava com defeito. Chamei o comissário, que chamou o mecânico que providenciou o conserto. Mal decolamos, uma freirinha se queixou de que a água do banheiro estava escorrendo por baixo dos seus pés. Estenderam uma toalha no chão a fim de sanar o problema. Eu disse para Zete: se a poltrona e o banheiro estão deste jeito, o motor não pode estar melhor”. Ao contar o diálogo, acrescentou: “Porque avião é como a mulher da gente: tem de merecer absoluta confiança”.

Ele me levou na troça quando lhe registrei que, ano passado, passei um dia trancado no apartamento da Pousada Dom Diniz, norte de Portugal, assolado pela gota:

“Lustosa, não posso imaginar você de gota. Um cara de Sobral... não dá. Gota é para aqueles velhos castelões ingleses, com mil anos de tradição e com boa vida. Não para nordestino”.

Quem vê a cara de Abdias percebe que ele é um sujeito de bem com o mundo. Por isso, as décadas não o fazem envelhecer. Pelo contrário, tem cara é de menino. Tanto assim que foi dizer a Pedro Simon que ia se aposentar do emprego do escritório do governo do Rio Grande do Sul, em Brasília. Ouviu, como resposta, ceticismo:

“Nego. Não concedo aposentadoria porque não posso acreditar no que vai fazer”.

Sabem donde é este Abdias? Do Piauí. Pior: de Campo Maior. Rapazinho metido a intelectual em Teresina, no final da década de 30, ao lado de Castelinho, empolgou-se com os romances de Érico Veríssimo. Um dia, lhe deu na veneta pedir a proteção do autor de *Olhai os Lírios do Campo*. Pois não é que deu certo? Érico lhe escreveu, oferecendo-lhe trabalho e comida. Abdias nem hesitou. Pegou o Ita rumo ao Sul. Em Salvador, sabem quem subiu? Nada mais e nada menos que o afável Jorge Amado. Metido, apresentou-se ao grande escritor. Conversa

vai, conversa vem, revela que está indo morar em Porto Alegre, a convite de Érico Veríssimo. Jorge indagou:

“Você é o Abdias?”

Atordado, o rapazinho piauiense perguntou:

“Como é que você sabe?”

Jorge explicou: “O Érico me escreveu, falando de você”.

Assim lá se foi o nosso Abdias para Porto Alegre. Fazer o Rio Grande. Trabalhou na livraria Globo, cresceu como jornalista no *Correio do Povo*, casou, descasou, recasou. Até que veio instalar sua tenda em Brasília, onde é bom encontrá-lo à sombra de frondosas mangueiras, com seu imperturbável bom humor. Um menino travesso de 75 anos. (1993)

HISTÓRIAS DO PRESIDENTE

Carlos Eduardo tem doze anos e é meu segundo filho varão. Ganhou este nome do personagem central de *Os Maias*, da Eça de Queiroz. É cidadão ciente, o que nos leva a inevitáveis confrontos. Nas últimas férias, passamos quase 10 dias juntos, do desjejum no hotel até à última ostra no Getty's ou o penúltimo uísque no Ideal. Ao final, dando balanço em nossa convivência, perguntei-lhe porque não havíamos brigado. Ele, com todo pragmatismo, explicou:

“É porque estou querendo voltar em dezembro...”

Chamo-o Presidente em casa. Na rua, ele se encabula com o tratamento. Explico porquê. Quando Sarney era chefe do Governo, continuou a ir lá em casa, o que sempre me honrou. Carinhoso, puxava conversa com Carlos. Perguntou-lhe, certa vez, o que queria ser, quando crescesse. O morgado respondeu no ato: “Presidente da República”.

Meio sem graça naqueles começos incertos, o Presidente lembrou: “Carlos, este lugar é do vovô...”

Quando Luiz Adolfo Pinheiro assumiu o comando do *Correio Braziliense*, os colegas lhe ofereceram almoço concorrido e regado com honesto scotch. Eu que não bebo à luz do dia, já me desincumbira do trabalho e, por isso, consumi o divino licor destilado nas pradarias da Escócia, como se suas fábricas fossem fechar, como se ele não fosse mais produzido. Já ia longe, quando me coube a palavra para saudar o bom caráter do homenageado. Ignoro, exatamente, o que disse. Sei apenas, que mais tarde, Carlos Eduardo me resumiu, assim, a fala:

“Pai, tu não disse coisa com coisa...”

APROVEITANDO ATÉ OS ÚLTIMOS INSTANTES

Este ano, ele voltou a estudar pela manhã. Como gosta de dormir até mais tarde, receei por sua adaptação ao novo horário. E lhe sugeri ir, nas férias, logo acordando mais cedo para se habituar, para ir pegando o costume. Ele não aceitou o conselho e explicou porquê:

“Ao contrário, vou dormir até tarde para aproveitar até o último dia...”

Devo reconhecer que é também uma maneira de encarar a situação.

Quando Dorian me enviou os primeiros exemplares de *Fortaleza, meu amor*, ele brincou:

“Agora, pai, tu publicas *Brasília, minha mulher, Goiânia, minha namorada, Ceilândia, minha amante...*

CONSELHEIRO BIRITEIRO

Um dia desses, junto com Sara, ele queria saber se eu era doutor. Expliquei-lhes o hábito brasileiro de chamar “doutor” a quem tem formação superior. Ele, então, enumerou meus títulos:

“Então, pai, tu és doutor, jornalista, conselheiro (do Banco do Nordeste) e biriteiro...”

NA MODA

Quando vi o Gilberto Amaral, nas primeiras páginas de todos os jornais do País, acompanhando o Presidente em Araxá, dei-lhe os parabéns. Não o encontrando, deixei recado na portaria do hotel. De noite, Carlos Eduardo me dedurou ao restante da família:

“Pai, vou dizer ao Sarney. Te ouvi telefonando pro Collor...”

UM BOM CARÁTER

Gilberto Amaral é o Lúcio Brasileiro da Corte, em matéria de bom caráter. Com diferença cada vez mais marcante de que o

mineiro é a tolerância personificada e o nosso monge do Cumbuco se converte a cada dia, em iracundo profeta, desiludido de curar os vícios políticos brasileiros. Nenhum dos dois persegue a riqueza, se empenhou em ficar rico. São franciscanos que, como os ascetas antigos, não se incomodariam de comer apenas gafanhotos do deserto, desde que regados ao honesto champã Cristal.

EM PAZ

Mas é do Amaral que devo falar. Trata-se de um cara de bem com a vida da qual só quer ver o lado positivo, o lado brilhante, o êxito, a harmonia. Não tem compromisso com o mau humor nem com o ressentimento. É seu jeito mineiro de ser. É tão amigo de Collor, a quem conheceu menino, quanto foi de JK, seu padrinho de casamento

Quando José Sarney voltou, vez primeira a Brasília, logo após deixar a Presidência, todo o mundo queria apenas cortejar o novo Sol. Foi ele quem o homenageou com o vitelo mais gordo de seu freezer e o Royal Salute mais precioso de sua adega.

CONSELHOS NÃO SEGUIDOS

Um dia destes, encontrando-o, num restô da moda, exortei-o a ficar rico. (Tenho o maior abuso de jornalista que se gaba de estar morrendo de fome. Prefiro o Miguel Jorge que, de chefe de redação do *Estado de S. Paulo*, passou a vice-presidente da Auto-Latina, isto sim. Também não gosto de coleguinha que se vangloria de ter apanhado, haver sido vítima da repressão. Sou mais o José Maria Rabelo, fundador de *Binômio* em Minas Gerais que, ao invés de ser espancado, espancou. E rijamente, embora haja pago, por isto, caro, muito caro). Pois bem, Gilberto contra-atacou:

“E por que não ficaste rico no governo Sarney?”.

Em baixo português: era o sujo falando do mal lavado. Não possuía autoridade moral para ministrar tais conselhos.

SOLIDARIEDADE

Acho que foi a 31 de março de 1980 (as coisas ruins deste País ocorrem sempre em tal dia) que me hospitalizei. Suspeita de enfarte de miocárdio. Morri de medo. Fui, porém, recompensado pela torcida dos amigos. Seu carinho formou corrente tão poderosa que, em pouco, tive condições de retornar ao scotch de cada crepúsculo. A preocupação do Amaral - depois o soube - foi saber do número do carnê da prestação do meu apartamento na Caixa Econômica, para quitá-lo. Ainda hoje, guardo o recibo, lembrando seu gesto.

AMIGOS

Um leitor registra que puxo muito o saco dos amigos. A quem haveria de agradar? Aos inimigos? Ou devia deixar, para falar bem das pessoas a quem amo, em seus necrológios, quando elas forem apenas saudade como no samba do Nelson Cavaquinho? Como o Milton Dias, como o sambista, tanto dou quanto quero receber o afeto, o apreço, o bem querer, o uísque dos amigos, aqui e agora, enquanto estou vivo, bulindo, ainda me resta sede para cultivar Baco e alguma saúde para curtir as melhores coisas da vida.

PERDI A CONTA DAS GAFES QUE COMETI

Segundo o dito popular, em boca fechada não entra mosca. Tem mais: nem dela sai besteira. Quantas gafes já cometi, em minha vida, só por falar o que não devia? A loquacidade e a pressa foram mães delas. Por isso, é melhor manter a boca fechada. Daí decorrem duas vantagens: você não engorda nem diz tolice.

Lembro-me de que, certa vez, de férias em Fortaleza, fui incumbido por seu Costa de pedir a casa da Rodrigues Júnior, que estava alugada, porque íamos trocar Sobral pela Capital. Ele me advertiu, várias vezes, para o fato de que o inquilino era muito mais novo que a mulher. Prestasse bem atenção para não dar mancada. Vacilo. Felizmente quando cheguei lá, a dona de casa não estava presente. Fiquei descansado. Descontraí-me. Ao lado do locatário, de cabelos e bigodes negros como a asa da graúna, sentava-se sua avó, doce velhinha, cheia de cãs. Falando pelos cotovelos, à certa altura da conversa, fiz referência à septuagenária:

“Com licença, aqui, de sua avó...”

Foi a vez do dono da casa me advertir:

“Não se trata de avó. É minha mulher”.

Em 1961, participei do lançamento do primeiro programa de entrevistas da única televisão do Estado, a TV Ceará, junto com Tarcísio Tavares, Ayrton Rocha, Lúcio Brasileiro, Mino, Magola, uma pá de gente boa. Meu convidado foi o padre Arquimedes Bruno. Seus artigos incendiários, precursores da Teologia da Libertação, preocupavam os conservadores. E deixavam os políticos inquietos porque se falava em sua candidatura ao

Senado, ano seguinte. Aí, aprendi, duramente, uma lição. Você deve ter sempre uma réplica pro entrevistado. Não a preparar é um risco. Você termina se machucando, como me machuquei.

De bate-pronto, mal a câmara nos enfocou, berrei a pergunta:

“Padre Arquimedes, o senhor é comunista?”

Ele, por entre os dentes cerrados como de hábito, respondeu no ato:

“Só quem acha que sou comunista é quem tem prisão de ventre mental”.

Não soube o que dizer. Fiquei com cara de babaca, diante do Ceará inteiro, no restante da entrevista. Enfim, já começara o jogo, fazendo gol contra.

Vocês pensam que melhorei com os anos? (Aliás, ninguém melhora nada com o tempo. Perde tudo, inclusive a vida. Depois, falo sobre esta ilusão de que, como os vinhos, somos cada vez melhores, com o correr dos anos). Fiz foi piorar. Era março de 1964, véspera do golpe. Estava na entrada da Câmara quando divisei Guerreiro Ramos. O sociólogo era suplente de deputado federal em exercício. Conhecia sua obra e sua vida. Pra mostrar isto, perguntei:

“O senhor foi integralista até que ano?”,

Ele quase engole e charuto. E a mim, também.

Anos depois, pensei em escrever sobre a Legião Cearense do Trabalho, do Severino Sombra, e da vinculação do clero ao integralismo. Sabem pra quem toquei o telefone, pedindo depoimento? Imaginem! Pra outro integralista arrependido, dom Hélder Câmara. É claro que o santo varão se saiu com quatro pedras na mão. Tinha toda razão: pra que eu ia ressuscitar justo o capítulo ensombrado de sua brilhante biografia?

Outro dia, fui tomar uísque com Lúcio Alcântara e a filha Daniela, arquiteta. Disse-lhe que o Wilson Ibiapina não viria, apesar de convidado, porque ia levar a filha, Flávia, pra casa. E acrescentei:

“Ele não veio porque a Flávia é muito nova e talvez não tivesse o que conversar com Daniela”.

A arquiteta ficou brava:

“Ora, Lustosa, a gente se rala, se mata de estudar pra se formar cedo, pra ser chamada de velha”.



No aeroporto de Brasília, o Ministro da Justiça, Petrônio Portella, que era muito vaidoso e também muito gentil, agrada meu filho Carlos Eduardo, então com seus dois anos e num dia (raro) de muita simpatia. Correspondeu aos agrados do senador piauiense e lançou-se em seus braços.

Petrônio, muito vaidoso, informou: “Toda criança é louca por mim”.

Eu, sem qualquer necessidade, aparteei: “Ele é assim com todo o mundo”



Ainda no aeroporto, o então Ministro do Exército, Sylvio Frota, que andava sonhando com a Presidência da República, me cumprimenta. E logo lhe falo de sua raiz sobralense sobre que ele tem pouco a dizer pois muito pouco tempo morou na Princesa do Norte. Entende de contar a discussão havida numa Câmara Municipal de Mato Grosso em que alguém argüiu contra determinada obra pública a lei da gravidade.

Eu, sôfrego, imprudente, cortei-lhe o barato:

“E um vereador apresentou projeto revogando a lei da gravidade?”

Era. Mas devia ter deixado o fim para o narrador.



Anos depois, em Paris, passeando pelos Champs Elisées, encontro o ex-ministro Jutahy Magalhães que perdera a eleição na Bahia. A certa altura, a título de autoconsolo, comenta: “Graças a isso é que posso estar, assim, tão à vontade, passeando em Paris”. Não me custava nada ficar calado. Sabem os leitores o que respondi:

“Pois encontrei, nesse instante, o Teotônio Vilella Filho que nem precisou perder a eleição para vir a Paris...”



Wilson Ibiapina conta que o avô, Pedro Ferreira, historiador da Serra Grande, nunca respondia à primeira pergunta que lhe faziam. Mesmo correndo o risco de parecer surdo, esperava que ela fosse repetida. Ao neto, explicava:

“Quando você ouve uma pergunta a primeira vez, medita. Fica pensando nas respostas que pode dar. Prefiro parecer surdo a responder logo da primeira vez”.

Ao tempo em que o falecido José Bonifácio era líder da Arena e o Geisel, tinha uma saída para perguntas embaraçosas dos repórteres. Como nos recebia à hora do chá, a uma indagação mais cavernosa, mais complicada, enchia a boca de torradas. Ou bolachas. Ficava mastigando enquanto pensava na melhor resposta.

Um dia destes, o “senador” Vieira Filho se virou pro Motinha e lhe pediu determinada página do jornal que ele lia:

“Me dá aí a seção dos que deixaram de beber e de fumar?”

Como ele não percebesse, de início, do que se tratava, Vieira explicou: “É a página do obituário”.

(06/12/92)

VAIDADE! TUDO É VAIDADE

O livro mais comprido que li até hoje foi *Feira das Vaidades*, de Tackeray. Um dia destes, vi outro bem menor *Vaidade, o maior dos vícios*. Não registrei o nome do autor. Decidi, então, reunir algumas historinhas curtas sobre a vaidade humana, tão malfalada pelo Ecclesiastes.

NOUS AUTRES, ALBANOS

Quando era menino e, isto infelizmente aconteceu muitos, muitos anos atrás, ouvia falar da opulência da família Albano, que, de Fortaleza, mandava lavar sua roupa doméstica em Paris. Tinha teatro nos fundos de sua casa solarenga, na Avenida Bezerra de Menezes, em cujo frontispício estava escrito: “Nous autres, les Albanos”.



OS CABOT E OS LODGE

Quase que como os Cabot e os Lodge, de Boston. Ali se dizia que os Cabot só falavam com os Lodge.

“Os Lodge?” perguntava-se.

“Estes só falam com Deus”

— era a resposta.

A CRUZ DE LORENA

Um vaidoso que deu muito que falar foi Charles de Gaulle. Ao final da 2ª Guerra, Winston Churchill andava tão apoquentado com suas exigências que observou, com perfídia:

“A cruz mais pesada que carreguei foi a Cruz de Lorena”
(era o símbolo da França Livre, de De Gaulle).

ROSA

A principal virtude do grande Guimarães Rosa não era a modéstia. Certa vez, tanto apoquentou a paciência de José Olympio para que publicasse coletânea de elogios à sua obra, que o editor se queixou impaciente:

“Rosa, você está me saindo pior que os meus dois Gilbertos”.

Gilberto Amado, o primeiro, viu, pela primeira vez em Santiago do Chile, o Oceano Atlântico e assim registrou o acontecido:

“É o encontro de dois grandes”. (Naturalmente, ele e o mar).

BUSTO, JAMAIS

Uma vez, no avião, peguei o *Diário de Pernambuco* e comecei a ler o artigo de Gilberto Freyre. Ante o primeiro parágrafo, quase caí pra trás o que, segundo Machado, é melhor que cair do quarto andar. (Ou é das nuvens?) O autor de *Casa Grande & Senzala* dizia que, em Pernambuco, sua terra, já se cogitara, muitas vezes, de lhe erguer busto em praça pública. Iguais vezes recusara. Parei, pálido de espanto, como diria o Bilac e gostava de citar o Nelson Rodrigues.

Freyre explicava, a seguir, o porquê da negativa:

“Não quero uma herma. Posso aceitar estátua de corpo inteiro, porque inteira tem sido minha vida de cidadão, de escritor, de homem público, como íntegra é minha obra científica e literária”.

O SILÊNCIO DE ÁLVARO

Há anos, muitos anos atrás, Crisanto Moreira da Rocha, fundador da Casa do Ceará, convidou o boêmio Renato Sôldon para almoçar, bem como Álvaro Lins, seu colega de Câmara e

continuador de sua obra. Sucedeu que Crisanto teve de sair, às pressas, antes da refeição. Ficaram só os dois. Sôldon falou pelos cotovelos. De si mesmo. Com fervorosa simpatia e escassa modéstia. Álvaro, que é um tímido, ouvia, ouviu e concordou com o interlocutor, com a parcimônia de monossílabos. No dia seguinte, quando Crisanto o encontrou na Câmara, comentou:

“O Renato ficou impressionadíssimo com tua cultura. Me disse: que rapaz mais culto. Inteligentíssimo. Nunca vi tanta vivacidade intelectual”.

Bom ouvinte.

Quando voltei de Lisboa, há alguns anos, fui visitar Lúcio Brasileiro. Conte-i-lhe a viagem e haver ficado encantado com a conversa do Tarcizo Azevedo que ali instalava restautante, o Forno Velho.

“Brasileiro, o Tarcizo é excelente papo” - sentencieei.

O amigo, que conhece minha vaidade e atura, há muito, com paciência franciscana, minha prolixidade, esclareceu:

“Não, Editor, ele não é bom conversador, não. É bom ouvinte. Excelente ouvinte”.

TEM LUSTOSA?

Quando concluía estas histórias, chegou-me Ubirajara Formiga, nascido como eu, em Cajazeiras da Paraíba. Perguntei-lhe:

“Estou escrevendo uma crônica sobre gente vaidosa. Tens alguma historinha?”

Ele, de bate-pronto, indagou:

“Entra algum Lustosa nesta crônica?”

(14/06/92)

O QUANTO MELHOREI

Nunca cheguei a jogar o sorvete na testa inclusive porque, no meu tempo de menino, ele vinha em taça de metal. Pelo menos, no bar Cascatinha, em Sobral, não havia as casquinhas de hoje.

Ao longo dos anos, devo confessar, evoluí muito. Já sei até abrir gaveta de bagagem de avião. E sozinho. Aprendi isso depois que entendi que push, ali escrito, não me recomendava puxar e, sim, premer, pressionar. Ainda não sei abrir, devidamente, aquele saquinho de plástico que contém os talheres. Também, não se pode ser perfeito. Não se deve aprender tudo duma vez. Senão, perde a graça. Não nos resta mais nada a acrescentar, em matéria de conhecimento, de curiosidade a satisfazer.

Segundo o ex-reitor Paulo Elpídio, ele somente encontrou alguém pior que eu em matéria de coordenação motora, o ex-governador Parsifal Barroso. Este, até pra fechar a porta do carro, fazia-o da maneira mais desajeitada, mais complicada possível.

Como ia dizendo, sem intenção de humilhar vocês, tenho melhorado muito. Sei até ligar o aparelho de televisão. Só não sei é ir atrás da imagem quando ela vai embora, nem da cor quando ela foge do vídeo.

Passei por maus momentos. No tempo em que viajava pro exterior, acho que foi em 1972. Passei noite de cão no King Minos Hotel, em Atenas. De calor sobralense. Ou senegalês. Tudo porque não soube ligar o ar-condicionado do apartamento. Só dia seguinte o descobri, o que não mais me adiantou nada.

É certo que não sei ligar o CD player pra ouvir os discos laser. Cantos gregorianos. Isto, porém, ocorre até com gente

mais moça. Um dia destes, no avião, o Wilson Aragão me contou que o filho dele foi passar temporada nos States. Antes de viajar, passou-lhe uma série de instruções sobre como manipular os aparelhos eletrônicos da casa. E ia perguntando: “Está entendendo, pai?” mesmo quando não compreendia, o nosso Aragão dizia: “sim”, temendo apenas que o mestre o submetesse a teste e o pegasse na mentira. Raquel não teve tais cuidados, ao viajar. Esperarei por ela, pra ouvir meus discos.

Quando morava sozinho, no Rio, vivi instante de desespero. Queria até morrer. Sabem, por quê? Porque a pia da cozinha do apartamento entupira. Deu-me aquele desespero que me acomete quando sou obrigado a encarar os pequenos desafios do cotidiano. Danilo Marques, que presenciou minha angústia, elegeu-a como símbolo de minha incapacidade de resolver problemas menores. Quando me vê, semblante preocupado, tenso, indaga:

– “A pia entupiu?”

Pode ser Q.I. baixo. É que também houve salto tecnológico vertiginoso. Taí a xerox. Sou do tempo da prensa manual para copiar documentos. A cópia saía, naturalmente borrada, da rudimentar máquina existente na Fábrica Santa Catarina, em Sobral. Agora, a xerox reproduz centenas de cópias, num abrir e fechar de olhos. Sem falar que o telefone engole uma delas, por segundos, e logo a remete pra Tóquio, Los Angeles ou Sobral. Pra mim, é milagre. Continua a ser milagre.

E o telefone? Sou dos que ainda falam, alto, ao telefone quando recebe chamada internacional, lembrando o tempo em que a gente queria se fazer ouvir, através do Atlântico. Recordo o sufoco que passei, quando adolescente. Chegou-nos o boato de que um tio se suicidara, no Recife. Seu Costa tinha a repartição a comandar. Coube-me tentar a comunicação com Pernambuco. Não sei quem recomendou procurasse o coronel Guanabara, acho que da Casa Civil do governador Parsifal Barroso. Passei praticamente o dia em sua casa enquanto ele, rá-

dio-amador, tentava, em vão, localizar algum conhecido em Pernambuco. Era dia útil. Todos estavam entregues à rotina. O que é certo é que a notícia não era verdadeira. Felizmente. Custou-me muito e, principalmente, ao coronel anfitrião, chegar a tal resultado.

HISTÓRIAS DE CHUVA EM TEMPO DE SECA

“A tarde bruscamente fez-se clara. Porque já cai a chuva minuciosa. Cai ou caiu. A chuva é uma coisa. Que certamente acontece no passado”.

(Jorge Luís Borges)

Nordestino, adoro chuva. Preciso de chuva. Gosto ainda, de vê-la cair lá fora, o nariz espremido contra a vidraça. É uma festa. Fico brabo da vida quando o noticiário da tevê, feito pros cariocas, fala de tempo ruim quando vai chover e a praia está perdida, pra eles.

Nunca esqueço. Era menino e passava pela Praça da Boa Vista em Sobral quando ouvi alguém gritar: — “O açude de dona Arolisa vai arrombar”.

(Soube depois, muitos anos depois que dona Arolisa não tinha açude. Devia ser o Júlio Coelho, que morava próximo). Do chão vinha um cheiro sensual, forte, inebriante da terra esperando a fecundação.

E os banhos de chuva, com meu pai, na rua, as bâtegas d’água despencando lá de cima, da boca dos jacarés do sobrado onde morávamos. A água barrenta escorria, pressurosa, pela coxia, rumo ao Acaraú, ávida do oceano. E o açude do sítio, onde passávamos o “inverno”, sangrando e eu, com outros meninos, no sangradouro, enfiando a mão imprudente em grotas e locas, perseguindo carás e muçuns?

A chuva não se reveste, porém, de romantismo para todos. Alguns a vêem como agravamento das dificuldades de seu

cotidiano. Um dia destes, numa loja do Conjunto Nacional, vendo o alvoroço da chuva vespertina espancando paredes e calçadas, comentei, com a caixeira, que me atendia, o quanto aquilo me agradava. Ela não subscreveu meu entusiasmo:

“O senhor gosta de chuva porque não tem de andar um quilômetro na lama até chegar à casa”.

Contive-me.

Na quadra chuvosa, Passos Porto, então senador, recebeu a visita de um prefeito do interior de Sergipe, ainda seu parente, a quem hospedou no apartamento. O alcaide saía da garagem do Bloco 309 para a garagem subterrânea do Senado e dali partia para luta. Quando foi na hora de voltar, o bom Passito indagou:

– “Prefeito, o que achou da vida de senador?”

– “Ser senador é bom porque senador não se molha”.

NOTÍCIAS DE SOBRAL (SOMOS ESCRAVOS DOS OBJETOS)

Somos escravos dos objetos. Vivemos muito carregados de coisas e de lembranças. Os americanos, não. São leves porque se mudam muito. Ou melhor, mudam muito de casa e de cidade por que são leves? Não sei. Os eleitores já prestaram atenção como é fácil, nos filmes, desfazer um casamento? Depois da briga, o cônjuge mais insatisfeito se manda. Joga as roupas em duas malas. E, também, um, no máximo dois porta-retratos que tira da cabeceira da cama. A câmara, então, o focaliza, de costas, saindo porta afora, conduzindo suas malas. Aqui, não. Há tanta coisa guardada, a separar, a dividir, que muita gente não se divorcia por causa da bagagem. E nem precisa casar. Certa vez, acabei um namoro mais demorado. Pois bem, foi necessária uma “Kombi” para resgatar os objetos que ia acumulando na casa da moça.

Sou escravo, principalmente de papéis, jornais, de recortes, de livros. Um dia desses, a mulher me intimou a me desfazer de um bocado de livros. Não tive coragem. Separei uma pilha. Não daria duzentos. E, ainda assim, fiquei olhando para eles, com saudades. Pior, porém, foi o caso do Sérgio Chacon. Foi convidado pela mulher, Alba, a queimar seu arquivo sentimental. O danado é um romântico. Pois não é que mantinha (mantém?) em casa, no fundo do baú, todas as cartas, as fotografias, os souvenirs das antigas namoradas?! Sua justificativa é de que considera tal patrimônio irresgatável porquanto integrante de sua história, de sua biografia. Não quer se desfazer dele. Não queria. Não sei se conseguiu manter, intacto, o arquivo de saudades.

Tenho amiga viúva que tem, exposto, na sala, imenso retrato do falecido que, segundo as más línguas, foi canonizado *post-mortem*. Em vida, nem era tão boa bisca assim, pelo menos pra efeitos externos. Para os internos, só ela pode depor. Um dia destes, aconselhei-a a arquivar, mais discretamente, sua saudade. A remover aquele ostensivo e vigilante testemunho para lugar mais remoto de sua casa quando lhe chegasse o noivo. Porque, puxa vida! Deve ser difícil pacas beijar alguém, tendo, diante de si, por cima do ombro dela, implacável, cheio de co-branças, o olhar do outro.

Quando cheguei a casa (por que todo o mundo, hoje em dia, diz: cheguei em casa, cheguei em Sobral, cheguei em Lisboa?), encontrei duas correspondências que muito me tocaram. Uma, me encheu de orgulho. Era do meu amigo Chico Marinho de Andrade, informando-me que a Casa de Sobral decidira, por vontade unânime de sua diretoria, me conferir o título de seu Sócio Honorário. Bacana pacas! adorei! Depois li carta do honorável senador Plínio Pompeu (de quem, na véspera, o ministro do Supremo, Aldair Passarinho, num jantar social, me falara) protestando contra a inserção da biografia de Deolindo Barreto no livro *Clero, Nobreza e povo de Sobral*. Não admite o jornalista nem como povo. O ideal era Craveiro Filho, diretor do jornal *Nortista* de Vicente Sabóia ou *A Ordem* de Ernesto Marinho de Andrade. É um documento apaixonado, produzido com elevação e dignidade. Chega a indicar outros representantes do povo, o que mais evidência do quanto meu interesse pelo endemoninhado Deolindo agride o patriciado da terrinha: "você acha que o povo só pode ser representado por um jornalista? Isso é natural, está no orgulho da classe, uma vez que você é jornalista. Mas Deolindo não era um jornalista e, sim, um pasquineiro e louco. Jornalista era Craveiro Filho, honesto, inteligente e honrado. Mas esse não serve porque não era contra a nobreza e o clero que, nessa lógica, tanto mal fizeram a Sobral. Mas, se você prefere assim, tinha outros, inclusive, Vicente Loyola, que era,

também, difamador mas não era louco, não obstante a balela de que fora arrastado à Justiça com um atestado de doença, fornecido pelo doutor Massilon, irmão do doutor José Sabóia”. Gosto de gente, assim, firme, corajosa, na defesa de seus valores como o senador Plínio Pompeu, beirando os 95 anos. Viva o duro jequitibá da ribeira do Aracaú.

(12/03/88)

MENS SANA

Os colegas de Seminário Franciscano, em Campina Grande, no comecinho da década de cinquenta, lembram-se de mim como aquele adolescente pálido que estava sempre fugindo da ginástica e do futebol para me esconder onde pudesse degustar os livros de aventura de Karl May.

A essa altura da vida, ainda não me rendi à tese do *mens sana in corpore sano* e bem que devia aderir ao programa de mau gosto de que fala e que pratica o ministro Luciano Brandão. Diz ele: “Haverá maior mau gosto de que acordar e sair para andar uma hora, sem destino?”

Nos tempos de repórter político, ouvia o senador José Sarney repetir Gilberto Amado:

“Os animais longevos não fazem ginástica”.

Realmente, jamais vi uma tartaruga fazendo halterofilismo. No entanto, elas vivem mais que o Barbosa Lima Sobrinho, isto vivem. Sei, por outro lado, que o ex - presidente tem sido visto, nos últimos tempos, dando suas longas caminhadas.

O certo, porém, é que o que serve pra alguns organismos não tem sentido pra outros. Narram as lendas que, ao se apresentar ao primeiro-ministro, Winston Churchill, o general Montgomery teria dito mais ou menos o seguinte:

“Sou o general Montgomery, tenho sessenta e cinco anos, não bebo, não fumo e sou fiel à mulher.”

Churchill, no ato, respondeu ríspido:

“Tenho sessenta e cinco anos, bebo fumo, namoro e sou seu chefe.”

E encerrou a conversa.

Hoje se sabe que o primeiro-ministro inglês podia ser exemplo pra tudo, menos por frugalidade. Jamais deu pelota pro racionamento nos tempos duros da guerra. Há quem diga que a coragem em subir nos encouraçados ingleses que, a qualquer momento, podiam ser bombardeados, tinha origem em componente químico. Até a hora do almoço, ele já ingerira um litro de gim e fumara não se sabe quantos charutos.

Sabe-se, com certeza, ainda que ganhou a guerra contra o vegetariano Adolf Hitler e morreu nonagenário.

O arquiteto Oscar Niemeyer, na plenitude dos oitenta e cinco anos, se recusa a qualquer esforço físico:

“Se posso estar sentado, não fico em pé. Em podendo me deitar, não permaneço sentado.”

O “senador” Vieira Filho é outro que descrê do esforço físico no sentido de garantir longevidade. Um dia desses, o ministro José Carlos Fonseca se surpreendeu ao ver que suas bicicletas ergométricas marcavam quilometragem zero. Advertiu-o:

“Senador, ciclismo é bom pra saúde.”

O dono da casa discordou:

“Se bicicleta fosse bom pra saúde, era vendida em farmácia como remédio.”

Vieira Filho descarta a possibilidade de começar a andar na boquinha dos setenta:

“Se andar fizesse bem à saúde, carteiro não morria.”

A VIDA É SIMPLES, OS FATOS, TAMBÉM

Dona Dolores se chateia quando vê os filhos virando cinquentões, alguns, às vezes, com estardalhaço:

“Vocês comemoram cinquenta anos e quem envelhece é a gente...”

Tenho até vergonha de contar. Em dezembro, fará trinta anos que recebi das mãos do reitor Martins Filho (ou não foi?) pergaminho atestando formação jurídica que estava longe de ter. É que deixei nossa Salamanca tão ignorante quanto lá entrei.

Há pior e eu conto. Costumo datar o início da minha vida profissional de agosto de 1954, quando estava tomando conta do Correio da Semana de Sobral, enquanto o gerente Adonias Carneiro fora à Fortaleza. Escrevi, à época, artigo sob o título “Um novo ator”, assinado com as iniciais L.C. Era sobre a ascensão de Café Filho à Presidência da República. Por aí se vê que faz um tempão que escrevo estas lorotas. Pior, há quem publique. E que até quem leia.

Acho que, na introdução do livro *O Direito de Matar*, de Olavo Oliveira, havia esta citação: “Sou claro porque não sou profundo”.

Assim sou. Raso que não chego às canelas. Isto não impede que, de em vez quando, tome o maior susto quanto à interpretação do que escrevo. Há quem identifique nas entrelinhas, insinuações diabólicas, razões maquiavélicas. É engraçadíssimo. Não dá para chorar. Só para rir.

No princípio do governo Figueiredo (ou foi no fim do Geisel?) pedi entrevista ao todo-poderoso general Golbery de Couto e Silva. Ele marcou data. Tudo bem. Aconteceu que,

naquele dia, rebentou greve no ABC em São Paulo. Quando foi recebido pelo bruxo da abertura, ele estava ao telefone. Praticamente não pôde conversar comigo, às voltas a todo instante com chamadas telefônicas. Ficou pra outra.

Antes de ir ao gabinete do chefe da Casa Civil, já escrevera para o *Correio Braziliense* artigo certificando a posição do comandante do II Exército na greve, o general Milton Tavares, que saiu publicado na 1ª página. Não faltou, porém, que, no gabinete de Petrônio Portela, me perguntasse se fora Golbery que me pedira para escrever aquela catilinária. Nesse tempo andava convencido de que ia derrubar, sozinho, a ditadura militar. Tanto que, ao encontrar o governador do Ceará, coronel Adauto Bezerra, no aeroporto, ouvi dele a pergunta: “O que é que você fez com o Miltinho, que ele está danado da vida?”

Se Golbery tem outros pecados, que os expie onde estiver. Não, porém, aquele.

Os fatos são menos inteligentes, menos complexos do que é dado à vã filosofia de muita gente. A existência é a cabeça das pessoas. Diz-se que Fruem, no fim da existência, já roído pelo câncer, não tirava o charuto da boca. Um discípulo quis um dia saber o porquê daquela fixação, a nostalgia do seio materno, alguma carência afetiva que ainda mortificava o criador da psicanálise. Ele desmontou a especulação inteligente respondendo:

“Tem certas vezes em que um charuto é apenas um charuto”. Ponto final.

Foi o que aconteceu a Luís Buñuel em “Esse obscuro objeto do desejo”. Começou o filme com uma atriz loura. Terminou com uma morena. Ou foi o contrário? Sei apenas que aquilo não escapou à perspicácia dos críticos. Cada qual mais inteligente que o outro, agendaram eles dezenas de interpretações para o fato. Até que um dia foram atrás do cineasta espanhol para que desvendasse tal mistério. Ele explicou muito simplesmente que a primeira artista rompera o contrato. Teve de substituí-la. Foi só.

Carlos Drummond de Andrade viveu muito. Era ao fim da vida, monumento vivo. Ambulante. Uma literata elaborou tese sofisticada sobre sua poesia. Ao ler o catatau, o poeta se surpreendeu:

“Não sabia que tinha escrito coisa tão complicada...”

(26/07/92)

UM VENCIDO NA VIDA

Você, de quando em vez, é levado a um balanço existencial e, se não é um megalômano, um daqueles loucos de todo gênero de que falavam os códigos, descobre que é um vencido da vida a que se referia Eça de Queiroz. E como no *Torso Arcaico de Apolo* de Rainer Maria Rilke há de concluir: “Força é mudares de vida”. Foi o que pensei logo após haver aberto o peito ao bisturi do curioso atento cirurgião parisiense. Supus-me, por um instante, curado, para sempre, do jornalismo. Devia tentar ser, enquanto ainda vivo, alguma outra coisa. Quando, baseado em tal impressão, iniciei em casa a disposição de aposentar as chuteiras, ouvi protestos inconformados de Sara e Carlos:

“Pai, e quando perguntarem a tua profissão, o que vamos dizer? Aposentado?” Era tal a exasperação que me rendi ao clamor. No fundo, eu me enganava, percebi que mentia a si mesmo, tal o tesão com que recomecei. O interesse com que escrevo a coluna, as vezes em que escrevo (depois da imprensa por serem ainda muito complexas minhas relações com o computador. A revisão mesma só vale quando feita no papel, não no visor do Pentium), a correria com que vou buscar o jornal, nas bancas da estação rodoviária, o amofinamento, a melancolia, a fossa em que fico quando ela não sai publicada. Descobri, redescobri o quanto amo a profissão. Hei de morrer (não precisa ser logo) jornalista. Antes assim. Por que, fora isso, o que consegui ser? Síndico do prédio? Vereador? Inspetor de quartirão? Membro de um júri? Nada disso fui. O que salva é que em torno de min o êxito floresce e como floresce!

Paulo Elpídio, amigo desde a venturosa tarde em que nos conhecemos no cursinho de pré-vestibular, virou magnífico Reitor. O Lúcio, a quem vi, vez primeira, acadêmico de Medicina na antigamente chamada Rua do Ouvidor, pai da pátria. Um senador que, de vez em quando, me visitava, aparecia aqui em casa para conversar de literatura e contar causos ele que é excelente contador de histórias, o Sarney, foi presidente da República. Durante cinco anos, este pobre homem do beco da Piedade teve o primeiro magistrado da Nação soprando velas no dia de seus anos. Aliás, estava ele vice-presidente, trabalho para cinco anos bonançosos. Simples como sempre, incapaz de se deslumbrar com o poder, jantou conosco dia oito de março. A maioria dos Lustosas fumava tanto que, para poupá-lo da poluição, troquei de lugar com ele. Dia 11, ele e Marly telefonaram, dando-me parabéns pela iminente nomeação de Paulo para ministro da desburocratização. Dia 15, acontece o que todos sabem. O inesperado fez uma surpresa e lá tive eu, por cinco anos, um presidente leal amigo, fiel à família, à terra natal e ao País...

Por esse tempo, brincava com Marco Maciel, dizendo que torcia também para que chegasse a presidência, só para ouvi-lo parar para o cumprimento amigo e perguntar: "Lustosa, e a família, como vai? É outro ainda vai ser manchete da primeira página por muito tempo.

Outro dia, dou de cara com Luiz Carlos Bello Parga -, um companheiro de festas e noitadas, nos cinco e seis anos em que morou no Ceará e que, por último, se ocupava em traduzir poesias inglesas. Pois não é que a Pátria o foi recrutar em seu remansosa Tebaida para compor o Senado por muito tempo?!. Logo engatamos um desses papos que enriquece a gente sobre Camilo Cela, Otávio Paz, Jorge Senprum, Jorge Luiz Borges de deixar muita gente com inveja.

Assim crescem os amigos. Há outros de que muito espero. Inclusive por gratidão gastronômica. Um me paga o jan-

tar no Café Versailles, em Lisboa. Foi o José Saramago. Outro me ofereceu o rango num velho restô chinês da rue de Sommerard que frequenta desde rapazinho, o Jorge Amado. O mínimo que deles quero é Saramago e Jorge ganhem o prêmio Nobel de Literatura. De Deus o que peço é estar vivo e em condições de ir a Estocolmo bater palmas a estes dois iluminados plagiários de Deus. Assim os chamo. Porque o que é romancista senão um cara que cria o mundo e o povoa, feito o Senhor?!

Dando assim um balanço na vida, chego a um saldo melancólico. Um cearense, na década de quarenta, escreveu, em seu cartão de visita: fulano de tal, ex-passageiro do Itambé. Era o nome do navio que o transportara ao rio que visitara só uma vez. Pois bem, meu currículo é esguio, magérrimo. Nunca fui, sequer síndico do meu prédio, inspetor de quarteirão nem passageiro do Itambé. Era, até um dia desses, tenaz consumidor de Old Parr. Hoje, até desse prazeroso e nobre hábito ando de licença. O que sou mesmo? Dizia Voltaire que, quando você não é nada na vida, pode consolar-se pensando que é contemporâneo. Pois é, assim, sou eu um contemporâneo e até amigo de tanta gente qualificada demais para minha insignificância.

(04/02/96)

VAIDADES E VELEIDADES; O SACRIFÍCIO QUE TODOS QUEREM

“Não sei o que vai ser da Fulana e dos meninos quando eu morrer. Não sabem dar um passo sem mim” é o que muito marido e pai costuma dizer. Besteira. Pura vaidade. Mania de se conferir importância. Se você desaparecer, azar somente seu. Ninguém faz falta a ninguém. É claro que o pessoal vai chorar, até porque é de praxe. Depois, terá o pranto amenizado pelo recebimento do seguro que será polpudo. Afinal, de todos de casa você é o único defunto de futuro. Prós herdeiros. Depois, todos vão a luta. E talvez melhor do que antes porque terão de explorar suas virtualidade, mostrar raça, peito, disposição de luta. Ninguém será tão amigo para ir no caixão contigo, podes crer.

A gente se dá muita importância. Acha que é o centro do mundo. Taí o caso daquele amigo de Tancredo Neves que o rondava, insistente, pertinaz, por um lugar no governo. O político mineiro fazia que não estava percebendo e ia montando, aos poucos, o organograma de sua administração, sem ligar pro correligionário. Até que este se fingiu incomodado e tentou a cartada final:

– “Tancredo, não agüento mais. Todo mundo, sabendo de nossa amizade, anda atrás de mim, perguntando se já fui convidado para seu secretariado. Não sei o que faça”.

O pessedista ouviu-o sem pressa e não se apertou:

– “É simples. Diga que foi convidado e não aceitou”.

Tenho conhecido que se julga detentor de segredos de Estado. Acha-se a própria caixa preta da Nação. Por isso, somente fala aos sussurros, depois de olhar prum lado e pro outro

porque tem a impressão de que o mundo inteiro se encontra interessado no que ele diz, no que vai fazer.

Outro é capaz de pisar no pescoço da mãe pra sair no jornal. Não pude dar um suspiro sem pedir nota a colunista amigo. Pois bem, um dia desses, me dizia com a maior cara de pau do mundo:

– “Eu por exemplo, não entendo o destaque que a imprensa me dá. Acho verdadeiro exagero”.

Na ditadura militar, a disputa pelo poder era feroz. sangrenta briga de foice em quarto escuro. Era matar ou morrer. Pois bem, depois de esfaquear até a morte os outros concorrentes, o vencedor vinha a público dizer. Sabem o quê? Que “acredita a missão” que lhe fora confiada.

O poder tem, pelo menos, duas faces. A de antes. A de durante e depois. Quando se encontra distante, quando queremos alcançá-lo tudo fazemos para conquistar o favor do príncipe. Aí o cara dá a vida, a mulher, a filha, a honra, a saúde pra chegar lá. Não se poupa de nenhum sacrifício, não foge a qualquer vilania. Quando chega lá, passa a ver (ou mostrar confesso não sei) a outra face do poder. Aí só se fala do penoso sacrifício que está fazendo pelo Presidente, pelo Governador, pelo Prefeito. E, acima de tudo, pela pátria. Ele que sempre viveu de mixo ordenado, passa a dizer que ali, está perdendo dinheiro. Ganharia mais, muito mais, se estivesse na iniciativa privada. Estaria rico. Convince-se tanto disto que, ao final do exercício do cargo, não se lembra de quanto se rebaixou, bajulou, puxou o saco do chefe para ocupar o cargo. Passa falar de quanto lhe serviu, do quanto lhe foi útil, do que outro lhe deve pela ajuda.

Quando ouço o cara, naquela poltrona do poder, se queixando de que está ali perdendo dinheiro, sacrificando a família, estragando a saúde, dá-me vontade danada de perguntar: “Por que não renuncia? Por que não pede demissão?”

Gostava muito do papo do saudoso Luiz Vianna Filho, cujos “causos” ia ouvir em seu gabinete. Ex-chefe da Casa Ci-

vil da Presidência da República, governador da Bahia como o pai, amava o poder e não negava, como alguns o fazem. Não tolerava aquela história de falar da cadeira do Chefe do Executivo como cama de faquir, cheia de espinhos e o dizia:

– “Se a cadeira do governador tem espinhos, eles devem estar voltados pra baixo porque Não os senti, não...”

No Estado Novo, o grande escritor Gilberto Amado fez tudo que pôde para ser nomeado interventor de sua Sergipe. Ele que tanto “chaleirou” (dizem que desse tempo veio a expressão, do pessoal que pegava no bico da chaleira para saber se estava quente, no ponto, para o chimarrão do caudilho gaúcho Pinheiro Machado) na Pátria velha, caprichou na Nova República. Puxou ao máximo o saco do ditador Getúlio Vargas com este objetivo. Expunha, todos os dias, os seus grandes projetos para o Estado, sem conseguir convencer o Presidente. terminou percebendo que não ia conseguir seu objetivo. Assim, uma tarde, no Palácio do Catete, Vargas lhe perguntou sorrindo:

“Gilberto, para que tu queres mesmo governar Sergipe?”

Aos berros, o escritor respondeu:

– “Pra roubar, pra roubar, pra roubar, Presidente...”

Vargas deu uma gargalhada e encerrou o assunto.

(23/04/92)

O INSUPERÁVEL ENCANTO DOS LIVROS

“Uma forma de felicidade é a leitura.”
(Jorge Luís Borges).

O mundo encolheu. Virou aldeia global. Digo isto e não apenas pelo fato de haver podido comprar graviola, macaxera, batata doce, rapadura, feijão verde em Paris, não. Porque, tudo que tem aqui, a gente procurando, encontra lá. E não só em matéria de gadgets, de quinquilharias eletrônicas, de milagres da informática. O mundo ficou pequeno. Um dia desses, fui, com dona Dolores, a Sobral, matar saudades. Lá o Clever Rocha que trabalhou com “seu” Costa no antigo IAPC, não tendo mais com que a presentear, deu-lhe uma caixa de sabonete chinês. Viajado, globe-trotter, Marco Polo dos sabonetes, teve de vir da Ásia, transpor oceanos e continentes, passar duas vezes pelo Arco do triunfo de Sobral para chegar até a penteadeira da matriarca do Beco da Piedade.



Pago TV por assinatura. Assegura-me acesso a quarenta e três canais. Ou são 45? Quantas horas tem o dia para que possa ver, assistir a programas de quatro dezenas de estações de televisão? Tomo o controle eletrônico e me posto diante do canal francês matando saudades da Lutécia. Divirto-me com a tevê de Portugal. Os meninos se fixam na americana. Tudo aqui em casa. A informação mundial a domicílio. Lembro os tempos difíceis de Sobral em que a precária energia da usina do Oriano Mendes

nos permitia a escuta de emissoras do Rio, afetadas por ruídos e descargas perturbadores.



Jorge Luís Borges fala de um das cartas de Sena a Lucílio em que ele se refere a um indivíduo vaidoso do de seu tempo que acumulara populosa biblioteca: “E quem - indaga Sêneca - pode ter tempo para ler cem volumes?”

Em Sobral, monsenhor Sabino Feijão era conhecido pela numerosa e sortida biblioteca que suscitava suspeitas de não ser toda de seu conhecimento. Mons. Gonçalo Eufrásio, sardônico como sempre, assim se referia a seus livros: “São as onze mil virgens do Feijão...”

Lembro, a propósito, a estória do nobre francês, assombrado diante da biblioteca dum intelectual e registrando que ele não teria condições de ler todos os seus livros. Resposta que ouviu em tom de pergunta: “E o senhor usa toda a sua porcelana?” Cada um acumula a riqueza que pode. De que gosta.

Por mim já decidi. Se ganhar na Sena, meu sonho de consumo é adquirir novo apartamento para lotar de livros. De cima abaixo. Até o teto. Livros que li, lerei e também de livros que nunca terei tempo nem o prazer de ler.

Tenho, a propósito um amigo, que, como os que passaram dos cinquenta, morre de medo de morrer. E dá seus motivos: “Tenho medo de morrer sem ter tido tempo de ler tanto livro bom”.



De Curitiba, telefona o amigo Norton Macedo. Quer saber o que fazer para me mandar recado pelo fax. Está só, pois o secretário faltou ao escritório. Ignoro o que devo fazer, o que ele deve fazer. Já me considero muito capacitado, um cientista

por saber liga a tevê e computador, sozinho. Não devo me estar aprendendo até a operar o fax. Peço-lhe que, desta vez, diga a mensagem, pelo telefone. O fax fica para quando da chegada do empregado ou quando meus filhos estiverem em casa. Ele me pergunta pelas fotos que tiramos no Pavillon Montsouris, restaurante fundado em 1889, no parque do mesmo nome, à beira do lago ensombrado por castanheiros de flores cor de ouro velho onde passeamos depois de ele me oferecer o rango. De me poupar da comida do Calabouço lá de Paris, a Escola que freqüentava com tanto gosto. E em cuja cantina matava a fome, em companhias tão prazerosas. Por conta das greves do serviço público francês, não chegaram. Talvez se tenham extraviado. Lembro o almoço luxuoso e lhe conto que, aqui, aos domingos, antes de comprar a maçaroca de jornais do sul, às vezes, vou à padaria para consumir pão com ovo. De que gosto. Cada coisa no seu tempo. Cada refeição, com seu prazer. Ora, o divino coelho do restaurant gastronomique do Pavillon Montsouris. Ora o pão com ovo da padaria da Super Quadra Sul 105, aqui em Brasília. Mereci ambos.

A ARTE DE FURTAR

A pressa e sofreguidão de Collor e PC têm explicação na síndrome do colonizador português. Ao contrário do que foi pros Estados Unidos para ali se estabelecer pro resto da vida, o que veio pro Brasil tinha objetivo exatamente inverso. Queria pilhar a maior quantidade de riquezas, no mais curto espaço de tempo para usufruir delas, na corte. De volta à mãe pátria.

A quadrilha veio de Alagoas, extrapolou, violou as próprias regras do capitalismo, exorbitou, inviabilizou a corrupção, matando a galinha dos ovos de ouro. Excedeu-se.

Sempre se roubou. No Brasil e no mundo. Com mais discrição. Parcimônia.

No período colonial, a roubalheira deu assunto a um livro, um manual, cuja autoria foi atribuída ao padre Antônio Vieira: *A arte de furtar*. Ao longo do tempo, tal arte foi aperfeiçoada, desmantelando-se, porém, com a dupla FC e PC.

Mal chegamos à independência, a coisa não mudou. A Felisberto Caldeira Brant, o futuro Marquês de Barbacena, se atribuiu grossa maracutaia, tanto na negociação de dívida externa, herdada de Portugal, com a City londrina, quanto nos gastos com o casamento de Pedro I. Conta-se que, quando o Imperador renunciou, um de seus ministros, homem pobre e probo que vivia dos rendimentos do emprego, ficou desolado. Desesperou-se. Com as mão na cabeça, procurou o Imperador resignatário para lhe expor sua angústia. Pedro I, virando-se para ele, como que o exprobrou, dizendo-lhe:

“Por que não fez como o Marquês de Barbacena, que roubou?”

O primeiro presidente da República, o ínclito Deodoro da Fonseca, ficou furo da vida e renunciou ao lugar porque não pôde dar, a um empreiteiro amigo, a construção do porto, acho que no Rio Grande do Sul. A esta época, o ministro da fazenda era o preclaro Ruy Barbosa cujo cunhado se gabava para todo o Rio de Janeiro ouvir, das grandes tacadas que dava na bolsa.

É sempre assim. As coisas não mudam muito. O que surpreende, em nossa época, é o voracidade dos gatunos. É o descaró. A desfaçatez com que os tentam o produto do roubo. Antigamente, havia discrição. Muita discrição.

Na república, manteve-se o comedimento. A discrição. Cito, a propósito, como ilustrativo, episódio acontecido a jovem médico, depois deputado estadual cearense, Deusimar Lins Cavalcante, no Rio. Ali enturmou-se com o grupo do carteadado do Jockey Clube. Boa praça, fez-se logo estimado. Pois bem, calhou que, certa noite, estava na mesa do jogo do prefeito Mendes de Moraes, construtor do Estádio Maracanã. Naquela oportunidade, Deusimar estava com uma sorte danada. Não perdia uma. Ganhava partida por cima de partida. Registrava-se o desconforto do alcaide. Pois bem, o general mordida, nervoso, o charuto apagado. Depois, passava a praguejar. A princípio, baixinho. Depois, em altas vozes. Para que todos ouvissem. Aí, quem passava mal eram os parceiros. Quando Deusimar teve de ir ao W.C., foi abordado por um deles, aflito. Aliás, aflitíssimo. Pedia-lhe para parar.

“Parar como, se estou com uma sorte danada?”

Ele garantiu que sua sorte continuaria. Longe da mesa. Seria totalmente indenizado do que poderia vir a ganhar, até o fim da noite. Deusimar não entendia nada. Até que lhe esclareceram:

“Doutor, é que somos empreiteiros do Maracanã. Estamos construindo o estádio e não queremos, por nada no mundo, desgostar o general”

Deusimar pediu o boné, foi jogar noutra freguesia e Mendes de Moraes, imediatamente, recuperou a fantástica sorte que tinha no jogo. Com o golpe militar de 1964, estripou-se a corrupção na vida pública brasileira. Não pra remédio. Foi um saneamento geral. E o governo passou a andar rápido, bonito, como os trens italianos na época de Benito Mussolini.

Para COHAB de Pernambuco, foi nomeado general que, em pouco tempo, pôs tudo nos eixos. Um empreiteiro, Lynaldo Medeiros que, mais tarde, ficaria famoso por conta de suas travessuras à frente do Grupo Lume, trabalhava para a COHAB. E já era cético. Não acreditava em que, com o verde-oliva no poder, o país se tivesse transformando tanto, a máquina administrativa andasse rápida como nos Estados Unidos. O incrível tinha a mania de duvidar do general-presidente:

“Duvido que minha fatura saia antes do dia 30, dizia em tom de desafio”. O brioso cabo de guerra não deixava a peteca cair: “Quer apostar?”

Lynaldo, teimoso, apostava 10 até 15% sobre as faturas. Perdia todas as vezes. Para deixar de ser besta. E pra acreditar mais na revolução.

20 ANOS DE BRASÍLIA

Quando publiquei *Fortaleza, meu amor*, Carlos Eduardo brincou: “Pai, depois de *Sobral do meu tempo*, *Fortaleza, meu amor*, vai ser *Brasília, minha namorada*?”

Não sei o que respondi ao caçula. O certo é que Deus me conferiu o privilégio de amar as cidades em que vivi. Delas não saí tangido pelos cobradores nem pelo meirinho, graças a Deus, e, sim em busca de mais espaço para desenvolver meu trabalho.

Deixei Sobral, após o primeiro ano científico, movido por inquietações intelectuais que me levaram a participar da publicação de dois jornalecos, *Clarim*, com João Alberto Mendes Bezerra e *Idealista*, com Aldo Melo e de trabalhar algum tempo no *Correio da Semana*. Como já contei, muitas vezes, à época do suicídio de Getúlio Vargas e posse de Café Filho na Presidência da República, estava no comando deste último. Coube-me fechar a edição, na ausência do gerente Adonias Carneiro.

Em 1974, havia comandado, ao lado de Dorian Sampaio, três edições do Anuário do Ceará, uma delas que esperava, comigo mesmo, fosse a última, de quase mil páginas. Ganhávamos bom dinheiro e desenvolvíamos razoável trabalho de pesquisa, além de nossa presença na tevê e nos jornais. De repente, achei que andava à procura de algo mais, aquela confortável rotina ia-me levar à estagnação e decidi me picar, sem nada avisar ao sócio. Antes, passei uns meses aqui em Paris, num apartamento de sexto andar na rue de Montparnasse, sem elevador, pra me desarmar, não chegar tão chucro à capital da República.

E foi, no segundo dia de dezembro de 1974, numa segunda-feira, que desembarcamos no aeroporto internacional de Brasília, onde Gláucia, então casada com Fernando César, nos esperava com um buquê de lindas rosas. Fernando já me conseguira, com Carlos Chagas, lugar na sucursal de *O Estado de São Paulo* e apartamento provisório onde me alojar do qual involuntariamente “expulsei” outro que se tornaria também excelente amigo, Sérgio Chacon. Já lá se vão vinte anos. Os Mesquita precisaram de 14 anos para descobrir que eu não servia. Assim “caí” com toda a equipe quando Chagas deixou o suave comando. Tão ameno que uma das colegas daquele tempo, Hebe Guimarães, que passou longa temporada na Europa quis-nos reunir numa festa das “viúvas de Chagas”, para a qual obteve adesão pressurosa de quantos trabalharam com ele naquele tempo.

Quando tentava vir morar em Brasília, sobreveio o golpe. Lembro-me de haver escrito vários artigos contra a sedição e a gorilada, que foram assinados por Alberto, irmão já falecido, à época jornalista conhecido na capital. Por conta disso, ele entrou no chamado IPM do Arcebispo, instaurado contra os que, que nem dom José Newton, se haviam pronunciado em defesa da legalidade, através dos microfones da Rádio Nacional. Dez anos depois, assisti à interminável agonia da ditadura militar, à eleição e à morte de Tancredo Neves e à deposição de um presidente, acusado de corrupção (lembro, a propósito, haver levado Carlos Eduardo a ver o plenário do Senado convertido em Tribunal. Àquele instante, em que lá entramos, discursava o austero Antônio Mariz).

Em Brasília, no tempo do Oliveira Bastos, escrevi coluna no *Correio Braziliense* a que dei (e devo) a divulgação de meu nome na Corte. Aqui se criam meus três filhos da segunda ninhada, a primogênita Raquel, já cursando escola superior, ganhando seus trocados como professora de inglês, a bela Sara, iluminando, com seu sorriso, os crepúsculos de domingo do

Gilberto Salomão. Fiz muitas amizades - o que sempre acontece onde quer que vá. Liguei-me tanto à cidade, embora costume dizer que moro mesmo é no Congresso, na Câmara e no Senado e não no Plano-Piloto - que só a trocaria, hoje em dia, por Paris, o que ora faço. E assim mesmo temporariamente. É tal a afeição que lhe voto.

Só me falta, agora, perpetrar o livro sobre a capital que ainda não conheço bem, circunscrito que tenho vivido ao mundo político. Vou saber do Carlos, como o batizo: *Brasília, meu xodó* ou *Brasília, meu maior amor*? Afinal, em seu chão passei o período de tempo mais comprido de minha existência.

(12/03/95)

ENTRE O CÉU E O INFERNO

Encontrava-me no exterior quando partiu Cláudio Martins, cartorário, professor, poeta, *bon vivant* que foi embora sem que pudesse tomar a última com ele. Digo isso por que muito curti seu uísque dos sábados no casarão da rua Dr. José Lourenço. Também em sua companhia bebi na casa de Milton Dias, ali na praça da Escola Normal onde a cadeira de balanço era seu posto sagrado e que ele não gostava de encontrar ocupado. Ficava amuado, saía mais cedo se algum aventureiro houvesse tomado conta dela.

Em sua casa, o uísque era bom e generoso como seu coração. Às vezes, brigava com amigos, explodia, ficava de mal, jurava que era pra sempre. Passada a raiva, pedia desculpas, reatava a amizade. Principalmente com o poeta Otacílio Colares com quem sorvia scotch rixento dos sábados. Eles implicavam sistematicamente um com o outro, era um hábito, um vício, uma mania. Discutiam acaloradamente, trocavam ofensas, Otacílio ia embora para nunca mais voltar. No sábado, encontrávamo-los reconciliados partindo para novas polêmicas.

Para agüentar a barra do marido boêmio, Irene se refugiava no cursilismo, na fé. Às vezes, os dois recebiam grupos de amigos no mesmo dia. Ante o clamor das preces ouvidas sob seu teto, Cláudio brincava: “Às vezes, tenho medo de que, com as rezas da Irene, a casa suba aos céus comigo dentro”. O secretário Johnny Boy, à porta da casa, era encarregado de separar o joio do trigo. Apontava o destino de cada convidado. Uns para o caminho do Céu. Outros do pecado. Uma vez, Cláudio recebia Jorge Amado, o das mulatas, da alegria de viver, do pecado.

Johny, no posto, apontava a cada um o território de sua conveniência. O pintor Floriano Teixeira, não se sabe se por erro ou molecagem foi pro lado dos bons, dos sem vícios, dos cursilhistas. Logo, porém, arrenegou. Voltou à senda do crime.

Foi-se embora Cláudio Martins, amigo dos amigos, do uísque, duma boa rodada de conversa, capaz de iras terríveis e enternecidas gentileza. Só destas fui alvo e as lembro com saudade.

DESPERTAVA TANTA INVEJA QUE RECEBIA ATÉ CARTA ANÔNIMA

Há muito tempo, fui contratado para fazer a campanha eleitoral de um milionário. Tinha de bolar toda a sua propaganda, redigir notas para a imprensa sobre as andanças do candidato, escrever seus discursos e fazê-lo ler tais peças antes de ir ao palanque. Lembro-me dele, gordo, pesado, cansado, no fundo da rede, sem jeito de pronunciar Getúlio Vargas. Sempre comia o “i” de Getúlio. Foi uma trabalhadeira danada. Ao fim da mesma, pude adquirir meu primeiro “fusca”. Longe estava de supor que tal compra molestasse tanta gente. Alguns colegas espalharam que fora presente de Carlos Jereissati. Como Lúcio Brasileiro adquirisse seu Dauphine, à mesma época, diziam que fora doação de José Dias Macedo. Infelizmente, não era verdade.

RISCOS NO CAPÔ

Toda a noite, ia jantar ao restaurante do Ideal, hábito que espero manter pela vida afora, apesar (ou talvez por causa) das mudanças que ali se fazem. De madrugada, ia pra casa. Algumas semanas, após ter carro novo, pude ver, pela manhã, já em casa, o estrago que haviam feito nele. Alguém, com um prego, riscara vezes o capô com insinuações (tinha era certeza) sobre minha masculinidade. Apesar do conserto, elas ficaram para todo o sempre, como registro da inveja alheia.

DEZ ANOS

Vim pra Brasília, em dezembro de 1974, trabalhar em *O Estado de S. Paulo*, graças ao Fernando César. Fui cobrir os tra-

balhos do plenário da Câmara. Estava, uma tarde, batucando minha Olivetti, quando chega o Edson Lobão, me convidando par ir a S. Luís para as festas de comemoração dos 10 anos da eleição de José Sarney para o governo do Maranhão.

Aceitei, desde que o Carlos Chagas, chefe da sucursal, autorizasse.

Houve o “sim”. Foi assim que tive o primeiro contato, mais demorado, com o ex-presidente.

NA ARENA

Logo depois, fui designado para cobrir as atividades da Arena, depois PDS. (Era assim, setorizado o jornalismo político). Sarney foi escolhido presidente do partido oficial. Por razões profissionais, nosso contato se tornou diário. E foi, aos poucos, ficando afetivo, amigo. Gostava de convidá-lo e a dona Marly para irem lá em casa. Nada de conversa sobre negócios, política.

SÓ LITERATURA

Girou a roda do destino e o fez presidente da República. Não ia romper com ele, por conta disso. E era grato a meu coração ter o amigo, cantando “Parabéns pra você” nos 10 de setembro.

INVEJA

É claro que isto doía em algumas pessoas, como ofensa pessoal. Um conhecido, destes que têm aftas na alma (afta não é doença grave, mas incomoda muito, azeda a vida do cara) e que, a cada vez que encontrava não resistia. Sempre tinha uma espécie de crítica a me fazer:

“Um cara me disse que você era puxa-saco do Sarney”.

De besta, eu ficava mordido:

“Puxa-saco é ele que vai ao aniversário. Eu não vou ao dele porque coincide com o do seu Costa”. Um aniversário a 23 de abril. Outro, no dia seguinte.

INVEJA II

Havia quem, nos jornais, recrudescesse as críticas ao governo, depois da comemoração de cada aniversário meu. A secretária do presidente, a saudosa Vera Sabará, percebia o nexo entre a visita do presidente a meu apartamento e os ataques que ele passava a receber de articulistas amigos:

“O presidente paga caro por estes teus aniversários”.

CARTAS ANÔNIMAS

É claro que, em algum tempo de minha vida, a alguns dei a ilusão de ser vitorioso, bem sucedido e isto gerava inveja, cartas anônimas, automóvel riscado.

Foi quando pareceu que eu ia ser alguma coisa na vida.

Como não dei pra nada, não fui, deixei de despertar inveja, tranqüilizei os ressentidos. Não mais causei mal-estar, aftas na alma de quem se preocupava com meus passos.

OFENSA PESSOAL

O Tom Jobim costuma dizer que o sucesso, no Brasil, se constitui ofensa pessoal a muita gente. É porque não deu. Se me fosse dado escolher, preferia me invejassem a que tivessem pena de mim.

MATAR A VACA ALHEIA

Com a Revolução Comunista, veio a socialização de todos os bens materiais. Tudo passou a pertencer ao Estado. Pelo menos, no início, porém, foi permitir a cada camponês manter sua vaca. Pois bem, veio um inspetor de Moscou a uma aldeia remota, saber como iam as coisas. Lá no final da rua principal, moravam dois camponeses. Um tinha sua vaca que lhe fornecia leite para alimentação, até para um queijinho bissexto. O outro não tinha vaca nem bezerra e sofria terrivelmente com a situação do outro. Quando o inspetor quis saber como ia, se tinha algo a reclamar contra a nova ordem, ele negou, de cara amarrada. O inspetor quis saber qual a razão de seu amuo. À certa altura, ele apontou na direção do quintal vizinho e pediu:

“Mate aquela vaca”.

(1992 e 1998)

SAPATOS NOVOS

Crônica se presta a muita coisa, às vezes. O que pode interessar, por exemplo, aos leitores, contar-lhes que abri dos peitos e comprei um par de sapatos? No entanto, o cronista tem o descaramento de tomar o precioso espaço do domingo de vocês para lhes falar de acontecimento tão chão. Pois bem, os sapatos novos me constroem os pés. Estão apertados. Sabem os leitores, por quê? Porque a indústria de calçados importa modelos da Europa que não têm a ver conosco. Os nossos antepassados próximos estavam até um dia desses trepando em pé de pau na África ou correndo, descalços, os Peris e as Iracemas por nossas campinas. Como podemos, assim, ter pés finos, educados como os da gente do Velho Mundo que anda calçada desde os tempos dos Césares? Ou mesmo antes?

A IMPORTÂNCIA DO “SEXTA-FEIRA”

Casado deve viajar acompanhado. Por muitas razões. Uma delas: senão, não tem a quem culpar pelos erros que comete. A quem, em tais transes, vai dizer a famosa frase: “Eu não disse?” No meu caso, acresce a total incapacidade de resolver miúdos problemas de rotina. Vocês precisavam ver minha aflição no hotel para colocar lâmina (Eles ainda chamam gilete como nós, antigamente) no barbeador que precisei comprar. Recorri a Deus e ao mundo para obter êxito. Pior, foi ter de romper o lacre de plástico que colocaram na mala. Apelei para a força física, em vão. Depois para a tampinha da garrafa de água mineral. Para a lâmina de barbear. Foi um desespero. O certo é que disse para mim mesmo por mais tenebrosas sejam as especulações que vocês, porventura, façam em torno de minhas tendências: se virasse um Robinson Crusoe, imediatamente ia atrás de uma “Sexta-feira”. Ou de um Sexta-feira. Logo encontraria quem desatasse o lacre da mala, quem me ajudasse a colocar a lâmina no aparelho de barba. Não encararia, sozinho, a realidade em seus aspectos triviais, menores.

SEM DINHEIRO NA EUROPA

Sou do tempo em que se viajava para o exterior com direito a comprar apenas mil dólares. Todo o mundo, então, apelava para o câmbio negro. E levava o dinheiro escondido porque, no fundo, se tratava de ilegalidade geralmente tolerada. Ninguém gastava apenas mil dólares. Era uma hipocrisia. E como carregar dinheiro era arriscado, uns o distribuíam em vários bolsos, várias malas e esconderijos diversos como

fazia Gilberto Amado no começo do século. Uns usavam uma bolsa na cueca. O então senador Lourival Batista, uma vez em missão parlamentar em Caracas, se descuidou e mandou, entre outras, a preciosa peça íntima a lavar, contendo os dólares da viagem. Quando se deu conta, a cueca já estava na lavanderia onde ele, a duras penas, (de que não é capaz um conterrâneo de Tobias Barreto?) a encontrou e recuperou o precioso dinheiro. Depois, porém, que se liberou o cartão de crédito internacional, ficou bem mais fácil viajar no exterior. Passei mais de um ano na Europa, recorrendo pouco a cheques. Quase somente utilizando o Visa, fornecido pelo Banco do Brasil. Com ele, vivi em Paris, viajei pela Bélgica, República Checa e Irlanda.

CARTÃO CICLOTÍMICO

Agora mesmo quando ia a Portugal, alguém me advertiu para a bobagem que seria adquirir dólares para trocar por escudo pagando as taxas de duas operações. Levei meus cartões de crédito e somente o equivalente a duzentos reais em moeda portuguesa. Lá me virei com o Visa. Acontece que fui ao cinema e, para fugir do calor lisboeta, coloquei o paletó na cadeira ao lado, e perdi o cartão do Master Card. Fiquei assustado porque só me restava o Visa. No restaurante Ribadouro, o caixa, ao cobrar a conta, quebrou o cartão. Apavorei-me. Felizmente, não houve desgraça total. Só que o bicho ficou ciclótico: às vezes funcionava, às vezes negava fogo. Fui comprar umas bolinhas de Viana, numa joalheria do Porto, e ele me desautorizou a compra. Felizmente, as jóias eram baratas e pude pagá-las em moeda local. Quando porém, o pegava distraído, lavava a burra. Sacava o dinheiro que podia. “Enganava” o caixa eletrônico. No geral – devo dizer – me dei muito bem.

PEQUENA VIAGEM, GRANDES NEGÓCIOS

Fiz excelentes negócios durante as duas semanas que passei lá. Depois de ir umas dez vezes à Livraria Bertrand (um

pedaço do Paraíso), consegui adquirir *Os Conjurados*, último livro de Jorge Luís Borges. Mais um romance do moçambicano Mia Couto. Só não consegui realizar um sonho de consumo: mandar fazer camisas na capital portuguesa. Conto já como a coisa se deu. Ou não se deu, para ser mais exato.

Tinha lido crônica do Carlos Heitor Cony, dizendo que passa por Lisboa quando vai à Europa a fim de adquirir camisas baratas. Pedi ao Luiz Edgar de Andrade, amigo da TV Manchete, obter o endereço de um camiseiro de lá com o grande romancista e jornalista já que não conseguira que ele escrevesse sobre meu romance. Era meu consolo. Bati à porta do camiseiro ali nos Restauradores. Tentei mandar confeccioná-las. Ocorre, porém, que elas só me seriam entregues vinte dias depois, quando já teria terminado a viagem. Desisti por hora, mas continuo mantendo este sonho de consumo: mandar fazer camisas em Portugal.

OUTRO SONHO

Quero, ainda, antes de morrer, comer “feijoada de mariscos”. É feijoada mesmo, não se surpreendam. E está anunciada no Jardim Tropical, restaurante da Avenida da Liberdade onde matei a fome. Não me arrisquei ao inusitado prato. Desta vez. Devo narrar que, quando lá fui ao W.C. da casa, havia oferta de ir também ao bengaleiro. Como, porém, não portasse bengala, não utilizei tal dependência da casa. Um dia volto a Lisboa e experimento esta feijoada de mariscos que fiquei me devendo. Talvez esteja de bengala e o bengaleiro me seja útil.

EÇA ESTAVA CONOSCO

Experimentei outros prazeres na cidade alfacinha. Um périplo queirosiano com o embaixador Dário Castro Alves. Antes, bebemos uma ginjinha em “A Tendinha” – boteco estabelecido no Rossio desde 1840, diante da estátua de Pedro IV (o nosso Pedro II) – e de que Eça de Queiroz jamais falou. A

saborosa bebida foi acompanhada de pastel goês, feito à moda de Goa. Depois fomos ver vinhos Porto antigos à venda no “Macário”. Subimos a rua Nova do Carmo, ainda lotada de tabiques, rumo ao Grêmio Literário que Eça frequentou. Passamos pelo Espaço Chiado. Visitamos o Solar vinho do Porto, no Palácio das Lascas (assim chamado porque feito pelas sobras que o empreiteiro do faraônico e caríssimo Convento de Mafra juntara). Almoçamos no Círculo Eça de Queiroz com embaixadores, desembargadores e professores. Quando sorvíamos um Dão, da Ribalboa, Dário observou: “Esse Dão, decerto, não se bebia em Sobral.” Passamos ainda pelo “Tavares”. Por fim ele propôs, como em *Os Maias*: Agora vamos gouvarinhar! E lá se foi a um encontro no palacete onde morava a Gouvarinho. E Eça de Queiroz andou sempre conosco.

RESTAURANTES

Não vale a pena comer em restaurantes de luxo em Lisboa. Todos oferecem os mesmos molhos, os mesmos temperos, sem caráter. De total mesmice. Come-se melhor nos restaurantes de segunda. Nas tascas populares onde se consome divinamente o produto da cozinha portuguesa. E haja regime severo na volta.

FOI MAIS UM ANO QUE PASSOU EM NOSSAS VIDAS

Lá se foi 1997. Como os anos têm passado depressa, nos últimos tempos. Quando dei fé, já nos encontrávamos nos preparativos do Natal, era dezembro. Fiquei um ano mais velho e isso é mau. Não direi como no samba antigo: fiquei mais velho e quase não senti. Senti, sim. Ora se senti. Há muito saí da garantia. Felizmente ainda não atingi a fase do Condor (com dor aqui, com dor ali), mas já me maltratam alguns achaques. Por isso, fico espantado quando ouço um contemporâneo proclamar: "Sinto-me como se tivesse vinte anos." Há alguma coisa errada com ele. Precisa ir, o quanto antes, ao clínico ou ao analista.



Apresto-me serenamente, a ingressar naquela idade sexy de que tanto falam sem ver necessidade de escamotear a etapa cumprida. Porque, afinal a alternativa é drástica.



Se você não envelhece, morre. E pretendo permanecer algum tempo mais neste mundo querido que tem me prodigalizado tão boas coisas. Ainda tenciono fazer muita coisa boa daqui para frente.



No barbeiro, ouço insinuações sobre pintar o cabelo e a mim mesmo pergunto: “A quem enganaria de cabelos retintos como a asa da graúna, a essa altura do calendário? O fígaro pintaria também meu coração? Rejuvenesceria a minha alma?”



Não nutro tais ilusões. O importante consiste em extrair vantagens de cada estação da vida para, depois, não ficar cobrando contas atrasadas de quem não tem por que as quitar:



Fiquei mais pobre em 1997. Revi Lisboa e isto sempre é grato ao meu coração. À sombra de Jorge Bornhausen, lancei meu romance. Conheci Cancun e vivi uma ilusão da mocidade ao voar, de pára-quedas, sobre o mar do Caribe.



Lancei outro livro em tentativa talvez vã, de lutar contra o olvido. A morte. Para não morrer de todo quando o corpo frio arder no fogaréu do crematório. Mas isto ainda vai custar. E tem tanta coisa boa me espiando pelo caminho que até eu mesmo vou ficar surpreso com a magnificência de Deus.



Então, são 35 anos de bacharelato em ciências jurídicas? A turma comemorou 35 anos de formada. Infelizmente, não poderei estar aí. Leorne Belém, orador da solenidade em cujo discurso havia referência “ao olhar nublado das mães”, me representou.



“Seu” Costa me chamava “doutor de vela”. Porque, a cada dia de prova, dona Dolores acendia uma vela ao santo de sua devoção para que me provesse do saber jurídico que me escasseava. Entre o trabalho, o namoro e o uísque do Ideal, o Direito ia pro espaço. Não tenho porque debitar minha ignorância aos professores, à Faculdade, ao fato de “estudar” à noite, não. Não aprendi de preguiça, de desleixo, de burrice.

POBRE DE INCOMPETENTE

Da mesma maneira, não fiquei rico. Ninguém me passou para trás, atrasou minha vida, me prejudicou. Foi incompetência. Não enriqueci ainda porque não me empenhei, não dei duro para isso, não me interessei. Oportunidade até me ofereceram.



Continuo liso, correndo atrás dos cartões de crédito, vendendo, um dia desses, um apartamentozinho fuleiro para me livrar das despesas com viagem a Portugal e ao México.



Ainda não precisei dar o golpe em ninguém, graças a Deus. Nem requerer autofalência. E tem dado para pagar os compromissos.



Um conhecido, de quarenta anos, me observa: “Desde que te conheci, tem sido assim, sempre apertado para pagar os “papagaios”.



É isso aí. Só que ninguém me arrebatará a vida boa que tive, as viagens que empreendi, o uísque que consumi, as mulheres que amei, os amigos que me têm curtido, os livros que hei publicado.



Olhando bem, fazendo balanço sumário, eu sou é rico. Milionário. Duma riqueza que ninguém confisca.

AMIGOS PARA SETE DIAS

Só tenho amigos para uma semana em Portugal. Por isso, parti numa terça esperando voltar na terça seguinte. Porque é muito chato fazer refeições sozinho, ficar puxando conversa fiada com garçom, mesmo em nosso idioma. Acontece que o embaixador Dário Castro Alves me propôs um périplo por onde andaram e viveram personagens de Eça de Queiroz em Lisboa, para quarta. Aí, Cícero Silva, um cearense de Missão Velha que mora no Porto, me sugeriu lançar o romance na Universidade Fernando Pessoa. Fiquei duas semanas ao invés de uma e gastei, naturalmente, o dobro. Sem falar na multa da Varig por haver mudado o dia do regresso.

NO TIVOLI

Gosto de me hospedar no Tivoli Hotel Lisboa, feito o JK, o Sarney, o Jorge Amado. Adoro ficar ali naquele hall ou no mezanino de luxo pesado. Tomar o desjejum olhando para a Rua do Salitre. Beber no barzinho Zodíaco, perto da portaria. Sempre que posso é lá que me hospedo. Um amigo me advertira, antes de partir, para o fato de os chuveiros dos banheiros do Rivoli serem baixos. Só nos podíamos assim banhar de cócoras ou de joelhos. Ia escrever uma crônica dizendo que o banho no hotel constitui, assim, exercício de humildade. Desisti. Sabem por quê? Fica até feio confessar o pecado. Fui subornado pelos agrados da administração da casa. Quando me souberam jornalista, transferiram-me para uma suíte em cuja enormidade quase me perdia. Às vezes, uma cachopa vinha, pela manhã, renovar a flor que floria (as flores hoje, nem aqui

nem lá, não têm mais perfume, não cheiram) à entrada do apartamento. Outra deixava sobre o leito um chocolate. À tarde, aparecia um funcionário para “fazer a cama” o que consistia praticamente em desdobrar parte da colcha. Luxo de marajá. Para que então fazer graça com o chuveiro se eu dispunha de dois banheiros na suíte? Desisti ainda de falar mal da colocação do chuveiro porque um gajo me explicou que ele era baixo para o hóspede tomar banho de banheira.

SEM PODER PAGAR ADIANTADO

Contei que no Ribadouro, um restaurante com cara de popular, quase ao lado do hotel e de preços bem altos para sua aparência (uma vez, para mostrar conhecimento da cidade), fui lá com o senador Carlos Wilson e outros ilustres pernambucanos alegando que era bom e barato. Terminou a refeição saindo pelo preço de um restaurante cinco estrelas e eu, todo sabido, fiquei com cara de tacho) o garçom danificou meu cartão de crédito Visa. Tive medo de chegar àquela clássica situação do brasileiro sem grana em viagem de turismo pelo exterior. Fui logo à portaria do hotel pagar a conta, adiantado. Até o dia da saída. Não consegui por mais que insistisse. Ainda brinquei: “É a primeira vez que alguém se recusa a receber a conta antecipadamente”. O gentil moço da portaria impugnou a quitação, alegando: “Se eu encerrar sua conta, vou ter de desligar o telefone”. Ainda lhe lembrei que lhe bastaria abrir nova conta para as despesas extraordinárias, mas foi em vão. Felizmente à saída, meu ciclotímico cartão de crédito funcionou pondo fim aos meus temores.

CIÊNCIA DOS MOTORISTAS

Quanta coisa aprendemos com os motoristas de táxi em Lisboa. Um que me levou ao Castelo de S. Jorge e que morou seis anos em São Paulo me falava entusiasmado da vazão d’água de alguns poços do interior do Piauí. O outro, ao ouvir o minis-

tro de Luxemburgo conceder entrevista sobre a Comunidade Européia, comparou-o a um camelo: “Está vendendo banha de cobra”. Um terceiro, atento aos outros motoristas, aos outros táxis, dizia: “É preciso ter um olho no cavalo, outro no cigano”.

LINGUAGEM

No comercial da televisão, a mãe passa talco no bumbum do filhinho e o locutor comenta: “Rabinho seco, bebê feliz!”

O PÃO EUROPEU

Todos os dias ao desjejum (quase não tomo café de manhã), comia ovo cozido com pão. Devo reconhecer que já comi um ovo melhor, estrelado na cidade mineira de Pedra Azul, em Minas Gerais, que visitei, a serviço do jornal, séculos atrás. Agora, pão, não. O pão europeu é feito de farinha de trigo, - o que não acontece no Brasil onde não sabemos de que substâncias se faz aquele alimento. É tão bom que uma das manias do ex-governador Leonel Brizola, quando ia a Portugal ou à Espanha, era trazê-lo na bagagem. A alfândega, bisbilhoteira, ia fiscalizar as malas do político gaúcho e ficava espantada com a muamba: pão. Apenas pão. Tem razão o caudilho: é muito bom o pão europeu.

JORNAIS DE VÉSPERA

Quando fomos a Dublin, os filhos gostaram tanto que me propuseram – não sei se sério ou se de brincadeira – morar na Irlanda. Condicionei: “Só se receber jornais brasileiros, todos os dias”. Pensava estar diante do impossível. Vi que não. Em Lisboa, lia-os do dia anterior, às 16 horas. Ao ouvir isso, o embaixador Jorge Bornhausen revelou que, graças à Internet e ao favorecimento do fuso horário, toma, de noite, conhecimento do que os jornais publicarão dia seguinte. Lê os jornais de véspera. Quando vai dormir, já sabe de tudo que ainda não sabemos.

ALÇADA

Bom mesmo foi merecer a companhia de Alçada Batista num almoço no “Fumeiro” e ouvir contar seus “causos” que lhe recomendei reunir em livro como *Navegação de Cabotagem* de seu amigo Jorge Amado. Ele me fala da melancolia do comunista luso no fim da vida, descrente do credo em que apostou. Conto-lhe daquele judeu, residente em Sobral, que no fim da vida, pertinho de morrer, se converteu ao catolicismo, levando um velho padre da terrinha a discordar: “Se fosse ele, continuava onde estava...” Ele cita seus três amigos pessimistas: um político que falava da vitória dos comunistas e do que lhe poderia ocorrer de ruim; outro que anunciava catástrofes econômicas e um terceiro, desgraças históricas. Como ao acordar, dia seguinte, nenhuma das ruínas ocorrera, Alçada se considera um feliz sobrevivente. Ele está de novo na moda com mais um best-seller, agora, *O Riso de Deus*, que, em dois anos, já alcançou a oitava edição.

REFLEXÃO

Sozinho, no jardim em frente ao Mosteiro dos Jerônimos, sento-me a um banco, trajando meu terno escuro de viúvo e me quedo, alguns instantes, pensando na vida e na morte.

BRASILEIRO NÃO DÁ GORJETA

Há muito não integrava comitiva de brasileiros. Fazia era tempo. Vi que continuam os mesmos: não dão gorjeta nem respeitam filas. Creio que consideram que gastaram muito com o pacote da viagem e estão assim dispensados de presentear, de agradar os que lhes prestam serviços. Tem mais. Mesmo os mais velhos não sentem o menor constrangimento em passar à frente dos outros.

DE PALETÓ

Aconselhado por Raquel, viajei de paletó, feito o falecido senador Menezes Pimentel de quem se dizia que, nem nos momentos mais íntimos, se despedia da tal peça. Que nem o ex-senador Mauro Benevides. Era o único assim trajado. Ela acha que assim formalmente vestidos somos bem tratados. Tem razão. Carlos Marighela, nos tempos heróicos da guerrilha, recomendava a seus seguidores, andar de paletó, para diminuir os riscos da repressão: “Polícia não aborda ninguém de paletó”. Apesar disso, tirei a beca, voltei de camisa esporte. Para não destoar da maioria.

GUIA

Um guia impressionou, pela erudição e pelo fervor, com que falava de sua cultura, a cultura maya, quando visitamos monumentos dela herdados. Sugeri, discretamente, aos companheiros de viagem, dar-lhe uma gorjeta. Eles recusaram alegando que muito mais gratificante que a vil pecúnia, seria uma salva de palmas. Mimosearam-no com aplausos. E com aqueles clássicos oferecimentos: “Quando você for ao Brasil, me procure. Disponha”.

O HOTEL PARA AMERICANO

Cancun foi mesmo feita para americano. Basta dizer que não há bidê no hotel. Nem jornais mexicanos, e, sim, de Miami.

Fiquei no Sierra Hotel Cancun, como quase todos, excelentemente localizado. Está de cara para o mar, que dá ali um show variado de beleza, e nos oferece praia particular e piscinas de azul escandalosamente azul. Até uma lagoa - no território do hotel - ao lado, em que não se podia nadar pela presença de jacarés. Pelo menos era o aviso ali pregado. Não tive, porém, o prazer de conhecer os crocodilos mexicanos.

UMA AMIZADE PORTUGUESA, COM CERTEZA

Numa loja, um indiano me aborda, conversamos, de repente estamos num comprido papo em que descubro que é cidadão português, residindo na Califórnia. Ele logo se torna amigo, fala de Moçambique onde era dono de restaurante, de Lisboa e Califórnia onde exerceu (exerce) o mesmo ofício e me convida para jantar no restaurante Los Amigos, - onde parece amigo de todos e onde me coage cordialmente a beber tequila, dança salsa e paga a conta. É o Harry Eshvarlal. A mulher dele é Suni. São donos de um restaurante Donut Field em El Camino Real.

ÁGUA

Nadei pelo rio subterrâneo de Xcaret. Eu, com meus botões, pensando que nem na vez que andei pelas catacumbas de Roma: “Se essa droga, que está aí há dois mil anos, decide desmoronar logo hoje que estou aqui?!” Não desabou.

Banho-me ainda em águas azul-turquesa, verde-esmeralda, verde-chumbo da Ilha das Mulheres onde álares cardumes de peixes graúdos seguem o barco esperando comida. Golfinhos divertem crianças e adultos. Tubarões desdentados se deixam fotografar abraçados por turistas. Novo banho de mar em Cozumel bracejando entre peixes listrados, coloridos – havia um de azul ferrete, (ainda se diz azul ferrete?) – lindo, numa intimidade de amigos de infância.

CÉU

Todos os dias, tomava meu desjejum (manga petacó incluída. É a nossa manga espada), vendo um pontinho preto se mexendo no alto dos céus, pendurado dum pára-quedas, multicolorido, lindo. Morria de inveja. Ficava pensando com meus botões:

“O Dr. Ulysses voou de asa delta pouco antes de morrer. Por que não eu? O que é que o Fernando César vai dizer quando souber que não tive coragem de galgar os céus? Por isso, fiz das tripas coração e fui. Vesti o colete salva-vidas e fui amarrado ao pára-quedas, por sua vez, preso, por uma corda, a um barco lá no meio do mar. De repente, sem que dê, sequer, tempo nem espaço para medo, para perceber o que está ocorrendo, com a força do vento e o puxado do barco, sou alçado a mais de cinco metros de altura, dez metros, cem metros acima do céu que é muito, muito mais bonito lá de cima. E vôo, sozinho, eu e Deus, nas alturas, vendo lá em baixo os prédios dos hotéis, a beleza do mar, das lagoas, dos renques de coqueiros. Voei e foi muito bom para a minha cabeça.

AMEI

Em suma, amei Cancun. Gostei do mexicano (nem sei se verdadeiro se o feito para agradar a americano) que me foi dado conhecer, alegre, brincalhão, cheio de intimidades e rápida amizade.

FUTEBOL

É chato quando você, sem querer, trai sua idade. No hall do Cancun Sierra, vendo a bofetada covarde de Edmundo sobre um jogador boliviano, não sei por que me ocorreu perguntar: “O Rivelino não está jogando, não”? Eu queria saber era do Romário e vejam a esparrela em que caí.

DANÇA DA GARRAFA

Em Cancun (tenho medo de dizer México. Aquilo é mesmo o México?) Vimos a dança da garrafa. Não tem lascívia esrachada da nossa, não. Nada. Ao contrário, muito inocente, infantil, quase. Os mexicanos dançam, melancolicamente, com uma garrafa na cabeça e são tão baixinhos, são homúnculos que fico, sem querer, pensando no vizinho que Deus (ou foi o diabo?) lhes proporcionou.

RACHE O PROCÓPIO

Quando o marido morreu, pareceu a todo o mundo que era morreria também. Na hora de deitar o caixão ao túmulo, quis ser sepultada com o falecido. Só à força, tiraram-na dali. Botou luto fechado. (Era um tempo em que ainda se usava preto quando do falecimento de parentes.) Morrera para o mundo. Não saía de casa, toda entregue à sua dor. O único homem que quis ver foi o entalhador da cidade a quem encomendou uma imagem, uma estátua em madeira de Procópio - pois assim se chamava quem deixara tanta saudade - que colocou, na sala de visitas, para que todos tomassem conhecimento de sua fidelidade póstuma. Já que não mais dispunha do original, curtia a cópia na qual o artista caprichara.

Passaram-se horas, dias, meses, anos e ela começou, pouco a pouco, a se interessar pelo que ia na rua.

Aconteceu que, todas as tardes, passava o carteiro em frente à sua casa. Também era viúvo e cheio de medidas. E, claro, prodigalizava seus salamaleques à colega de estado civil.

Um dia, não se sabe bem a pretexto de quê, se deteve em conversa com a viúva do lado de fora, a dona da casa, à janela. Ela sentiu que ele punha olhos longos, tristonhos, tangidos na direção da estátua do falecido, olhos de que lá voltavam melancólicos. Ainda assim, voltavam.

A viúva pensou consigo mesmo que a saudade era somente sua, assunto pessoal. Devia curti-la, sozinha, entre quatro paredes. Assim recolheu o Procópio ao quarto.

Zémara, pois assim se chamava o carteiro, ia devagar e sempre, ampliando espaços. Já não mais ficava em pé, junto à

janela, agravando o cansaço do cotidiano. Agora tinha acesso à sala de visitas, onde tomava cafezinho, longe da vizinhança do Procópio, guardado na discrição da alcova.

A carne, como sabeis, é fraca, e os carteiros, persistentes. A viúva, sensível como sabem ser as mulheres, percebeu que não tardaria em atender aos reclamos da carne e às insistentes convocações do carteiro. Precavida, tomou decisão que, no primeiro instante, a encheu de remorsos. Trinçou os dentes, fechou os olhos e decretou a ordem fatal. Tirou o Procópio do quarto de dormir e deslocou-o para um alpendre no quintal, apenas parcialmente protegido pelo telhado. O falecido passou a tomar chuva e sol, conforme a estação.

Uma tarde de maio, aconteceu em maio, sim, senhores, o carteiro foi tão veemente no pedir que seria falta de caridade, até burrice, negar o que reivindicava seu ardor postal. A viúva terminou por acolhê-lo no recesso do quarto. Tão bem se houve que fez jús a alguma recompensa. O que quis, era logo se viu, pouco. O cafêzinho de depois. Era o que calhava de modesta comemoração, tão digno de elogios fora seu desempenho. A viúva preguiçosamente, chamou pela empregada e dela reclamou café donzelo, quente, feito na hora, no capricho. A doméstica, então, lhe lembrou que não havia como fazer fogo. Faltava lenha. O fornecedor há muito por ali passara. Ela, então, só teve uma saída e para ela apelou:

“Então, rache o Procópio!”

Foi a última utilidade do falecido. Todos nós seremos, mais dia, menos dia, Procópios ardendo nas emoções do sucessivo.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- A**
- ABREU, Casimiro de 22
- AGOSTINHA, Chica 81
- AGUIAR, Luiz Carlos 116
- AGUIAR, Wilson 115
- ALCÂNTARA, Daniela 157, 158
- ALCÂNTARA, Lúcio 57, 101, 157, 177
- ALENCAR, José Almino Arraes de 117
- ALMEIDA, Cândido Mendes de 94
- ALMEIDA, João Clímaco de 142, 144, 145
- ALMEIDA, José Américo de 131, 132
- ALVES, Castro 22
- ALVES, Dário Castro 82, 199, 200, 205
- AMADO, Gilberto 46, 89, 161, 171, 181, 198
- AMADO, Jorge 58, 63, 78, 150, 151, 178, 191, 205, 208
- AMARAL, Gilberto 153, 154
- ANDRADA, José Bonifácio de 142, 159
- ANDRADE, Antônio Paes de 92, 134
- ANDRADE, Carlos Drummond de 15, 130, 175
- ANDRADE, Ernesto Marinho de 169
- ANDRADE, Francisco Marinho de 169
- ANDRADE, Isabel Paes de 92
- ANDRADE, Luiz Edgar de 199
- ANJOS, Ciro dos 130
- ANSELMO, cabo 86
- ARAGÃO, Ezaclir 115
- ARAGÃO, Wilson 164
- ARARIPE, Ossian 109
- ARAÚJO, Domingos, padre 81
- ARAÚJO, Olavo Euclides 33
- ARRAES, Miguel 50, 117
- ASSIS, Machado de 15, 24, 30, 84
- AZEVEDO, Alvares de 22
- AZEVEDO, Tarcizo 162
- B**
- BALEEIRO, Aliomar 76, 113
- Balzac 63
- BANDEIRA, Manuel 122
- BARBOSA, Ruy 186
- BARRETO, Adahil 107
- BARRETO, Deolindo 169
- BARRETO, Tobias 198
- BARROS LEAL, Antenor 56, 101
- BARROS, Celso 145
- BARROS, Hélio 27
- BARROSO, Antônio Girão 51
- BARROSO, Parsifal 16, 80, 107, 163
- BELÉM, Leorne 202
- BELL, Graham 147
- BENEVIDES, Mauro 79, 80, 137, 209
- BERGERAC, Cirano de 105
- BEZERRA, coronel Adauto 174
- BEZERRA, João Alberto Mendes 188
- BILAC, Olavo 161
- BLOCH, Adolfo 55
- BORGES, Augusto 146
- BORGES, Jorge Luís 19, 61, 62, 63, 96, 104, 114, 117, 166, 182, 183, 199
- BORNHAUSEN, Jorge 207
- BOY, Johnny 191, 192
- BRAGA, Ney 49

BRAGA, Rubem 55
 BRANDÃO, Luciano 171
 BRANT, Felisberto Caldeira 185
 BRASILEIRO, Lúcio 36, 41, 97, 110, 116,
 153, 156, 162, 193
 BRIZOLA, Leonel 19, 207
 BROSSARD, Paulo 137
 BRUNO, Arquimedes, padre 156, 157
 BUÑUEL, Luís 174

C

CAFÉ FILHO 173, 188
 CALDEIRA, Jorge 53
 CALLADO, Antônio 103
 CALMON, Pedro 130
 CÂMARA, Hélder, dom 31, 157
 CAMPOS, Carlos Wilson 206
 CAMPOS, Eduardo 33
 CAMPOS, Luís 33
 CANTANHEDE, Plínio 140, 141
 CARAPEBA, Paulo 17
 CARDOSO, Otávio 73
 CARLOS CHAGAS 189
 CARNEIRO, Adonias 173, 188
 CARNEIRO, Raul 107
 CARVALHO, Gaudêncio 131
 CASTELO BRANCO, Hermínio (Mino) 156
 CASTELO BRANCO, Humberto de
 Alencar 84
 CASTRO, Ruy de 53
 CAVALCANTE, Celina 123
 CAVALCANTE, Deusimar Lins 186, 187
 CAVALCANTE, Rangel 42, 123
 CELA, Camilo 177
 CHACON, Sérgio 168
 CHAVES, Osvaldo 32
 CHICO ANÍSIO 115

CHICO CALDAS 112
 CHICO MONTE 133
 CHURCHILL, Winston 84, 160, 171
 CÍCERO, Paulino 142
 COELHO, Júlio 166
 COELHO, Thomas 39, 111
 COLARES, Otacílio 191
 COLLOR DE MELO, Fernando 35, 153,
 154, 185
 CONDÉ, José 63
 CONY, Carlos Heitor 199
 CORDEIRO NETO, general 138
 CÓRDOVA, Henrique 89, 90
 CORREIA, Figueiredo 13
 COSTA, Francisco Ferreira da 52, 131, 194, 203
 COUTINHO, Alceu 91
 COUTO E SILVA, Golbery de 173, 174
 Craveiro Filho 169
 CUNHA, Paulo José Araújo 110
 CURI, José 108, 109

D

DE GAULLE, Charles 84, 160
 DELFIM NETO, Antônio 144
 DIAS, Milton 34, 37, 140, 155, 191

E

EDWARDS, Jorge 117
 ELLIOT, T.S. 96
 ESHVARIAL, Harry 210
 EUFRÁSIO, Gonçalo, Mons. 183, 185

F

FACÓ, Aglaeda 32
 FALCÃO, Armando 107
 FARIA, Alberto 54
 FARIAS, Paulo César 185

FEIJÃO, Sabino, Mons. 183
 FERREIRA, Pedro 159
 FIALHO, Vicente 146
 FIGUEIREDO, João Baptista 85, 173
 FONSECA, Deodoro da 186
 FONSECA, José Carlos 32, 172
 FORMIGA, Ubirajara 162
 FREIRE, Adenor Nunes 107
 FREYRE, Gilberto 161
 FREYRE, Vitorino 133
 FROTA NETO 28, 57, 149
 FROTA, José Tupinambá da 81
 FROTA, Sylvio 158

G

GADELHA, José 13
 GADELHA, Marcondes 66
 GALENO, Henriqueta 50
 GARCIA, Gláucia 189
 GARCIA, Irineu 122
 GEISEL, Ernesto 81, 89, 159, 173
 GIRÃO, Blanchard 33
 GOMES, Ciro Ferreira 21
 GONÇALVES, Wilson 80, 107
 GONZAGA, Thomas Antônio 82
 GOULART, João 15, 86
 GOUVEIA, Ricardo 17
 GUDIN, Eugênio 22, 51
 GUILHERME NETO 33, 41, 95, 106, 110, 114, 115
 GUILLAUME, Jacques 100
 GUIMARÃES, Hebe 189
 GUIMARÃES, Ulysses 19, 211

H

Heródoto 36
 HITLER, Adolf 172
 HUXLEY, Aldous 114

I

IBIAPINA, Flávia 157, 158
 IBIAPINA, Wilson 157, 159

J

JEREISSATI, Carlos 36, 107, 193
 JEREISSATI, Helena 54, 137
 JOÃO XXIII, papa 17
 JOBIM, Tom 195
 JORDÃO, Rodrigo 57
 JOSÉ SARAMAGO 178
 JOSÉ SARNEY 41, 84, 111, 152, 153, 171, 177, 194, 205

K

KFFURI, Ary 112
 KRAUTNER 76
 KUBITSCHCK, Juscelino 16, 130, 154, 205

L

LA ROCQUE, Henrique de 105
 LACERDA, Carlos 129
 LEAL, Mário, coronel 13
 LEAL, Sílvia 116
 LEDA MARIA 116
 LEITE, Cincinato Furtado 134
 LEITE, Hildo Furtado 134
 LEMOS, Ana Amélia 73
 LEVY, Herbert 89, 90
 LIMA SOBRINHO, Barbosa 171
 LIMA, Jeová Costa 118
 LIMA, José Fernandes de 131, 132
 LINHARES, José 32
 LINHARES, Francisco 134
 LINHARES, Marcelo 16, 75

- LINS, Álvaro 130, 131, 161
 LINS, José 90, 91
 LISPECTOR, Clarice 33
 LOBÃO, Edson 194
 LOPES, Diego 60
 LOPES, Lauro Vinhas 60
 LOPES, Marildes Vinhas 60
 LOTT, Teixeira 144
 LOYOLA, Vicente 169
 LUSTOSA DA COSTA 18, 42, 80, 94
 LUSTOSA DA COSTA FILHO, Francisco José 117
 LUSTOSA DA COSTA, Carlos Eduardo 14, 152, 153, 158, 176, 188, 189, 190
 LUSTOSA DA COSTA, Maria Dolores 52, 56, 173, 182
 LUSTOSA DA COSTA, Raquel Franco 106, 114, 120, 164, 189, 209
 LUSTOSA DA COSTA, Sara Franco 153, 176, 189
 LUSTOSA, Paulo 177
- M**
- MACEDO, José Dias 24, 36, 193
 MACEDO, Norton 49, 111, 183
 MACHADO, José Hugo 110
 MACHADO, Pinheiro 46, 181
 MACIEL, Marco 177
 MAGALHÃES, Jutahy 159
 MAIA, José Agripino 50
 MAIA, Neide 146
 MANUEL VARGAS, general 22, 51
 MARANHÃO, Jarbas, senador 128
 MARCHEZAN, Nelson 137
 MARCILIO, Flávio 111
 MARIA DO CARMO 73
 MARIA HELENA 42, 43, 147, 148
 MARIA, Antônio 38, 107
 MARIGHELA, Carlos 209
 MARINHO, Roberto 22, 39
 MARIZ, Antônio 189
 MARIZ, Dinarte 128, 129
 MARQUES, Danilo 87
 MARTINS FILHO, Antônio 116, 173
 MARTINS, Cláudio 191, 192
 MATOS, Gomes de 15
 MATOS, Vicente, dom 80
 MAUÁ, Barão de 54
 MAUÁ, Visconde de 54
 MEDEIROS, Lynaldo 187
 MELLO FRANCO 73
 MELO, Aldo 188
 MELO, João de 62
 MELO, Tiago de 122
 MELO, Zélia Cardoso de 38
 MENDES de Moraes 186, 187
 MENDES, Oriano 182
 MENEZES NETO, Paulo Elpídio de 32, 40, 76, 77, 163, 177
 MENEZES PIMENTEL 209
 MESQUITA NETO, Júlio de 120
 MESQUITA, Fernando César de 189, 193, 211
 MESQUITA, Júlio 120
 METON VASCONCELOS 83
 MIGUEL JORGE 154
 MONT FERRAT 150
 MONTORO, Franco 89
 MOORE, Demi 58
 MORAES, Fernando 53
 MORAIS, Denis 53
 MORAIS, Vinícius de 137
 MOTA, Hélio 95
 MUSSOLINI, Benito 187

N

NABUCO, Afraninho 73
NABUCO, Joaquim 73
NABUCO, José 73
NAPOLEÃO, Airton 107
NAPOLEÃO, Hugo 128
NAVA, Pedro 34, 130
NERUDA, Pablo 48, 117
NEVES, Tancredo 44, 179, 189
NEWTON, José, dom 189
NIEMEYER, Oscar 172
NILO, Fausto 117
NOBRE, Geraldo da Silva 33
NUNES, Helvídio 144
NUNES, Tibério 143

O

Oliveira Bastos 189
OLIVEIRA, Jorge 39
OLIVEIRA, Olavo 173
OLYMPIO, José 161
ONASSIS, Aristóteles 34
ONASSIS, Jacqueline Kennedy 34

P

PAIVA, Omar 16
PARENTE, Diogo Honório 131
PARENTE, Jäder Ribeiro 131
PARENTE, Vicente Gomes 135
PARGA, Luiz Carlos Bello 177
PASCAL, Matias 13
PASSARINHO, Aldair 169
PAULA PESSOA, senador 22
PAZ, Otávio 177
PEDRO I, Imperador 185
PEDRO II, Imperador 54
PEDRO II, Imperador 199

PEIXOTO, Floriano 16, 143
PEREIRA, Francelino 78, 79
PEREIRA, Iranildo 134
PEREIRA, João Felipe 16
PINHEIRO, Luiz Adolfo 152
PINHEIRO, Sônia 51
PINHO, Aivaldo 112
PINHO, José Maria Barros 79
POMPEU, Plínio 21, 169, 170
PONGETTI, Henrique 55
PONTE, Manuel Romano da 83
PONTES, Ozires 79
PORDEUS, Ismael 134
PORTELLA, Petrônio 89, 90, 144, 158, 174
PRESTES, Luiz Carlos 13

Q

QUADROS, Jânio 103, 143
QUEIROZ, Eça de 30, 32, 82, 152, 176,
199, 200, 205
QUEIROZ, Rachel de 34, 137
QUÉRCIA, Orestes 50
QUEVEDO, Francisco 104

R

RABELO, Franco 135
RABELO, José Maria 154
RAMOS, Graciliano 53
RAMOS, Guerreiro 157
RANGEL, Antônio 111
RANGEL, Oswaldo 111
REDFORD, Robert 58
RENAULT, Abgar 130
REYES, Alfonso 60, 117
REZENDE, Eurico 76, 113
REZENDE, Otto Lara 55
RILKE, Rainer Maria 176

RIMBAUD 22
 ROCHA, Ayrton 156
 ROCHA, Clever 182
 ROCHA, Crisanto Moreira da 161, 162
 ROCHA, Paulino 102
 RODRIGUES, Agenor 111, 114
 RODRIGUES, Hélio 111
 RODRIGUES, Martins 107
 RODRIGUES, Nelson 53, 55, 104, 137, 161
 RODRIGUES, Paulo Mário 86
 ROOSEVELT, Franklin Delano 84
 ROSA, Guimarães 161

S

SABARÁ, Vera 95, 195
 SABINO, Fernando 55, 63
 SABÓIA, José 96, 133, 170
 SALES, José de 136
 SAMPAIO, Cid 50
 SAMPAIO, Dorian 153, 188
 SAMPAIO, Vaz 131
 SANCHO, José Afonso 33
 SANTOS FILHO, 112
 SANTOS, Ivanise 33
 SARNEY, Marly 194
 SENPRUM, Jorge 177
 SHAKEASPEARE, William 58
 SIDNEY NETO 139
 SILVA, Abdias 149, 150, 151
 SILVA, Cícero 205
 SILVINHA 56
 SIMON, Pedro 150
 SIQUEIRA, Rômulo 146
 SOARES, José Napoleão 146
 SOBREIRA, Alaíde 70
 SOBREIRA, Alice 71
 SOBREIRA, Narcélio 70

SÓLDON, Renato 161, 162
 SOMBRA, Severino 157
 SOUSA, Amaral de 137
 SOUZA, Alice Rodrigues de 70
 SOUZA, Hélder de 122
 SOUZA, Iberê de, deputado 50
 SOUZA, Irineu Evangelista de 53
 SOUZA, José Hélder de 81

T

TACKERAY 160
 TAVARES, Milton 174
 TAVARES, Tarcísio 32, 112, 156
 TÁVORA, Fernandes, senador 50, 57
 TEIXEIRA, Floriano 192

V

VARGAS, Getúlio 22, 36, 46, 132, 181, 188, 193
 VARGAS, Jorge 142
 VASCONCELOS, Chagas 79
 VASCONCELOS, José Gomes, cabo 83
 VERÍSSIMO, Érico 151
 VIANNA FILHO, Luiz 45, 128, 131, 180
 VIEIRA FILHO 159, 172
 VIEIRA FILHO, “senador” 32
 VIEIRA, Antônio, padre 82, 185
 VILELLA FILHO, Teotônio 159
 VIRGÍLIO TÁVORA 21, 57, 107

W

WANDERLEY, Dilermando 90

X

XEREX, Ethel 137
 XEREZ, Maurício 137

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

1. IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; UFC – 1983.
2. FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – UFC – 1983.
3. TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO – UFC – 1984.
4. AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – UFC – 1984.
5. CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – UFC, 1984.
6. DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1985.
7. O NORTE CANTA – Martins d'Alvarez – 2ª Edição – UFC – 1985.
8. TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – UFC – 1985.
9. O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpidio de Menezes – 2ª Edição – UFC – 1985.
10. BUMBA-MEU-BOIE E OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – UFC – 1985.
11. CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1985.
12. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – UFC – 1985.
13. ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – UFC – 1985.
14. POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – UFC – 1986.
15. REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1987.
16. GUSTAVO BARROSO – SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – UFC – 1988.
17. EXERCÍCIOS DE LITERATURA – Francisco Carvalho – UFC – 1989.
18. POESIAS – 2ª Edição – Filgueiras Lima – UFC – 1989.
19. A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwamborn – UFC – 1990.
20. LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – UFC – 1990.
21. UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – UFC – 1990.
22. IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – UFC – 1990/1992.
23. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – UFC – 1990.
24. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amora – UFC – 1990.
25. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – UFC – 1990.
26. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – UFC – 1990.
27. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – UFC – 1991.
28. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d'Alge – UFC – 1991.
29. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – UFC – 1991.
30. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins – UFC – 1991.
31. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1991.
32. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – UFC – 1992.
33. NOTURNOS DE MUCURIPE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1992.
34. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1992.
35. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – UFC – 1992.
36. FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – UFC – 1992.
37. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – UFC – 1992.

38. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – UFC – 1993.
39. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – UFC – 1993.
40. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – UFC – 1993.
41. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – UFC – 1993.
42. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA – Tácito Theophilo – UFC – 1993.
43. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – UFC – 1994.
44. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador). – UFC – 1994.
45. O CÉU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – UFC – 1994.
46. SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – UFC – 1994.
47. MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – UFC – 1994.
48. SEARA – Luciano Maia – UFC – 1994.
49. MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – UFC – 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo – UFC – 1994.
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1995.
52. PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – UFC – 1995.
53. O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – UFC – 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – UFC – 1995.
55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – UFC – 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – UFC – 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – UFC – 1995.
58. MARÉ ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – UFC – 1995.
60. ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – UFC – 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) - José Anchieta Esmeraldo e Rui Verlaire Oliveira Moreira – UFC – 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – UFC – 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – UFC – 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – UFC – 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – UFC – 1996.
68. POESIA COMPLETA – Aluizio Medeiros – UFC – 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianney Mesquita – UFC – 1996.
72. ARUA E O MUNDO – Fran Martins – UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânzio de Azevedo – UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – UFC – 1996.
76. O ESPANTALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – UFC – 1996.
77. A GRAMÁTICA DO PALADAR - *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – UFC. 1996.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – UFC – 1996.

79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1996.
80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÚRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vládia Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpidio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.
100. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
101. DONA GUIDINHA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
102. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
103. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
104. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutiérrez – UFC – 1997.
105. O SAL DA ESCRITA – Carlos d'Alge – UFC – 1997.
106. MATHIAS BECK E A CIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandês no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
107. MENINO SÓ – Jäder de Carvalho – UFC – 1997.
108. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÔRA, DORALINA – A lição dos manuscritos – Ítalo Gurgel – UFC – 1997.
109. FICÇÕES – Martins d'Alvarez – UFC – 1997.
110. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM – (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.
111. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997.
112. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
113. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
114. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra – Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
115. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim - organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
116. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
117. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
118. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
119. AS CUNHÃS – Milton Dias – UFC – 1997.
120. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.

121. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.
122. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) – Otacílio de Azevedo – UFC – 1997.
123. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTE SCHÖN* – Regine Limaverde – UFC – 1997.
124. O PACTO (Romance) – Stela Nascimento – UFC – 1997.
125. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO – João Alfredo de Sousa Montenegro – UFC – 1997.
126. IMAGENS DO CEARÁ – Herman Lima – UFC – 1997.
127. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS – José Alcides Pinto – UFC – 1997.
128. A CAPITAL DO CEARÁ – Geraldo da Silva Nobre – UFC – 1997.
129. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO – Raimundo de Oliveira Borges – UFC – 1997.
130. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO – Oswald Barroso – UFC – 1997.
131. AS VERDES LÉGUAS – Francisco Carvalho – UFC – 1997
132. AUTORES CEARENSES – Joaquim Alves – UFC – 1997.
133. IMAGINANDO ERROS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (organizadores) – UFC – 1997.
134. O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO EM MIGUEL TORGA – Linhares Filho – UFC – 1997.
135. DOIS DE OUROS – Fran Martins – UFC – 1997.
136. AJUDA DE SOUZA – Jandira Carvalho – UFC – 1997.
137. NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS – Lustosa da Costa – UFC – 1997.
138. MAR VIOLETA, VIOLETA MAR – Fabiana Guimarães Rocha – UFC – 1997.
139. NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU – João Clímaco Bezerra – UFC – 1997.
140. SONETOS CEARENSES (poetas cearenses) – Hugo Victor – UFC – 1997.
141. IRACEMA – José de Alencar – UFC – 1997.
142. PIREUIDA E VOLTA & OUTRAS CRÔNICAS – Fran Martins – UFC – 1997.
143. UMA CHAMA AO VENTO – Braga Montenegro – UFC – 1997
144. O DISCURSO CONSTITUINTE / Uma Abordagem Crítica – Dimas Macedo – UFC – 1997.
145. A ESCRITA ACADÊMICA (Acertos e Desacertos) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Vianney Mesquita – UFC – 1997.
146. A ESTRELA AZUL E O ALMOFARIZ: Exercícios de poesia e metapoesia – Horácio Dídimo – UFC – 1998.
147. RUA DA SAUDADE (POESIA) – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
148. REMINISCÊNCIAS – Monsenhor José Quinderé – UFC – 1998.
149. A INSTITUIÇÃO NOTARIAL NO DIREITO COMPARADO E NO DIREITO BRASILEIRO – Regnóberto Marques de Melo Júnior – UFC – 1998.
150. CRÔNICAS DA MOCIDADE NO CEARÁ – Pires Saboia – UFC – 1998.
151. MÃO DE MARTELO E OUTROS CONTOS – Astolfo Lima Sandy – UFC – 1998.
152. A NOITE EM BABYLÔNIA E OUTROS RELATOS AO ETERNO - Poesia – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1998.
153. ESTRELA DO PASTOR - Romance - Fran Martins - UFC - 1998.
154. A BORBOLETA ACORRENTADA - Contos - Eduardo Campos - UFC - 1998.
155. HISTORIA ABREVIADA DE LA UFC - Antonio Martins Filho - UFC - 1998.
156. GRACILIANO RAMOS - *Reflexos de Sua Personalidade na Obra* - Helmut Feldmann - UFC - 1998.
157. OS CAMINHOS DA MUNICIPALIZAÇÃO NO CEARÁ - *Uma Avaliação* - André Haguette e Eloisa M. Vidal (Organizadores) - UFC - 1998.
158. O CRUZEIRO TEM CINCO ESTRELAS - Romance - Fran Martins - UFC - 1998.

159. MÉDICOS ESCRITORES E ESCRITORES MÉDICOS DA FMUFC - Geraldo Bezerra da Silva - UFC - 1998.
160. A VOLTA DO INQUILINO DO PASSADO - Segunda Locação - Memórias - Eduardo Campos - UFC - 1998.
161. O LIMO E A VÁRZEA - Poesia - Regine Limaverde - UFC - 1998.
162. TERRA BÁRBARA - Poesia - Jäder de Carvalho - UFC - 1998.
163. A GUERRA DOS PANFLETOS - História - Waldy Sombra - UFC - 1998
164. ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO - Poesia - Francisco Carvalho - UFC - 1998.
165. NOTÍCIA DO POVO CEARENSE - História - 2ª Edição - Yaco Fernandes - UFC - 1998.
166. A ÚLTIMA TESTEMUNHA - Romance - Elano Paula - UFC - 1998.
167. A INVENÇÃO DO DISCURSO AMBIENTAL - Ecologia - Eduardo Campos - UFC - 1998.
168. URBANIDADE E CULTURA POLÍTICA - (*A cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX*) - José Ernesto Pimentel Filho - UFC - 1998.
169. PEDRAS DO ARCO-ÍRIS OU A INVENÇÃO DO AZUL NO EDITAL DO RIO - Poesia - Barros Pinho - UFC - 1998.
170. CONTAGEM PROGRESSIVA - Reminiscências da Infância - Memórias - Caio Porfírio Carneiro - UFC - 1998.
171. RACHE O PROCÓPIO! - Crônicas - Lustosa da Costa - UFC - 1998.



Impresso na Imprensa Universitária
da Universidade Federal do Ceará
Av. da Universidade, 2932 - Caixa Postal 2600
Fone/Fax: (085) 281.9920
Fortaleza - Ceará - Brasil